Sally Nicholls
COMO VIVER ETERNAMENTE
ROMANCE
GERAÇÃO EDITORIAL

Sally Nicholls

COMO VIVER ETERNAMENTE

ROMANCE

GERAÇÃO EDITORIAL

Como viver eternamente
Título original: Ways to live forever
Publicado mediante acordo com MLB – Marion Lloyd Books – Scholastic Ltd.

Copyright © 2007 by Sally Nicholls

1ª. Edição – Maio de 2008

Trechos de Children and Death reproduzidos com permissão de Routledge Publishing Inc. Definições de "Morte" e "Dirigível" extraídas do Concise English Dictionary (9e), reproduzidos com permissão da Oxford University Press

Editor e Publisher: **Luiz Fernando Emediato**

Diretora Editorial:**Fernanda Emediato**

Tradução: **Lídia Luther**

Capa: **Raul Fernandes**

Diagramação: **Vanderlucio Vieira**

Revisão: **Luciara Assis**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicholls, Sally

Como viver eternamente : cada minuto conta / Sally Nicholls ; [tradução Lidia Luther]. -- São Paulo : Geração Editorial, 2008.

Título original: Ways to live forever : every minute counts
ISBN 978-85-61501-00-6

Autoria - Ficção 2. Ficção inglesa 3. Leucemia - Ficção 4. Morte - Ficção 5. Vida familiar - Ficção I. Título.

CDD-823 08-03105

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

GERAÇÃO EDITORIAL

Administração e Vendas
Rua Pedra Bonita, 870

CEP 30.430-390 – Belo Horizonte– MG
Telefax. (31)3379-0620
Email: leitura@editoraleitura.com.br
www.editoraleitura.com.br

Editorial
Rua Major Quedinho, 111 – 20º andar
CEP 01050-030 – São Paulo – SP
Tel. (11) 3256-4444 – Fax (11) 3257-6373
Email: producao.editorial@ terra.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

Para mamãe e Tom,
Nicola, Carolyn e Sarah

Obrigada.

Sumário

Lista nº 1 — Cinco fatos a meu respeito

Um livro sobre nós

Por que gosto de fatos

Bella

Perguntas que ninguém responde — nº 1

Como você sabe que morreu?

Lista nº 2 — Cinco fatos sobre minha aparência

Mamãe e papai

Lista nº 3 — Coisas que quero fazer

A discoteca dentro do guarda-roupa

Perguntas que ninguém responde — nº 2

Uma batalha sangrenta

O espião francês ou a história de como conheci Felix

Por que Deus faz as crianças adoecerem?

Lista nº 4 — Coisas favoritas

Muito perturbador para assistir em casa

Minha vida em hospitais

Capitão Cassidy

Dr. Bill

Escadas rolantes

Perguntas que ninguém responde — nº 3

Cena de morte

A história dos passos de vovô

Eu e Marian

Fatos verdadeiros sobre caixões

Visitas

Por que eu quero um dirigível

Ser adolescente

Lista nº 5 — Como viver eternamente

Ir à Lua

A história das estrelas

Explosões

Supernova

Seqüestrando o telefone

A história da cura

Um telefonema

Perguntas que ninguém responde — nº 4

O que aconteceu

O que é morrer?

Sozinho na noite

Mamãe

Lista nº 6 — O que fazer quando alguém morre

Mais Brigas

Perguntas que ninguém responde — nº 5

Furos de bala

A história do homem que pesou a alma humana

Annie

Perguntas que ninguém responde — nº 6

O enterro

Coisas que aconteceram

Cai a neve

Perguntas que ninguém responde — nº 7

O que aconteceu no meio da noite

Lista nº 7 — Cinco fatos sobre papai

Surpresas

Um anúncio de sabão em pó

Lista nº 8 — Fatos fantásticos sobre dirigíveis

Perfeito

Lista nº 9 — Melhores coisas

Uma decisão

Perguntas que ninguém responde — nº 8

A Lua e a Macieira

Por que temos de morrer?

Diferente

Pássaros de barro

Presentes

Primavera

Lista nº 10 — Para onde você vai quando morre?

Sonhando

Morrendo

Lista nº 11 — Coisas que quero que aconteçam depois que eu morrer

Agradecimento

Este é o meu livro, iniciado em 7 de janeiro e terminado em 12 de abril. É uma coletânea de listas, histórias, fotos, perguntas e fatos.
É também a minha história.

LISTA Nº 1 – CINCO FATOS A MEU RESPEITO

1. Meu nome é Sam.

2. Tenho onze anos.

3. Coleciono histórias e fatos fantásticos.

4. Tenho leucemia.

5. Quando você estiver lendo isso,
   provavelmente já estarei morto.

UM LIVRO SOBRE NÓS

7 de janeiro

Hoje foi nosso primeiro dia de volta às aulas depois dos feriados de Natal.

Temos aulas três dias por semana — às segundas, às quartas e às sextas — na sala de estar. Há apenas dois alunos — eu e Felix. Felix não quer saber de aprender nada.

— Qual é a vantagem de estar doente, se temos de estudar matemática? — disse ele na primeira vez que veio para a aula em minha casa. A Sra. Willis, nossa professora, não discutiu. Ela não fica brava quando Felix não faz nada. Ela o deixa ficar sentado, inclinado em sua cadeira, dizendo o que tem de errado com o que for que eu estiver fazendo.

— Não é assim que se escreve amônio! A gente nunca escreveu amônio assim na minha escola!

— Tem um planeta chamado Hércules, não tem, Sra. Willis?

— Para que você está fazendo *isso*?

Felix só vem à aula para me ver e dar um tempo para a mãe dele.

Atualmente, a Sra. Willis procura inventar alguma coisa para aguçar o interesse dele. Sabe como é, coisas como: construir vulcões com erupções de verdade, cozinhar comida da época romana, fazer fogo com uma lupa.

Só que minha mãe não gostou nada dessa idéia, porque sem querer fizemos, com o fogo, um buraco na mesa de jantar.

Quer dizer, meio que sem querer querendo.

Hoje, porém, a Sra. Willis disse:

— Por que vocês não escrevem alguma coisa?

Nós dois reclamamos, porque queríamos mesmo era mais incêndios ou, quem sabe, até uma explosão.

A Sra. Willis disse:

— Ah, por que não? Vai ser legal. Achei que fossem gostar de escrever alguma coisa a respeito de vocês mesmos. Sei que gostam de ler.

Felix olhou para ela. Estava brincando com dois dos orcs do meu Warhammer, puxando-os para frente, um enfrentando o outro, e fazendo “Rrumm!” com a boca fechada.

— Só porque não tem mais nada para a gente fazer no hospital — disse ele.

Eu e Felix somos craques em ficar em hospitais. Foi onde nos conhecemos no ano passado.

Eu não via como ler tinha a ver com escrever sobre mim. Por isso disse:

— Só tem livros sobre crianças que salvam o mundo ou são molestadas nas escolas. Ninguém vai escrever sobre nós.

— Talvez você, não — disse Felix. Ele pôs a mão na testa e afundou na cadeira. — A trágica história de Sam McQueen. Um garoto pobre e fraco! Enfrentando corajosamente um sofrimento terrível e hospitais sem televisão!

Fiz um barulho de vômito. Felix esticou a mão — a que não estava na sua testa — para mim.

— Adeus... adeus, caros amigos — disse ele e jogou-se na cadeira, fazendo barulho como se engasgasse.

A Sra. Willis disse:

— Aqui na mesa você não pode morrer, Felix.

Dava para sentir que ela não estava falando sério ou brigando.

Ela disse:

— Gostaria muito que vocês tentassem. Contem alguma coisa sobre vocês. Não é que precisem escrever um livro inteiro antes do almoço.

Então foi assim que começamos. Quer dizer, eu comecei. Felix não está fazendo de verdade. Ele escreveu "Meu nome é Felix Stranger e" e aí parou. A Sra. Willis não o está mais forçando a escrever. Mas eu já estou na terceira página.

Também a aula já está quase terminando. Está tudo muito quieto. A Sra. Willis finge que está corrigindo, mas está mesmo é lendo *70 Coisas que se Podem Fazer com Fogo* por baixo da mesa. Felix está empurrando meus *orcs* para um ataque surpresa em um vaso de planta. Columbus, o gato, fica observando com seus olhos amarelos.

Na cozinha, ao lado, mamãe está mexendo a sopa, que é o almoço. Papai está em Middlesbrough, trabalhando como advogado. Minha irmã, Bella, está na escola. Uma escola de verdade. A Escola Primária de Thomas Street.

A qualquer momento a campainha vai tocar... tocou! A mãe de Felix chegou. A aula acabou.

POR QUE GOSTO DE FATOS

Gosto de fatos. Gosto de saber das coisas. Os adultos nunca entendem isso. Você pergunta alguma coisa a eles, alguma coisa como “Posso ganhar uma bicicleta no Natal?”, e eles vêm com uma resposta meio boba como “Por que não esperamos para ver como você vai estar se sentindo perto do Natal?” Ou então você pode perguntar ao seu médico “Quanto tempo vou ficar no hospital?”, e ele vai responder algo como “Vamos ver como você vai reagir”, que é linguagem de médico para dizer “Eu não sei”.

Não preciso ir para o hospital nunca mais. O Dr. Bill me prometeu. Tenho de ir à clínica — e só. Se eu ficar bem doente mesmo, posso ficar em casa.

Isso porque vou morrer.

Provavelmente.

Morrer é a coisa mais boba de todas. Ninguém lhe conta nada.

Você faz perguntas, e eles tossem e mudam de assunto.

Se eu crescer, vou ser um cientista. Não daquele tipo que mistura produtos químicos, mas do tipo que investiga óvnis, fantasmas e coisas assim. Eu vou até uma casa assombrada e faço testes para provar se há ou não *poltergeists*, alienígenas e se os monstros do Lago Ness realmente existem. Sou muito bom em descobrir as coisas. Vou descobrir as respostas para as perguntas que ninguém sabe responder.

Todas elas.

BELLA

7 de janeiro

Minha irmã Bella voltou para a escola hoje também. Ela e mamãe tiveram uma briga feia hoje de manhã por causa disso. Ela não entende por que eu fico em casa o dia inteiro e ela, não.

— Mas o Sam não vai para a escola! — ela disse a mamãe. — E você não vai trabalhar!

— Eu tenho de cuidar do Sam — mamãe disse.

— Não tem — replicou Bella. — Você só fica passando roupa, plantando coisas e conversando com vovó.

O que era verdade.

Minha mãe me chamou de Sam por causa do Sansão da Bíblia. Meu pai escolheu Bella por causa de uma tia dele. Se tivessem conversado um pouco mais enquanto decidiam, não teriam acabado com um filho e uma filha chamados Sam e Bella[1], mas agora é tarde demais para mudar. Penso que meu pai ainda assim acha engraçado.

Bella tem oito anos. Tem cabelos escuros e olhos castanho-esverdeados brilhantes, como aquelas pedras que curam que você compra em lojas *hippies*. Ninguém na minha família presta atenção neles. Vovó só anda com calças remendadas e coletes acolchoados com bolsos para lápis, pacotinhos de sementes e bilhetes de trem. E as roupas de mamãe têm mais de cem anos. Mas Bella sempre se preocupa com o que vai vestir. Tem uma caixa enorme de esmaltes e quase toda a maquiagem de mamãe, porque mamãe quase nunca usa.

—Por que você não usa? — pergunta Bella. —. — *Por quê*?

Bella está sempre fazendo perguntas. Vovó diz que ela nasceu fazendo uma pergunta que até agora não foi respondida.

— Foi mesmo? — perguntou ela quando ouviu isso. — E qual foi?

Todo mundo riu.

— Onde estou? — respondeu mamãe.

— Quem é essa gente tão estranha? — respondeu vovó.

— O que estou fazendo aqui? — respondeu papai. — Era para eu ser uma princesa!

—Quem faria de você uma princesa? — disse eu.

~~~
~~~

Já é de tarde e eu ainda estou escrevendo. Aposto que eu poderia escrever um livro. Fácil, fácil. Eu queria escrever mais depois que Felix foi embora, mas Maureen, da igreja de mamãe, apareceu, assim tive de agüentar a visita. Ela só foi embora quando mamãe precisou ir pegar Bella na escola. Eu estava matutando sobre "Perguntas que Ninguém Responde" à mesa do jantar quando elas voltaram. Bella correu direto até mim.

— O que você está fazendo?

— Coisa de escola — respondi. Escondi com o braço a página. Bella se esgueirou por trás de mim e espiou sobre meu ombro.

— Bella, estou ocupado! — disse eu. Não deveria ter dito isso. Ela cutucou meu braço.

— Deixe eu *ver*!

— Mamãe! — gritei. — Bella não está deixando eu fazer meu trabalho!

— Sam não está deixando eu *ver*!

Mamãe estava ao telefone. Ela entrou na sala com o aparelho apertado contra o peito.

— Crianças! Comportem-se! Bella, deixe seu irmão em paz.

Fiz careta para Bella. Ela se jogou no sofá.

— Não é justo! Você sempre deixa ele ganhar!

Bella e mamãe sempre brigam. E Bella sempre diz que não é justo. Aposto que essa é a única razão para eu ganhar, porque não fico fazendo manha como ela.

Mamãe desligou o telefone e se aproximou de Bella. Bella gritou:

— Vá embora! — e subiu a escada.

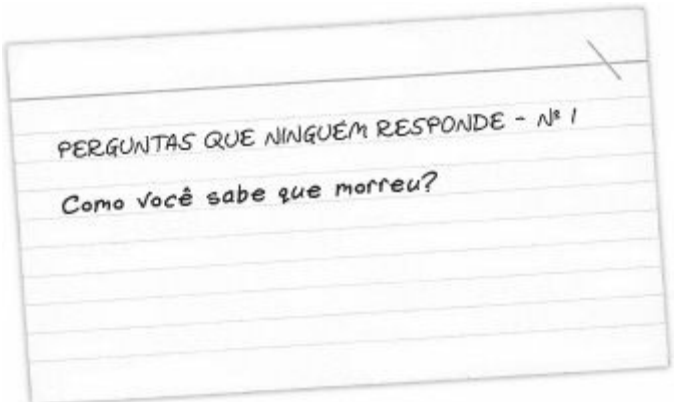
Mamãe deu um suspiro enorme. Ela se aproximou de mim. Fechei o caderno para que não visse o que eu estava escrevendo.

— É segredo? — perguntou ela.

— É para a escola.

Coloquei a caneta em cima do caderno fechado. Mamãe deu um suspiro. Beijou o topo de minha cabeça e subiu as escadas à procura de Bella.

Esperei até ter certeza de que ela tinha ido; depois peguei a caneta e comecei a escrever de novo.



COMO VOCÊ SABE QUE MORREU?

9 de janeiro

Hoje teve aula de novo. Eu contei a Sra. Willis que vou escrever um livro.

— Vai ser sobre mim — disse —, mas também é uma pesquisa científica. Já escrevi bastante.

Então mostrei a ela a primeira das minhas "Perguntas que Ninguém Responde".

— Parabéns — disse ela. — Mas como exatamente você vai achar as respostas para todas essas coisas?

— Vou procurar na Internet — respondi.

A gente encontra tudo o que quer na Internet.

~~~

Hoje a Sra. Willis deixou eu e Felix procurarmos para saber como você sabe que morreu. Tivemos de trazer o *laptop* de papai do estúdio para a sala, porque Felix está em uma cadeira de rodas no momento. Quando o conheci, ele ficava na cadeira de rodas só algumas vezes, mas agora é quase sempre. Ele pode caminhar, na verdade. É que ele gosta que as pessoas façam as coisas para ele.

Começamos com o www.ask.com e terminamos em um site sobre experiências de quase-morte. Uma experiência de quase-morte acontece quando alguém quase morre, mas muda de idéia no último minuto e volta. O site diz que isso acontece com cinco por cento dos americanos adultos.

— Isso é o que *eles dizem* — disse Felix.

Todo tipo de coisa acontece com essas pessoas, de acordo com o *site*. Elas passam por túneis escuros. Vêem luzes fortes e anjos. Algumas vezes, flutuam acima do próprio corpo e vêem os médicos conversando sobre elas ou dando choques elétricos. Era exatamente o tipo de ciência que eu queria estudar. Achei sensacional. Felix, não.

— Não é real — disse ele. — Como é que todo mundo só vê anjos? E os assassinos em série?

~~~

A Sra. Willis fez a gente escrever todas as evidências a favor e contra, como um estudo científico de verdade. Era mais uma maneira que ela encontrou para Felix fazer alguma coisa, mas funcionou. Ele escreveu oito frases "Contra".

Experiência de quase-morte (EQM) — Contra Por Felix Stranger

As EQMs não são de fato experiências de morte porque as pessoas não morrem de verdade. É apenas o cérebro dessas pessoas agindo esquisito porque não tem oxigênio suficiente ou porque elas estão tomando medicamentos estranhos. Se elas fossem verdadeiras, então por que coisas diferentes acontecem com pessoas diferentes? E por que apenas coisas boas acontecem? Por que elas não encontram o diabo ou algo assim? Além disso, esse é o tipo de coisa que alguém inventaria para chamar a atenção para si mesmo. Como os crop-circles*, aqueles círculos em plantações que todo mundo achou que eram feitos por naves espaciais, mas eram mesmo feitos pelos donos dos campos de centeio com seus cortadores de grama, tentando ficar famosos.*

Ele representava o cinismo do público. Eu representava o cientista inovador, então escrevi "A Favor".

EQM — A Favor
Por Sam McQueen
27 *A EQM vem acontecendo desde os tempos de Platão, que viveu há milhares de anos. Sabemos disso porque ele escreveu sobre o fenômeno. Em uma experiência de quase-morte, a pessoa morre de verdade. E depois volta. Então é óbvio que o que acontece com ela é real. E também ela vê coisas reais. Por exemplo, uma mulher estava flutuando no teto e ouviu os médicos dizerem tudo aquilo que ela descobriu mais tarde que eles tinham mesmo falado. Mas ela não poderia ter sabido porque estava morta naquele momento. E às vezes coisas ruins também acontecem com as pessoas. Um cara disse que foi cutucado por duendes com forcados.*

A Sra. Willis disse que ficou claro que tínhamos mentes científicas e que sentia muito ter duvidado disso. Felix e eu passamos o resto da aula planejando nossa EQM perfeita. Chegamos a um impasse porque ambos queríamos ir para o Céu, mas somente se tivéssemos duendes com forcados nos cutucando também.

LISTA Nº 2 – CINCO FATOS SOBRE MINHA APARÊNCIA

1. Tenho cabelos. Eles caíram no ano passado por causa das drogas que tomei, mas já cresceram de novo. E são castanho-claros.

2. Tenho olhos azuis.

3. Tenho um monte de machucados. Não é minha culpa. A leucemia faz isso com a gente.

4. Sou baixo para quem tem onze anos e um pouco pálido.

5. Tenho um sinal de nascença que tem a forma de um trevo de quatro folhas no joelho. Só que ele não realiza nenhum desejo.

MAMÃE E PAPAI

10 de janeiro

Minha mãe costumava trabalhar para uma instituição de caridade que faz coisas para crianças com problemas de aprendizado. Ela parou quando fiquei doente pela segunda vez. Agora ela fica em casa, me leva para a clínica e toma conta de todo mundo que vem nos visitar. Ela fica de folga no domingo para ir à igreja e cantar em um coro. Bella também vai às vezes, mas apenas porque todo mundo fica bajulando. Eu costumava ir também, mas não vou mais, porque detesto quando as pessoas ficam me bajulando. Papai nunca vai.

Papai é muito inteligente. Ele sabe um montão de coisas, mas eu nunca poderia fazer nenhuma das minhas perguntas a ele. Ele não fala sobre minha doença. Eu nunca tentei falar com ele sobre isso, mas vovó e algumas das minhas tias já tentaram. Ele sempre diz "Não vamos falar sobre isso" e sai da sala.

Tenho um monte de tias e tios. Mamãe tem um irmão, mas meu pai tem um irmão e quatro irmãs. Mamãe diz que é por isso que ele é tão quieto e gosta de ter seu momento para ler o jornal em paz, porque nunca teve seu próprio espaço quando era criança. Eu acho que isso é besteira, porque minhas tias e meu tio nunca tiveram um espaço próprio também e estão sempre falando e rindo.

É que papai é quieto, como eu. É tímido. Quando está só com nossa família, ele não fica quieto. Ele conversa, conta piadas, conta histórias. Conhece várias histórias. Só que ele não gosta quando tem um monte de gente em casa, como agora quando eles ficam vindo nos visitar. Ele lê o jornal e não conversa ou, se são pessoas de que ele não gosta, sai e vai ler em seu estúdio.

Eu não acho que há alguma coisa errada nisso. Eu mesmo queria poder me esconder às vezes também.

Vovó fica com raiva de papai de vez em quando, porque ela diz que ele deixa tudo para mamãe fazer. Mas papai também faz coisas. Ele ganha o dinheiro. E ele *também* ajuda. Como daquela vez em que eu estava no hospital; mamãe chegou em casa e encontrou quatro tipos diferentes de sopa na soleira da porta. Papai e Bella esquentaram as sopas, levaram para o hospital e ofereceram uma tigela para todos os pacientes na sala de emergência.

Todo mundo pensou que eles eram malucos. Mas acabaram com a sopa.

LISTA Nº 3 – COISAS QUE QUERO FAZER

1. Quero ser um cientista famoso. Descobrir coisas e escrever livros sobre minhas descobertas.

2. Bater um recorde mundial. Não um recorde de algum esporte, obviamente. Um recorde bobo.

3. Assistir todos os filmes de terror que não me deixam ver. Aqueles para maiores de 15. Ou de 18.

4. Subir a escada rolante de descer ou descer a escada rolante de subir.

5. Ver um fantasma.

6. Ser um adolescente. Fazer coisas que adolescentes fazem, como beber, fumar ou ter namoradas.

7. Passear em um dirigível.

8. Subir em uma nave espacial e ver a Terra do espaço.

A DISCOTECA DENTRO DO GUARDA-ROUPA

13 de janeiro

Foi a Sra. Willis que me falou sobre as coisas a fazer. Ela disse que devíamos fazer uma lista.

— Coisas que quero fazer. Ou apenas coisas que quero. De preferência alguma coisa alcançável, mas não necessariamente.

Há muitas coisas que quero fazer. Gosto de escrevê-las em um papel. A Sra. Willis também gosta. Ela escreveu:

1. Visitar o Grand Canyon.
2. Arrumar o sótão.
3. Poder usar um laboratório de verdade.
4. Aprender a fazer merengues.
5. Adestrar meu cachorro.

— Adestrar o cachorro! — exclamou Felix. — Que tipo de desejo é esse?

— Você não conhece o cachorro — respondeu a Sra. Willis.

A lista de Felix era bem pequena. Dizia:

1. Ser rico e famoso.
2. Soltar uma bomba atômica em todos os médicos.
3. Ir ao show do Green Day.

— Você já foi a um show do Green Day — eu disse. — Você foi com seu irmão.

Felix se inclinou sobre sua lista novamente.

— Pronto! — disse ele. — Satisfeito?

3. Ir ao show do Green Day DE NOVO.

A aula foi boa. Passamos o resto dela desenhando pessoas soltando bombas atômicas sobre o Green Day de aeronaves, com margens de fantasmas tomando cerveja e subindo escadas rolantes.

~~~

Depois que a Sra. Willis foi embora, Felix e eu continuamos na mesa. Comecei a
~~~

enfileirar meu exército de *Warhammer* na esperança de que ele fosse brincar comigo. Felix se inclinou sobre a minha lista com seu chapéu cobrindo os olhos. Ele usava um monte de chapéus por causa dos medicamentos que lhe deram no ano passado e fizeram seus cabelos caírem. Os medicamentos também fizeram isso com os meus cabelos, mas eles cresceram de novo. Os de Felix, não. Hoje ele usava um *fedora*, que é um tipo de chapéu-coco de feltro enformado. Ele parecia um James Bond desalinhado.

— Você vai realmente fazer essas coisas? — perguntou ele.

— Não sei — respondi. Eu estava mais preocupado em preparar o cenário para os *Warhammer*. — Provavelmente não. Por quê?

— Bem, porque poderíamos. Não poderíamos?

Ele olhou para mim, me desafiando a argumentar. Remexi na minha caixa de pecinhas, procurando um outro arqueiro.

— Não são coisas para se fazer de verdade — expliquei. — São mais como... como desejos. Não são coisas reais.

Felix se inclinou para a frente. Ele gosta de argumentar.

— E daí? A Sra. Willis vai fazer merengues, não vai? Então por que não podemos assistir filmes de terror? O Mickey tem um monte em casa.

Ele empurrou a lista para a frente, para onde eu estava. Olhei para ela.

— Podemos fazer dois deles — eu disse. Fiquei de joelhos na minha cadeira para me inclinar e mostrar para ele a lista.

— Olhe. Podemos assistir filmes de terror e subir escadas rolantes que descem. Talvez. Agora, o resto não podemos fazer.

— Podemos bater um recorde mundial.

Você não pode bater um recorde mundial assim *simplesmente*.

Fui buscar meu exemplar do *Livro Guinness dos Recordes* para mostrar para ele. Eu adorava os recordes mundiais. Adorava como eles são tão exatos. O mais rápido que alguém já subiu os degraus da Torre CN usando um pogo stick [2] foi em cinqüenta e sete minutos e cinqüenta e um segundos[3]. A palavra mais longa na língua inglesa com cada letra aparecendo pelo menos duas vezes é *unsprosperousnes*[4]. E aí está um fato verdadeiro, escrito nesse livro. Se alguém conseguir bater um recorde, é só mandar uma carta para a pessoa que registra os recordes; isso é verificado e então é colocado no livro como um fato verdadeiro. Além disso, você fica famoso.

Felix pegou o livro das minhas mãos e começou a folhear as páginas, procurando por um recorde fácil.

— Comer o maior número de minhocas em trinta segundos! Faça esse!

Conhecia esse recorde. Olhei por cima do ombro dele.

— O cara comeu duzentas minhocas. Eu não vou comer *duzentas* minhocas!

— Duzentas e uma — disse Felix.

Eu o ignorei. Ele procurou outra página.

— A menor discoteca do mundo: 2,4 x 2,4 x 1,2 metros. Isso não é um recorde de verdade! Quando foi publicado este livro?

— Ganhei neste Natal.

Felix sacudiu a cabeça.

— Qualquer um pode construir uma discoteca. Do que a gente precisa? Música?

— E luzes pisca-pisca... uma máquina de fazer fumaça... gelo seco — leio para ele.

Felix faz um gesto negativo com a mão. Você não precisa de tudo isso. Vamos pôr o *CD player* dentro do guarda-roupa.

— Isso não é um recorde!

— Por que não?

— Por várias razões! — eu nunca consigo vencer minhas discussões com Felix. — Discotecas são abertas ao público.

— Mas a nossa também. É que a gente não é muito bom na hora de fazer propaganda — disse ele, rindo. — Vamos, vá pegar o *CD player*. Você quer um recorde ou não?

Fiz uma careta para ele. Mesmo assim, fui pegar o *CD player* na cozinha. Quando voltei, Felix tinha ido ao meu quarto e estava espiando dentro do meu guarda-roupa. Meu quarto era antes a garagem, por isso fica no térreo. É bem grande. Tem os móveis sólidos e azuis com tudo combinando e um monte de pôsteres: do Homem-Aranha, do sistema solar, de um dos filmes do *Senhor dos Anéis*, de um lobo que meu tio trouxe para mim do Canadá.

— Tem uma tomada? — perguntou Felix quando voltei. Ele achou minha lanterna Maglite e estava iluminando o interior do guarda-roupa.

— Tem pilhas.

Coloquei o *CD player* dentro do guarda-roupa e liguei. Começou a tocar *Don't Stop Me Now.* Felix resmungou. Eu ri.

— Não é à toa que não temos freqüentadores!

— Quem se importa? — disse Felix. — Olhe, temos música. Temos as luzes.

Ele acendeu a lanterna e fez a luz dançar dentro do guarda-roupa. — Olhe só, temos até uma pista de dança móvel — ele iluminou meu *skate* antigo, em pé no fundo do guarda-roupa.

— Recorde mundial. O que mais você quer?

Eu ri. Felix sempre me fazia rir.

— Olhe — disse ele. — Se você ainda acha que isso não conta, então podemos bater um novo recorde. A menor discoteca dentro de um guarda-roupa. Tenho certeza de que ninguém bateu esse recorde.

— Somente porque ninguém bateria! Por que alguém iria bater um recorde

desses?

— E quem subiria a Torre CN em um *pogo stick*? — perguntou Felix. Ele também estava rindo. — Quem se importa se é uma coisa boba? É um recorde, não é?

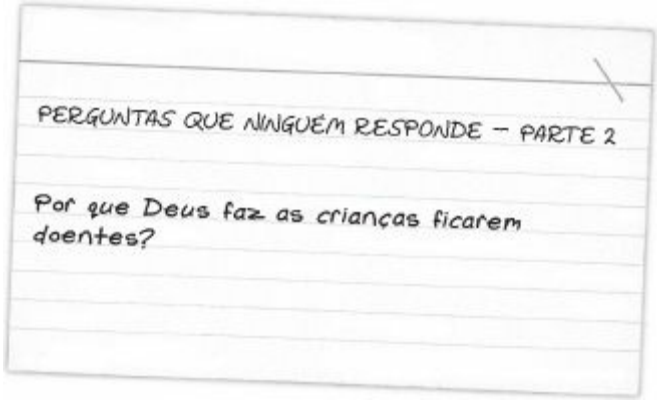
— Não é mesmo. Um recorde é muito mais impressionante do que isso.

Felix olhou para mim. Dava para ver que ele estava tramando alguma coisa.

— Não tem problema — disse ele.

Estes são os novos (não-oficiais) recordes que Felix e eu batemos antes que a mãe dele chegasse.

1. Sam McQueen e Felix Stranger: menor discoteca dentro de um guarda-roupa: o Clube do Cabide.
2. Felix Stranger: a maior quantidade de sucrilhos comida em quinze segundos: cinco mãos cheias.
3. Sam McQueen: o tempo mais curto para pular os degraus de um vão de escada (segurando no corrimão): quarenta e três segundos.
4. Felix Stranger: recitar mais vezes em trinta segundos o alfabeto completo, sem erros: nove vezes.
5. Proibido (mamãe): tempo mais curto para pular os degraus de um vão de escada (sem segurar no corrimão).



UMA BATALHA SANGRENTA

13 de janeiro

Passei o dia inteiro escrevendo sobre Felix, a aula e o recorde. Às vezes, desde que fiquei doente da última vez, eu fico cansado. Tudo o quero fazer é me enrolar na cama e assistir filmes, ou ficar olhando um livro, ou escrever e escrever e não ter de pensar. Hoje foi assim. Papai chegou cedo do trabalho, para que mamãe pudesse levar Bella para comprar sapatos. Foi bom ter papai só para mim. Mesmo que tudo o que ele fez tenha sido ler o seu livro.

E então mamãe e Bella voltaram.

— Finalmente chegamos! — exclamou mamãe. Ela detesta comprar coisas com Bella. Elas sempre brigam. Ela jogou as sacolas no chão e olhou para nós.

— Vocês não se mexeram desde que saímos? Sam, o que está fazendo? Escrevendo um romance?

Fechei meu caderno. Não queria que ela visse o que eu *estava* fazendo. Ela fica chateada, minha mãe. Sei como ela ficaria chateada com algumas das coisas que escrevi. Como as perguntas. Papai apenas ignora essas coisas, mas mamãe chora.

— É para a escola.

— Você anda fazendo um montão de dever de casa ultimamente, não é mesmo?

Papai olhou para nós.

— Ele não fez nada além de escrever a tarde toda — disse, empurrando os óculos sobre o nariz. — Se você está se esforçando tanto para preparar suas tarefas de casa, não acha que está na hora de voltar para a escola? Aquela pobre mulher já deve estar cansada de vir aqui.

— Eu gosto da Sra. Willis — eu disse rapidamente. Não queria voltar para a escola. Os outros alunos ficavam olhando e fazendo perguntas: "Como é que você pode ir para casa só porque ficou cansado?" ou: "Você está doente de verdade mesmo?"

— Daniel... — disse mamãe com seu tom de aviso. Bella ficou olhando. Papai sacudiu a cabeça.

— É ridículo. Qualquer um pode ver que Sam está muito melhor. É bobagem mantê-lo aqui dentro de casa, enfurnado, sem nada para fazer...

— Mas eu tenho um monte de coisas para fazer — retruquei. — Papai. Não comece. Eu estou bem.

— Daniel... — disse mamãe, de novo. O sorriso tinha desaparecido do seu rosto. — Daniel, não comece com isso de novo. *Por favor*. Não na frente das crianças.

Bella puxou a manga da blusa de mamãe.

— Mamãe? Mamãe? Qual é o problema, *mamãe*?

Mamãe não respondeu. Estava olhando para papai. Papai tinha um jeito meio culpado e ao mesmo tempo determinado.

— Não creio que aquele médico sabia do que estava falando. — disse ele. — Sam está ótimo. Olhe só para ele.

Elas olharam para mim. Bella gritou.

— Sam!

Pus a mão no rosto. Estava coberto de sangue.

Mamãe deu uma olhada furiosa para papai, como se fosse culpa dele. O que não era. Ela se aproximou e se ajoelhou ao meu lado.

— Tudo bem, Sam. Incline-se para a frente. Pronto. É apenas o nariz sangrando. Daniel, *Daniel,* não fique sentado aí sem fazer nada, vá pegar alguns lenços de papel. Tudo bem, Sam.

Meu nariz sangrava demais. Eu detestava. Detestava todo mundo correndo para ajudar. Bella na sua categoria de escoteira mirim, passando os lencinhos de papel para mamãe. Mamãe me dizendo o que fazer, como se eu já não soubesse. E papai. Sem se mover. Apenas lá, parado. Observando com um olhar estranho na cara.

Eu abaixei a cabeça e fingi que um vento tinha passado pelo meio da casa e levado todos eles. Fiquei olhando fixo as gotas de sangue ainda pingando — ping, ping, ping — das palmas das minhas mãos para o chão.

E agora estou amarrado a um suporte. Isso também acontece muito.

~~~

Depois que o sangue parou de escorrer, mamãe ligou para Annie. Annie é minha enfermeira especial, do hospital. Ela é louca. Tem uma vespa rosa que pilota para todo lugar. Ela se dá o apelido de Drácula porque está sempre tirando o sangue da criançada para fazer exames.

— O que você anda aprontando? — perguntou ela, enquanto

se sentava ao meu lado para tirar uma amostra de sangue. Tirei minha camiseta para que ela pudesse chegar à minha linha de Hickman. Uma linha de Hickman é um tubo plástico fino e longo que tenho enfiado no meu peito. Eles usam para tirar o meu sangue e dar medicamentos. Não é nada demais, mas é um saco porque está sempre lá e não deixa você se esquecer de que está doente.

Não sei o que Annie queria que eu respondesse. Pensei em tudo que estava acontecendo — este livro, as coisas que Felix e eu começamos a fazer, minhas perguntas, papai dizendo que o Dr.

Bill estava errado e que talvez eu fosse melhorar apesar de tudo.
~~~

— Nada — disse eu.

Depois que Annie foi embora, tudo ficou meio chato. O que acontece geralmente quando meu nariz sangra e outras coisas assim é que eu tomo as plaquetas — uma vez por semana —, mas, antes que eu possa tomar, eles precisam examinar meu sangue. Assim, enquanto esperávamos pelos resultados, mamãe andou pela casa com raiva e papai ficou amuado em um canto da mesa, sem querer se desculpar. Finalmente, ele foi até a cozinha à procura de mamãe. Bella e eu podíamos ouvi-los falando em voz baixa, mas não dava para saber se estavam brigando ou fazendo as pazes.

E eu realmente precisava das tais plaquetas. Annie acabou de trazê-las do hospital. Elas são amarelas e moles e vêm em uma bolsa como o sangue. É só conectar a bolsa a um suporte de e metal[5] as plaquetas passam para o meu corpo através da linha. Elas são as partes do sangue que fazem as cascas de feridas e fazem o sangue parar de escorrer quando você se corta.

E isso é tudo o que se pode dizer sobre plaquetas.

O ESPIÃO FRANCÊS OU A HISTÓRIA DE COMO CONHECI FELIX

Você se lembra de que disse logo no início que gosto de colecionar histórias? As de verdade são as melhores. Esta é uma história de verdade. É a história de como conheci Felix.

Foi no ano passado, quando fiquei no hospital por seis semanas inteiras. Eu tinha chegado lá apenas alguns dias antes de conhecê-lo. Era noite, e a ala infantil tinha uma atmosfera de escuridão, de fim do dia. Eu estava deitado na cama com a porta aberta, para poder espiar o corredor. Não havia muito o que ver. A maioria das pessoas tinha ido para casa. Eu não estava lendo, nem assistindo televisão, nem jogando no meu *Gameboy*. Estava apenas observando os reflexos de luz no chão do hospital, me sentindo entediado, cansado e meio pesado, quando um menino passou pelo corredor em uma cadeira de rodas.

Era um menino magrinho, um pouco mais velho do que eu. Estava usando uma calça de agasalho, uma camiseta preta e uma boina preta cobrindo parte de uma orelha. A boina o deixava parecido com um espião francês ou alguém da resistência francesa na Segunda Guerra Mundial.

Ele também parecia estar agindo como um espião. Empurrou a cadeira de rodas para o fim do corredor em que ficava a sala das enfermeiras. Depois espiou pelo canto da parede, bem rápido. Em seguida deu ré e voltou ao corredor. E repetiu tudo de novo. Depois deve ter se convencido de que a costa estava livre, porque acabou desaparecendo na esquina da parede. Logo voltou, porém, a toda velocidade, como se os nazistas no hospital estivessem em seu encalço. Eu me sentei na cama, esperando ver alguém vir atrás dele, mas não apareceu ninguém.

Achei que o menino estava fazendo pose, porque ele realmente não precisava de toda aquela encenação de ir e voltar na cadeira de rodas só para espiar pelo canto da parede. Inclinei-me na cama, tentando imaginar o que ele aprontaria depois.

Foi quando ele se virou e me viu olhando.

Ficamos olhando um para o outro, através da porta aberta do quarto. Então ele tirou a boina e se inclinou para mim o melhor que pôde, por estar sentado na cadeira de rodas. Foi quando percebi que ele tinha perdido todos os cabelos; então soube que ele tinha câncer. Continuei olhando para ele, até perceber que esperava que eu

fizesse alguma coisa. Então me inclinei para ele, muito sério. Depois olhei bem rápido para ver o que ele faria em seguida.

Ele colocou o dedo nos lábios para mostrar que era para eu não dizer nada. Fiz um gesto com a cabeça, concordando. Ele confirmou com um aceno e enfiou a boina de volta na cabeça. Depois fez uma espécie de saudação com os dois dedos, como se dissesse, "Até mais, camarada", ou algo parecido. Virou-se e seguiu para a sala das enfermeiras.

Eu fiquei lá sentado, esperando. Tinha certeza de que o veria de novo.

Tinha sumido havia apenas meio minuto, quando voltou, dando ré em desespero. Mas dessa vez ele entrou no meu quarto. Apalpou a beira da porta com os dedos, segurou firme e puxou a porta, que se fechou com um baque.

Atrás de nós, ouvimos o ruído da cama de alguém sendo arrastada pelo corredor.

Ficamos sentados, eu na minha cama, e ele na sua cadeira, olhando um para o outro.

Fiquei todo tímido. Felix, não. Felix nunca foi nem é tímido. Eu jamais entraria no quarto de uma criança estranha sem perguntar se podia, mas ele não estava nem aí.

— Ufa! Foi por pouco! — disse ele. E, ao dizer isso, tirou a boina e limpou a testa. Não que sua testa estivesse suada de verdade.

Ele só fez isso para fazer efeito. Agora estava tão perto que eu podia ver o que estava escrito na camiseta dele. Dizia "GREEN " "DAY *american idiot*" e tinha um desenho de uma mão branca apertando um coração vermelho. O desenho tinha um monte de linhas, como acontece quando uma roupa é lavada muitas vezes.

— Por que está se escondendo? — perguntei.

— Estou indo para a lojinha — disse. Remexeu no bolso que havia ao lado da cadeira de rodas e tirou algo de dentro, com os dedos em volta, tentando esconder caso algum pára-quedista nazista aterrissasse de repente no corredor e pudesse ver o que era: um maço de cigarros.

— Onde você conseguiu? — perguntei, olhando para o maço.

— Da máquina do *pub* do meu tio — disse ele. — Agora acabou e preciso de mais — ele enfiou o maço vazio de volta no bolso. — Se eu conseguisse passar por elas — gesticulou com a cabeça na direção da sala das enfermeiras —, talvez pudesse pedir a alguém lá embaixo para comprar para mim. Sabe como é, eu digo que estou morrendo e meu último desejo neste mundo é fumar um cigarro.

Ele sorriu, me desafiando a dizer alguma coisa.

Eu gostei logo dele.

— Não vai funcionar — disse eu. — É melhor você dizer a eles que tem um tio rico que está morrendo e está procurando um herdeiro, e o último desejo dele é fumar um cigarro. As pessoas não estão nem aí para um tio rico que estiver

morrendo por ter fumado muitos cigarros. Mas, para crianças, sim.

O menino levantou a sobrancelha.

— Vale a pena tentar — disse ele. — Você vem?

Hesitei.

— Por que está preocupado com as enfermeiras? — perguntei. — Ninguém vai se importar se você for até a lojinha, não é?

O menino bateu no nariz com o dedo, misteriosamente.

— É para despistá-las — disse ele. — Vamos supor que elas sintam o cheiro da fumaça no meu quarto. Se eu não saí do andar, não pode ter sido eu, não é mesmo? Como fui arranjar cigarros? Então deve ter sido uma visita ou outra pessoa. Entendeu?

Entendi. Mais ou menos. Na verdade, achei que elas suspeitariam muito mais se o pegassem tentando passar despercebido por elas. Mas sabia que isso não era o ponto importante.

Era um jogo. As enfermeiras eram o inimigo. Nós éramos o exército de resistência.

~~~

Não foi difícil passar pela sala das enfermeiras. De qualquer maneira, havia apenas uma delas lá; assim, disse a ela que o menino no quarto ao lado do meu estava fazendo um barulhão. O que era verdade.

Assim que ela se foi, Felix gritou:

— Vá! Vá!

E lá fomos nós, a toda velocidade, pelo corredor, em direção à liberdade.

Foi muito divertido ficar tentando convencer as pessoas a comprar cigarros para Felix. Ele começou com a história do tio, mas ninguém acreditou. E, se ele dizia que estava morrendo, apenas olhavam chocados e se afastavam. Assim, tivemos de pensar em outras soluções.

Contei a uma mulher bonita com dois filhos pequenos que minha irmã ia ser operada e que o cirurgião precisava de cigarros para fazer suas mãos pararem de tremer. Ela apenas riu e disse que procurasse outro cirurgião.

Felix disse a um velhinho que estava sofrendo com os sintomas do efeito da falta de cigarros, o que era muito perigoso nas condições fracas em que se encontrava. Isso foi um erro. O velhinho começou a contar a Felix o que tinha acontecido com *ele* quando parou de fumar. Felix ficou acenando com a cabeça como se estivesse realmente interessado no que o homem falava.

— Não acredite no que eles lhe dizem. Eu tenho noventa e cinco anos. Noventa e cinco!

Felix e eu ficamos olhando um para o outro, tentando não rir.

Eu disse a um homem bem magrelo e de barba que estava fazendo um trabalho de
~~~

pesquisa para a escola para saber quantas pessoas em uma ala de câncer aceitariam um cigarro. Ele me disse para usar um questionário.

Por fim, Felix contou a uma adolescente que um garoto na ala infantil iria nos bater se não comprássemos alguns cigarros para ele. Não creio que ela acreditou, mas mesmo assim ela comprou os cigarros.

Depois disso, Felix e eu nos tornamos amigos.

POR QUE DEUS FAZ AS CRIANÇAS ADOECEREM?

16 de janeiro

Hoje a aula foi na casa de Felix, para que mamãe pudesse passar o dia com uma de suas amigas. Felix mora do outro lado de Middlesbrough, em uma casa geminada que sempre cheira a cachorro. Eles têm uma cachorra gorda e comprida chamada Maisy. Ela tem a cor de um capacho e uma expressão boba e de surpresa na cara. A cama de Felix sempre fica com um monte de pêlos de cachorro, mas ele não liga.

A Sra. Willis nos deixa jogar *Top Trumps*, um jogo de cartas, em vez de dar aula. Combinamos que, se alguém perguntasse, diríamos que era matemática.

Também fizemos minha nova pergunta.

Como uma lista.

A Sra. Willis começou:

— Certo — disse ela, quando mostrei a pergunta. — Por que Deus faz as crianças adoecerem? O que você acha? Quantas respostas você terá antes do meio-dia?

Felix disse:

— Ele não existe. Isso é óbvio. É por isso.

— Isso não é uma razão — eu disse.

— Claro que é — retrucou Felix. — Ele pode não existir. Vai, escreva aí.

Eu escrevi.

1. Ele não existe.

— Número dois — comecei, mas Felix se antecipou.

— Número dois — ele disse, se inclinando para a frente.

— Número dois: Ele existe, mas é secretamente mau. Gosta de torturar criancinhas só por diversão.

— Eu não vou escrever isso! — eu disse.

— Por que não? — perguntou Felix. — Pode ser verdade. E não me diga que você nunca pensou nisso.

Não respondi.

— Então, vamos — disse Felix. — Número dois. Vai, escreva.

2. Deus é realmente mau.

— Tudo bem, mas agora só vamos pôr as coisas boas — disse eu, firme.

— Não tem nenhuma coisa boa — disse Felix. — Como poderia ter? Se alguém dá câncer a criancinhas, então esse alguém não pode ser *bom*.

Ele me olhou de um jeito como se fosse minha culpa.

Pensei um pouco e então escrevi:

3. Deus é como um grande médico. Faz as pessoas ficarem doentes só para depois fazê-las melhorar — do mesmo jeito que os médicos dão quimioterapia às pessoas para fazê-las melhorar. Não importa para Deus se você morrer, porque você acaba indo para o Céu, que é onde Ele vive, de qualquer maneira.

— Isso é bobagem! — disse Felix, lendo por cima do meu ombro.

— É isso que mamãe acha — disse eu para me defender.

— Como é que ter câncer vai fazer você *melhorar*?

— Bem — hesitei. — Para ensinar coisas.

— Que coisas?

— Bem... como... — vacilei — ... como o que é importante na vida. Sei lá. Você fica entusiasmado de poder andar de bicicleta, por exemplo. E... e percebe como é importante sua família. Coisas assim.

— Essa — disse Felix — é a maior besteira que já ouvi na vida. Deus lhe dá câncer para lhe ensinar o quanto é bom *andar de bicicleta*? Não pode pôr isso aí!

— Mas agora já coloquei — disse eu. Olhei para ele. — Então, pense você em outra coisa.

— Não existe razão — disse Felix. — Simplesmente acontece.

4. Não existe razão.

— Cinco — disse eu. — Existe uma razão, sim, mas somos muito estúpidos para compreendê-la.

Olhei firme para Felix. Ele riu.

— Não é muito educativo o seu livro, hem? — disse ele. Ele estava se divertindo. Dava para ver. — É uma punição por ser mau — disse ele.

— Não é! — retruquei.

— Por que não? — Felix se inclinou para mim. — É isso que os budistas dizem. Eles acham que tudo o que acontece nesta vida é carma pelo que você fez em outras vidas. Assim, talvez nós tenhamos sido assaltantes de banco ou algo parecido em outra vida, e essa é a punição. Você não pode deixar de colocar isso! E se você publicar o livro? Todas as crianças budistas vão ler e vão ficar bravas, pois sabem por que a gente fica doente e isso não está no livro! Isso é discriminação!

— Budistas não têm nada a ver com Deus — disse eu. — Budistas não acreditam em Deus. Eles acreditam em... em Buda.

— Ateístas também não acreditam em Deus — disse Felix. — E a razão deles é a primeira da sua lista.

Hesitei. Não achava que estávamos doentes porque fizemos

alguma coisa ruim, da mesma maneira que não achava que Hitler foi o líder da Alemanha como recompensa por ter feito alguma coisa boa. Mas ele tinha razão. Eu

não podia simplesmente não colocar isso.

6. Fizemos alguma coisa terrível em uma vida passada e esta é a punição.

— Isso! — disse Felix, satisfeito. — Qual é a próxima?

Fiquei calado. Estava pensando no que Felix tinha dito sobre as crianças budistas. E se eu escrevesse um livro inteiro? Se escrevesse, então não ia querer que as crianças que o lessem pensassem que era culpa delas o fato de estarem doentes, como se tivessem feito alguma coisa errada.

— Sete — disse eu. — *Já somos perfeitos. Não precisamos aprender mais nada. Estar doente é um presente. Como... como um passe para entrar no Céu de graça.*

— Um passe para entrar no Céu de graça! — exclamou Felix.

— Não é tão estúpido assim como soa — disse eu. — Nos tempos antigos, quando crianças morriam o tempo todo, as pessoas pensavam assim. "Ela era muito boa para este mundo." Era o que costumavam dizer. Ou: "Deus a amava tanto que a queria no Céu".

— Isso é besteira — disse Felix. — Eu não sou perfeito — sacudiu a cabeça. — Quem ler seu livro vai pensar que você é maluco. Primeiro você diz que é uma punição, depois diz que é um presente por ser bom!

— Isso é apenas uma lista! — respondi. — Não é que seja tudo verdadeiro ao mesmo tempo!

Felix fez uma careta.

— Bobo — eu disse.

LISTA Nº 4 – COISAS FAVORITAS

1. Animal favorito: lobo. Fato: lobos têm seu paladar no meio do estômago e não na boca. É por isso que devoram sua comida.

2. Filme favorito: *O Senhor dos Anéis*. Li o livro inteiro também, quando fiquei doente no ano passado. Fato: Mordor foi inspirado em Birmingham.

3. Lugar favorito: High Strawberry, a casa de campo em que costumamos ficar durante as férias na Região dos Lagos. Fica à beira do Lago Windermere e tem um barco.

4. Jogo favorito: *Warhammer*.

5. Piada favorita: Por que o porco-espinho atravessou a rua? Para mostrar a sua namorada que tinha tripas.

6. Meio de transporte favorito: dirigíveis. Fato: o Empire State Building tem uma torre no topo para que se possa amarrar um dirigível nela.

7. Lembrança favorita: descer as corredeiras de um rio alemão em um bote, nas férias, antes de ficar doente de novo.

MUITO PERTURBADOR PARA ASSISTIR EM CASA

17 de janeiro

Quando a aula acabou, Felix, sua mãe e eu comemos pizza. Depois eu disse a Felix:

— Vamos para o seu quarto?

Ele tem muito mais músicas que eu e alguns jogos muito bons.

Felix disse "não" com a cabeça. Tapou a boca com a mão e disse em um sussurro ao modo da resistência francesa:

— Vamos para o quarto de Mickey... Teremos menos chances de sermos interrompidos...

— Por que...

— Shhhh!

Sempre sei quando Felix está tramando alguma coisa. Ele faz aquele ar de segredo, como se soubesse alguma coisa que não sei. E agora ele fazia exatamente isso. Não me contaria nada até chegarmos ao quarto de Mickey, o que levou um tempão porque ele não é muito bom para subir degraus. Mickey é o irmão de Felix. Ele trabalha em uma plataforma de petróleo. Trabalha durante um mês e no outro fica de folga.

Quando finalmente chegamos ao quarto dele, Felix disse:

— Olhe, você queria ver filmes de terror, certo?

— Sim — disse eu com cautela.

— Então veja isto!

Ele estava sentado na cama de Mickey, tirou alguma coisa detrás do travesseiro e abanou para mim.

— *O Exorcista*!

Agarrei o vídeo das mãos dele. Ávidos, começamos a ler o que estava escrito na parte de trás da caixa.

— Baseado em fatos reais...

— "O Exorcista é considerado até hoje muito perturbador para assistir em casa... um dos filmes mais impressionantes e chocantes que já foi feito."

— Você já viu?

Felix negou com a cabeça.

— Só encontrei ontem. Dizem que é o filme mais horripilante que existe. As

pessoas costumavam desmaiar no cinema... Tem uma parte em que a cabeça da menina dá um giro completo...

— O que tem de horrível nisso? — perguntei.

— Não sei — admitiu Felix. — Mas é para dezoito anos, então deve ser terrível. E, se é para você assistir um filme de terror, então tem de ser este aqui.

Fechamos a porta do quarto de Mickey e ligamos o DVD.

O filme era muito chato. Estávamos esperando que monstros, demônios ou outra coisa aparecessem, mas não apareceu nada. Tinha uma parte que parecia ter saído de um dos filmes de *Indiana Jones*, se bem que nada aconteceu a não ser um velhinho cavando para achar moedas. Felix e eu pensamos que talvez elas fossem coisa ruim, moedas possuídas pelo demônio, mas não eram.

Mas depois tudo ficou meio confuso. Teve uma cena longa com uma menina e sua mãe, mas isso se confundia com um padre que não parecia ter a ver com nada. Tudo o que ele fazia era beber uísque e visitar sua mãe. A coisa mais emocionante que aconteceu foi a menina ficar jogando com um tabuleiro de Ouija, mas nem isso era tão amedrontador assim.

Nada de *muito* ruim aconteceu com a menina depois que ela jogou com o tabuleiro de *Ouija*, mas dava para sentir que alguma coisa ia acontecer com ela. Teve uma cena estranha em que ela se mijou em uma festa. E depois, uma cena longa em um hospital, da qual nem eu nem Felix gostamos muito, então ele apertou o *fast-forward* para tentar achar a cena da cabeça dando um giro completo.

Não sei se a cena que ele achou foi aquela que fazia as pessoas desmaiarem, mas que era horrível, era. Em um quarto, as cortinas esvoaçavam, livros voavam e a menina se golpeava com uma cruz, havia sangue por todo lado e ela dizia umas coisas horríveis com uma voz que não parecia ser a dela e o rosto tinha ficado muito esquisito. Eu estava pensando exatamente como seria terrível se aquilo estivesse acontecendo com *você* e alguma coisa estivesse fazendo *você* fazer aquilo e...

E então a mãe de Felix entrou no quarto.

~~~

A mãe de Felix não deixou que assistíssemos o resto do filme. Felix fez um escândalo, dizendo que, se não soubéssemos como ia acabar, ficaríamos assustados para valer com a menina e com todo aquele sangue para sempre, mas ela não quis saber.

— Ela fica curada — disse a mãe de Felix. — Fim da história. Agora saiam daqui e vão procurar alguns alienígenas para explodir ou algo assim.

Secretamente, fiquei contente de não assistir o resto. Havia alguma coisa muito perturbadora na idéia de algo estar vivendo no seu corpo e fazendo você fazer coisas horríveis que não são legais. Passamos o resto da tarde jogando no computador de Felix. Entretanto, depois disso, eu não consegui parar de imaginar o que tinha
~~~

acontecido com a menina. “Baseado em fatos reais”, foi o que li na capa do DVD. O que queria dizer aquilo? Será que era tudo verdade? Será que alguma coisa assim pode acontecer com qualquer pessoa?

Fiquei preocupado a tarde inteira e até o começo da noite, quando vovó pediu que eu deixasse de ficar amuado, pelo amor de Deus, porque aquilo a estava deixando louca. Ela tinha voltado depois de ter levado Bella para o encontro das escoteiras mirins e ficou para conversar com mamãe. Mas mamãe estava falando ao telefone.

— Você e aquele menino andaram aprontando de novo? — perguntou ela.

— Não — respondi. — Você acredita em demônios?

— Demônios? Você quer dizer com chifres e forcados?

— Não — respondi. — Assim como... espíritos ruins. Daqueles que possuem as pessoas.

— Não. De jeito nenhum. Isso é besteira.

— Mas você acredita em fantasmas e coisas assim — disse eu.

— Não há necessidade de se inventarem os demônios para nos assustar — disse vovó, muito séria. — Já temos coisas verdadeiras suficientes para nos preocuparem sem ter de inventar mais.

— Está bem. Não é que eu esteja com medo. Perguntei por perguntar.

Não foi uma coisa muito confortante para vovó dizer, se você pensar bem. Mas depois do que ela disse, não fiquei mais preocupado.

MINHA VIDA EM HOSPITAIS

Hoje é terça-feira. Não temos aulas às terças, porque tenho de ir para a clínica. Felix não vai à clínica, porque ele não tem leucemia, como eu. Ele vai para uma outra diferente, às quintas-feiras. Sei que deveria contar como é lá na clínica, mas não vou. Não é coisa muito empolgante. Eles pesam você, medem, fazem exame de sangue, conversam e lhe dão uns medicamentos lá e outros para levar para casa. E é isso. Só.

Posso entender por que papai acha que estou melhorando; é apenas porque estou tomando medicamentos diferentes agora. O fato é que, quando você tem leucemia, tem de fazer quimioterapia, que é um veneno. Não é para matar você, é para matar o câncer, mas você também fica ruim. Os cabelos caem, a pele queima e várias outras coisas parecidas acontecem. Assim, é claro que estou melhor, já que não estou fazendo mais quimioterapia.

Fiz tratamento com quimioterapia duas vezes. Papai queria que eu fizesse de novo, mas eles disseram que não.

~~~

A leucemia sempre volta. Eles pensam que já curaram, mas ela volta. Não para todo mundo. Fato: oitenta e cinco por cento das pessoas ficam curadas para sempre. Seriam então oito pessoas e meia em cada dez. Oitenta e cinco em cem. Oitocentas e cinqüenta em mil.

Isso quer dizer a maioria das pessoas.

Porém, no meu caso ela sempre volta.

A leucemia é um tipo de câncer. O que acontece é que o corpo fabrica muito mais células brancas[6]. As células brancas são o exército pessoal de resistência. Elas lutam contra infecções e coisas assim. Mas, quando você tem leucemia, elas se multiplicam e tomam o poder, e as outras células do sangue são esmagadas e não conseguem fazer aquilo que precisam fazer. Assim você fica doente. Por exemplo, você fica muito pálido, cansado o tempo todo, com um monte de feridas ou sangrando sem parar pelo nariz.

Eu já tive leucemia três vezes, contando com esta vez. Na primeira vez, eu tinha seis anos. Fiquei no hospital fazendo quimioterapia por um mês e tive de tomar um monte de pílulas durante um tempão depois. Mas eles acharam que tinham me
~~~

curado, com certeza.

Daí ela voltou quando eu tinha dez anos. Foi quando conheci Felix. Fiz quimioterapia de novo, meus cabelos caíram outra vez e tudo mais. E de novo pensaram que tinham me curado. Bom, acharam e não acharam.

"Vamos esperar para ver", disseram. Ou "Vamos cruzar os dedos". Mamãe ficou com cara de assustada e papai ficou bem quietinho.

Mamãe e papai são muito bons, ela quando fica assustada, e ele quando fica quieto. E dessa vez eles tinham razão. Ela voltou. E depois de apenas dois meses e meio.

CAPITÃO CASSIDY

21 de janeiro

Na noite passada, quando papai chegou em casa do trabalho, ele não leu o jornal como de costume. Chegou e ficou me olhando trabalhar. Eu folheava minha revista de *Warhammer*, tentando achar fotos para colar no meu livro.

— Isso é para o seu grande projeto de escola? — perguntou ele. Um sorriso estranho tremulou em seus lábios. Acho que ele estava percebendo que era mais do que um simples projeto.

Hesitei. Depois, mesmo sabendo que provavelmente era tolice, disse:

— Estou escrevendo um livro.

— Um livro! — disse papai levantando a sobrancelha.

— Eu também tentei escrever um livro quando tinha a sua idade. *Capitão Cassidy e o Castelo da Perdi*ção era o título.

— Mas o que aconteceu? — perguntei. Papai riu.

— Não sei. Nunca passei do primeiro capítulo.

— Meu livro é sobre mim.

Papai parou de rir.

— Sobre você?

— Sobre... estar doente. E tudo mais.

— Ah.

Papai ficou calado. Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas ele não disse. Voltei a folhear a revista. O silêncio se estendeu mais e mais, quando, de repente, ouvi a cadeira se arrastar. Levantei os olhos rapidamente, e ele já tinha ido embora.

Pensei que era o fim da conversa, mas estava errado. Hoje, quando ele chegou do trabalho, trouxe um presente para mim. Era um álbum do tipo fichário no estilo *scrapbook* com o desenho do Homem-Aranha na capa, um tubo de cola e papel tipo cartolina.

— É para o seu livro — disse ele.

— Obrigado. É... obrigado.

— Por nada — disse ele. Sentou-se na cadeira e abriu o jornal.

Em seguida fechou-o de novo.

— Só tem uma coisa — disse. — Você não está escrevendo um livro daqueles melodramáticos, cheios de poemas e fotos de arco-íris, está?

— Não — respondi. Não tinha certeza a qual tipo de livro ele se referia, mas definitivamente não era como o meu. — Meu livro não é assim.

— Então, tudo bem — disse papai, abrindo o jornal de novo.

DR. BILL

Quando minha leucemia voltou pela terceira vez, tivemos de ir conversar com o Dr. Bill. Ele é um oncologista pediátrico, que é a mesma coisa que um médico que trata de câncer em crianças.

Ele usa uma bandana vermelha com bolinhas brancas na cabeça, como um pirata. Faz isso para que as crianças que não têm cabelos não se sintam tão mal. Seu verdadeiro nome é Dr. William Bottomley, mas ninguém o chama assim.

— Como posso falar a sério com vocês com um nome como Dr. Bottomley? — ele diz, e todo mundo ri. Então ele é simplesmente o Dr. Bill.

Papai queria que eu fizesse o tratamento mais uma vez, mas o Dr. Bill disse que não achava que ia funcionar, porque fiquei muito fraco depois do último tratamento. Ele disse também que era muito perigoso.

— Não podemos tentar mesmo assim? — perguntou papai, e o Dr. Bill apertou os lábios.

— Poderíamos. Mas ele teria de passar muito tempo no hospital de novo. E como não teve efeito dessa vez...

Sabia o que ele queria dizer. Teria de tomar todas aquelas drogas químicas e ficar ruim de novo, mas desta vez eles já sabiam que não ia funcionar.

— Eu não quero — eu disse. — É veneno.

— Um veneno que funciona — papai respondeu.

O Dr. Bill sacudiu a cabeça.

— Desta vez não.

É por isso que agora tomo um tipo diferente de medicamento. Continua sendo quimioterapia, mas não do tipo que faz você ficar doente ou seus cabelos caírem. Não é para tentar curar, apenas evita que eu piore, embora ainda fique cansado muitas vezes, meu nariz sangre e coisas assim.

Esses novos medicamentos podem funcionar por bastante tempo, assim disse o Dr. Bill. As pessoas podem viver por um ano inteiro ou mais. E eu já cheguei a quatro meses.

Um ano é muito tempo.

Qualquer coisa pode acontecer em um ano.

ESCADAS ROLANTES

22 de janeiro

Subir uma escada rolante que esteja descendo e descer uma que esteja subindo é um último desejo bobo.

Eu, porém, queria fazer isso há muito tempo. Desde quando li um livro em que um cãozinho fez isso. Acho que era um cãozinho mágico. Não me lembro. Não era que ele não soubesse qual escada rolante era para quê; ele fez isso só pelo desafio. Porque era legal. Por isso também quero fazer. Será que faz sentido?

Parece um desejo fácil de se conseguir, mas na verdade não é. Não me deixam ir à cidade sozinho. E como vou explicar a mamãe? "Ah, esta é a escada rolante que desce? Achei que fosse a que sobe. É por isso que está demorando tanto para chegar lá em cima."

Ela vai pensar que fiquei louco.

Talvez tenha ficado louco. Mesmo assim, ainda quero fazer isso.

Estive na cidade com mamãe algumas vezes desde que escrevi minha lista e toda vez pensei que faria isso, mas fiquei com medo. Até pensei em pedir a Mickey que me levasse lá com Felix na próxima vez que ele voltasse da plataforma para casa. Hoje, porém, mamãe me levou ao dentista[7], depois almoçamos em um shopping. O shopping estava bem vazio. E havia duas escadas rolantes.

Uma que subia.

E outra que descia.

Enquanto comíamos, não parei de pensar nas escadas rolantes. Felix tinha razão. Não tem sentido ter desejos se a gente pelo menos não *tentar* realizá-los. Pelo menos aqueles que são possíveis. Subir uma escada rolante que desce... não é tão difícil assim, não é mesmo? Bater um recorde é difícil. E não batemos?

Olhei para mamãe. Como sempre, ela estava se preocupando comigo à toa.

— Sam. *Sam*, está tudo bem? Você não terminou de comer seu sanduíche. — E olhou para mim mais atenta. — Você não está cansado, está?

— Não estou nem um pouco cansado — disse, levantando-me. — Vou ao banheiro.

Saí do café e fui direto para as escadas rolantes. Queria subir na que descia, foi o que decidi. Fui até o fim dela e parei em frente, olhando para cima. Elas desciam do andar de cima do shopping até uma parte circular e aberta, com uma padaria, uma

loja de caridade e mais duas lojinhas. Não tinha muita gente, mas tinha.

No caminho do café até a escada, comecei a ficar nervoso, cada vez mais nervoso. Meu coração inchava no peito e parecia subir para a garganta. Desejei ser tão forte como era antes de ficar doente. E se não conseguisse fazer? Que tipo de idiota eu não ia parecer? E se as pessoas começassem a gritar comigo por fazer bobagem no shopping? E se os seguranças estivessem espiando de algum canto?

Fui olhar a vitrine da loja de caridade. "Isso é bobagem", pensei. "Vai ser fácil! Não posso deixar de aproveitar a oportunidade." Voltei. Não havia ninguém na escada rolante de descer. Antes que pudesse pensar mais nisso, coloquei a mão no corrimão e dei um passo para frente.

Estava tão preocupado em subir os degraus, que acabei me esquecendo da parte da escada em que ela se move para frente. Logo que dei o passo, senti ser puxado para trás. Não tive tempo para me preocupar. Dei passadas para a frente e, de repente, lá estava eu subindo.

Não foi tão difícil como pensei que seria. Era esquisito, porque estava praticamente correndo pelos degraus, por isso senti que era para eu estar subindo rápido, mas é claro que não estava. No entanto, o importante era que estava *subindo*. Devagar. Comecei a respirar rápido, começou a me faltar o fôlego, mas eu não tive coragem de parar. E não olhei para cima, para não cair. Logo vi a parte lisa da escada no topo se aproximando. E então me deu um branco, não sabia o que fazer. Meus pés estavam acostumados a subir, não sabia se eles me obedeceriam em caminhar somente. Mas agora eu não podia mais parar, não quando estava quase no topo.

Dei um passo enorme, o maior que pude, e caí para a frente. Mas não me machuquei. Minhas mãos e meus joelhos estavam no chão liso, que não se movia. Endireitei-me e me levantei, arranhado e tonto, mas triunfante. Consegui! E ninguém me mandou parar!

Tinha uma velhinha no topo, esperando para descer.

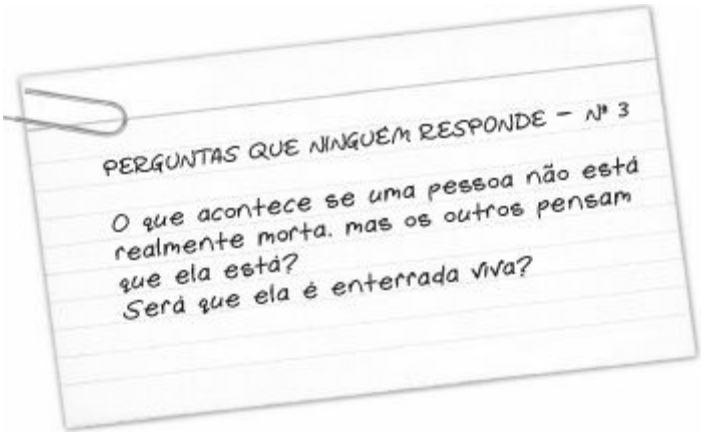
— É mais rápido se você usar a outra escada, meu bem — disse ela.

— Eu sei.

Olhei para a velhinha. Ela sorria.

— É uma espécie de desafio, não é? — perguntou ela.

— Alguma coisa assim — eu disse, sorrindo também.


PERGUNTAS QUE NINGUÉM RESPONDE – Nº 3
O que acontece se uma pessoa não está realmente morta, mas os outros pensam que ela está?
Será que ela é enterrada viva?

CENA DE MORTE

24 de janeiro

— Como você vai morrer? — perguntou Felix.

Olhei para ele. A aula tinha acabado. Ele estava esperando sua mãe chegar. Eu estava pintando um dos anões que uma das amigas de mamãe trouxe para mim. Era para ele me ajudar, mas sentiu tédio e começou a brincar com o gato.

— Você sabe — respondi.

Ele fez uma careta.

— No seu livro, quero dizer.

A Sra. Willis trouxe um gerador eletrostático de Van de Graaff para a aula e ficamos brincando com a eletricidade estática. Ele ainda estava zunindo.

— Você não pode simplesmente terminar. As pessoas vão se perguntar o que aconteceu. Você vai precisar que sua mãe se sente ao seu lado na cama com um gravador. "Como está se sentido agora, Sam?" "Estou vendo uma luz... Estou indo na direção da luz... Tem uns caras esquisitos com asas e halos se movimentando..."

— Cale a boca — disse eu. Felix não fala assim normalmente. Eu não sabia se estava gostando ou não. Preferia o Felix que continuava vivendo como se tudo fosse normal, a não ser por pequenas coisas como estar em uma cadeira de rodas e não ir à escola. Assim mesmo, ele nunca dava muita atenção para mim.

— Você pode escrever antecipadamente — disse ele. — Minha morte foi muito triste. Todo mundo chorou. Fiz um discurso longo sobre como sentiria saudades de tudo e como ficaria observando todo mundo da minha nuvem lá em cima. Todo mundo comentou que pessoa maravilhosa eu era e...

Atirei um *orc* nele. Ele se desviou, rindo. Columbus miou.

— Já sei! — exclamou ele. — Você pode pedir ao Dr. Bill para assistir alguém morrendo, como pesquisa, e depois fingir que foi assim com você. E você pode colocar o nome deles nos seus agradecimentos...

— Meus o quê?

— Aquela parte em que você agradece a todo mundo que o ajudou. Sabe como é, mais ou menos assim: "Agradeço a Sra. Willis por ter me dado a idéia de escrever o livro e a Felix Stranger por todas as idéias que eu descaradamente roubei dele. E ao Fulano de Tal por ter me deixado fazer anotações enquanto ele batia as botas".

— Você é doido! Você ia deixar qualquer menino fazer anotações enquanto você

morre?

Felix estava usando o chapéu de diplomata. Ele abaixou a aba na cara até cobrir os olhos.

— Não me importaria — disse ele. — Mas não vai ter ninguém por perto.

— Como se você pudesse decidir isso. Sua mãe, pelo menos sua mãe.

Felix negou com a cabeça, o chapéu ainda cobrindo os olhos.

— Você pode fazer anotações se quiser — disse ele —, mas não quero minha mãe por perto. Ela odiaria.

A certeza em sua voz era tão grande que eu não soube o que dizer.

— Eu não escreveria uma cena de morte, de qualquer maneira — disse eu, constrangido. — As pessoas saberiam. — Tinha pensado nisso enquanto ele falava. — O resto do livro é tudo verdade, isso é que é o importante. Mas as pessoas saberiam que eu não poderia ter escrito a última parte, por isso saberiam que eu estaria inventando.

— E daí? — disse Felix. Ele empurrou o chapéu dos olhos e reapareceu. Estava rindo.

— Ei, já sei o que você tem de fazer, certo? Você tem de fazer um pequeno questionário de múltipla escolha para sua mãe ou seu pai preencherem. Sabe como é, como todas as suas listas bobas:

1. A morte de Sam foi:
a) Tranqüila
b) Horrível, dolorida e agonizante
c) Entre um e outro
d) Não sabemos — estávamos na lanchonete
e) Outro — favor detalhar

— E aí eles preenchem depois.

— Isso é maluquice! — exclamei, mas estava rindo com a idéia de meu pai e minha mãe preencherem o questionário de Felix.

— É um toque de gênio — disse Felix. — Vai ser a cena de morte mais científica da história. E aí, quando você publicar o seu livro, eu vou ganhar todos os direitos, porque, a essa altura do campeonato, eu vou ter escrito o livro quase todo, então vou passear em um cruzeiro no Caribe com o lucro.

Ele fuçou no bolso do lado da cadeira de rodas procurando uma caneta.

— Vamos lá, Charles Dickens, escreva aí. Número dois...

A HISTÓRIA DOS PASSOS DE VOVÔ

Esta é mais uma história verdadeira. Pelo menos foi o que minha avó falou e ela não mente. Quase nunca.

Minha avó e meu avô se conheceram durante a guerra. Ele era um objetor de consciência, o que quer dizer que ele se recusou a se alistar no exército e matar pessoas. Em vez disso ele foi trabalhar no campo. Vovó tinha quatorze anos e estava morando no campo por causa das bombas, e foi assim que se conheceram. Não me lembro dele, mas já vi fotos. Vovó diz que ele era muito parecido com mamãe, a não ser pela barba grisalha e pelo cachimbo.

Ele morreu de repente de um enfarto, pouco antes de Bella nascer. Ele se levantou de manhã, estava tudo bem, e à noite estava morto.

Todo mundo ficou chocado. No outro dia, vovó contou, havia gente na casa; mamãe, papai, nós, meu tio Douglas, os vizinhos e todo mundo, ajudando aqui e ali, fazendo chá e conversando. À noite, finalmente ela ficou sozinha, sozinha na cama grande que ela e meu avô partilhavam todas as noites, quase todas as noites, desde que ela completara dezesseis anos de idade.

Ela não achava que conseguiria dormir, mas deve ter dormido porque teve um sonho. Mas ela não tem certeza de que foi realmente um sonho porque tudo pareceu muito real. Ela conta que meu avô entrou no quarto, sentou-se na beira da cama e conversou com ela. Ele disse que sentia muito ter de deixá-la e que não queria ir, mas que precisava ir embora e que não era para ela ter medo nem ficar triste porque ele estava bem. Ela contou que chorou e pediu para ele ficar, mas ele continuou a dizer que precisava ir e, no fim, foi embora mesmo.

Minha avó continuou triste, é claro. Ela não gostava de morar sozinha. Mas contou que, quando se sentia muito triste, costumava sentir o cheiro do cachimbo do meu avô, como se ele estivesse ali, tomando conta dela.

— Você chegou a vê-lo? — perguntei uma vez.

— Não. Mas, uma vez, quando vocês dois vieram me visitar, Bella virou-se para mim — ainda me lembro como se fosse hoje — e disse: “Quem é aquele homem de barba?” Ela devia ter dois ou três anos, não mais que isso.

— E havia alguém lá? — perguntei.

— Não — respondeu minha avó. — Apenas o cheiro do cachimbo de seu avô, nada mais.

Então Bella tinha visto um fantasma. Só que não se lembrava mais. E mamãe tinha escutado um fantasma também. Porque, quando fiquei doente pela segunda vez, e todo mundo estava preocupado comigo, minha avó costumava ouvir passos no corredor da casa dela. De início, ela pensou que fossem assaltantes, mas, quando foi olhar, não viu ninguém. Então achou que era sua imaginação; mas mamãe passou uma noite na casa dela e também ouviu os passos. Então agora minha avó acha que foi meu avô deixando mamãe saber que ele estava ali, quando ela estava preocupada comigo.

Os cientistas diriam que nada disso prova a existência de fantasmas. É tudo *evidência circunstancial*, que quer dizer evidência que faz que seja provável que algo possa ser verdade, mas não o prova.

A história de vovó é mais ou menos assim. Quero dizer, Bella tinha apenas dois anos. O homem de barba poderia ter sido uma silhueta, uma sombra na parede, uma marca engraçada no papel de parede. E o cheiro do tabaco do cachimbo pode ser a minha avó imaginando coisas ou sentindo o cheiro de fumaça de alguém na rua. E talvez os passos fossem apenas o barulho do assoalho de madeira. No entanto, quando se coloca tudo isso junto, dá para começar a concluir que fantasmas existem *realmente*.

Perguntei a minha avó se os passos do meu avô haviam voltado quando fiquei doente desta vez, mas ela disse que já não escuta nada dele há muito tempo.

— Ele provavelmente pensa que agora já tenho idade suficiente para me virar — disse ela. — Ou talvez tenha continuado seu caminho. Duvido que ele ia querer passar o resto de sua vida no além tomando conta de uma velhinha como eu.

Então não sei em que acreditar. Eu não ia querer passar o resto da minha vida no além como um fantasma. Mas isso me fez pensar. E o que eu penso é o seguinte: se eu fosse meu avô, também teria feito uma visita.

EU E MARIAN

27 de janeiro

Tivemos aula hoje de novo. Mostrei à Sra. Willis a "História dos Passos de Vovô" e ela contou histórias de almas penadas. Uma delas foi sobre duas damas que se perderam dentro do jardim do Palácio de Versailles, que era o lugar onde a família real francesa costumava viver antes de ser degolada pelos revolucionários. As duas damas disseram que voltaram à época em que Maria Antonieta tinha vivido ali. Havia um monte de pessoas vestidas com roupas de antigamente falando francês. Felix disse que elas talvez tivessem se perdido no jardim no meio de uma escola que estivesse festejando um dia em que todo mundo deveria se vestir como uma rainha francesa, mas a Sra. Willis disse que não, que o jardim era diferente e tudo mais.

Comentei que elas deveriam ter avisado Maria Antonieta que os revolucionários iriam degolá-la. Se pelo menos elas tivessem conseguido convencê-la a se esconder atrás de um arbusto, teriam mudado para sempre o curso da história.

— Por quê? — disse a Sra. Willis. — Quem precisa da monarquia? Podem degolar todos, é o que eu digo.

A Sra. Willis era uma revolucionária secreta.

Depois que ela se foi, Felix disse:

— Acho que precisamos realizar mais um desejo da sua lista, não acha? Que tal ver um fantasma?

— Como? — perguntei. Já tinha me convencido de que esse desejo era "provavelmente impossível" (não como o de "voar em um dirigível", por exemplo, que é possível, mas muito, muito, difícil). — O que você quer fazer? Entrar em uma casa assombrada e se mostrar esperançoso?

As crianças dos livros nunca têm problemas para encontrar uma casa assombrada, mas aqui não conheço nenhuma.

Felix deu um toque no nariz e fez cara de mistério.

— Pode deixar comigo — disse ele. — Vamos para o seu quarto. Não queremos que sua mãe veja.

~~~

Felix não disse nada até estarmos no meu quarto com a porta fechada. Daí fez aquela voz rouca de sussurro e disse:

— Você já usou um tabuleiro de *Ouija*?
~~~

Nunca usei. Minha mãe detesta tabuleiros de *Ouija*. Ela diz que não devemos nos meter com coisas que não podemos compreender. Eu disse isso a Felix e ele respondeu:

— Mas ela vai à igreja, não vai? E isso não é se meter com coisas que não podemos compreender?

Hesitei. Não consegui deixar de pensar no *Exorcista*, mesmo não sendo um filme muito científico. Felix disse:

— Por que não? Você quer ver uma alma penada, não quer? De que outra maneira podemos fazer uma aparecer?

Então lá fomos nós.

Felix sabia exatamente o que fazer. Ele abriu meu caderno de anotações e desenhou um tabuleiro de *Ouija* com caneta vermelha e preta. Colocou as letras do alfabeto no círculo grande e os números de um a nove em um círculo menor no meio e um "SIM" e um "NÃO" em dois cantos.

— Pronto!

Ele olhou ao redor do meu quarto.

— Agora é preciso estar tudo escuro e assombrado, como em uma sessão espírita de verdade.

Fomos até a cozinha. Felix ficou de guarda (não que ele precisasse, pois mamãe estava no andar de cima, falando ao telefone). Achei um pacote novo de lâmpadas daquelas que se colocam na tomada para ficarem acesas à noite, fósforos e uma lanterna grande.

— Elas usam um tipo de véu — disse Felix.

— As cortinas de renda!

Eu estava ajoelhado em cima do bufê para tirar as cortinas da janela quando Bella chegou e ficou olhando.

— O que estão fazendo?

— Vamos construir uma casa de pano para a gente brincar — disse Felix. — Você quer brincar com a gente?

Bella não é boba.

— Não estão, não.

— Estamos fazendo uma pesquisa — disse eu — para o meu livro.

Bella franziu a testa. Não conseguia perceber se estávamos fazendo-a de boba ou não, mas de uma coisa tinha certeza: o que quer que fosse que estivéssemos fazendo provavelmente não deveríamos.

— Vamos chamar uma alma penada — disse Felix. — Uma alma penada daquelas enormes, com sangue pingando e tudo. Você quer ver?

Se ele pensou que ela iria ficar amedrontada, errou.

— Quero. Deixe-me ir também!

— Não sei... — Felix sorriu para mim. Bella pulou para cima dele.

— Deixe! Senão vou contar para mamãe!

Felix adorava um público. Ele mandou que ela pusesse o vestido de dama de honra que tinha, porque, conforme ele disse, eles sempre têm meninas nas sessões espíritas. Enquanto ela saiu, colocamos as velas em cima de pires ao redor do quarto e fechamos as cortinas.

Eram quatro da tarde, então ainda não estava escuro. Bella e eu nos sentamos na cama com o caderno entre nós. Felix empurrou a cadeira de rodas para perto da cama e colocamos a cortina de renda sobre nossas cabeças, até ficarmos completamente cobertos. Era como estar dentro de uma barraca; tudo permeado com luz fraca, um pouco assombrado. Felix acendeu a lanterna e direcionou o facho para o queixo, fazendo sombras que pululavam em seu rosto.

— Bem-vindos à Cova dos Perdidos da Memória — disse ele, fazendo a voz soar profunda e meio temerosamente.

O tabuleiro de *Ouija* funciona assim: você coloca uma moeda ou um copo no meio de uma folha de papel. Então cada um coloca um dedo na moeda ou no copo, e qualquer espírito que estiver ao redor faz o objeto se mover.

— Por que a gente precisa pôr o dedo se o espírito é quem vai mover? — perguntei.

— Porque sim — disse Felix. — Senão não funciona.

Nenhum de nós tinha uma moeda e não queríamos sair da "barraca" para ir buscar um copo, então usamos uma jujuba. Pusemos o dedo em cima dela, e Felix perguntou:

— Tudo bem. Tem alguém aqui?

Por um momento nada aconteceu. Mas logo a jujuba começou a se mover.

SIM

Bella deu um gritinho.

— Foi você que moveu! — disse ela.

— Eu não! — retrucou Felix.

E, antes que eu pudesse reclamar, ele perguntou:

— E qual é o seu nome?

— M-A-R-I-A-N — li, enquanto a jujuba se movia pelo tabuleiro. — Marian!

— Marian de quê?

— T-O-N-I-E-T-A. — Pode parar! — eu disse. — Maria Antonieta não se escreve assim.

— Quem é? — queria saber Bella. — Quem é, Sam?

— Deve ser um espírito brincalhão — disse Felix, muito sério.

— Ou talvez ela não saiba escrever. Você é a rainha da França?

SIM

— É você que está movendo? — perguntou Bella, meio incerta. — Como é que está se movendo?

— É o poder do morto-vivo — Felix disse. — Você pode fazer a pergunta que quiser.

— Eu não quero — disse Bella depressa. Olhou para mim. Felix também.

— Por que eu é que tenho que pensar em alguma coisa?

— É você que está cheio de perguntas.

— Mas não para os mortos!

— Ela pode fazer o seu projeto todo para você — Felix disse. Dei um suspiro.

— Está bem. Como é ser um morto-vivo?

— C-H-A-T-O.

Bella lia o que estava aparecendo. E completou, cheia de coragem:

— O que você faz o dia inteiro?

— B-E-B-O-G-I-M.

— Felix!

— O quê? Não sou eu!

— E-C-O-M-O-B-O-L-O! Ela disse que come bolo!

— Pare de brincar!

— Mas não estou brincando! — disse Felix. — Então vamos perguntar sobre nós. Sam vai terminar de escrever o livro dele?

Decidi que era a minha vez de mover.

— D-E-F-I

Felix (ou o espírito de Marian Tonieta) brigou para chegar ao NÃO. Eu briguei de volta.

E ganhei.

SIM

— Como é que ela sabe disso? — Bella perguntou, admirada.

— Ela sabe tudo — disse eu, triunfante.

FATOS VERDADEIROS SOBRE CAIXÕES

Nos séculos XVIII e XIX, as pessoas temiam ser enterradas vivas acidentalmente e se preocupavam muito com isso. Para resolver esse problema, os cientistas inventaram caixões de segurança, que permitiam a qualquer pessoa que fosse enterrada por engano ter contato com o mundo exterior e ser resgatada.

Em 1822, o Dr. Adolf Gutsmuth projetou um caixão com um tubo de ar e de alimentação. Para provar que funcionava, ele mesmo se enterrou vivo. Tomou sopa, comeu salsichas e bebeu cerveja por meio do tubo antes de ser descoberto por seu assistente.

O Dr. Johann Gottfried Taberger projetou um caixão com um sino que poderia ser tocado usando-se cordas e um tubo comprido. As cordas eram atadas às mãos da pessoa enterrada, aos pés e à cabeça. O tubo possuía uma armadilha para impedir os insetos de voarem perto e uma pequena cobertura para que não chovesse em cima da pessoa no caixão.

Franz Vester projetou uma espécie de toldo grande e quadrado que poderia ser colocado por cima do caixão. Dentro dele havia uma escada, um sino e uma corda. Se a pessoa no caixão estivesse viva e acordasse, poderia subir a escadinha e fugir. Se não estivesse bem o suficiente para se movimentar, poderia fazer o sino soar usando a corda. Se no final das contas ela estivesse morta mesmo, o toldo era arrancado e utilizado novamente.

Atualmente os cientistas utilizam estetoscópios, eletrocardiogramas e coisas parecidas, então é muito fácil saber se alguém está morto ou não. Entretanto, ainda se fazem caixões de segurança. Em 1995, Fabrizio Caselli construiu um caixão moderno e *high-tech*. Para se ter absoluta certeza de que ninguém poderia ser enterrado vivo, o caixão tinha um alarme de emergência, uma lanterna, um tanque de oxigênio, um microfone bidirecional e um alto-falante, um sensor de batimento cardíaco e um estimulador cardíaco.

VISITAS

30 de janeiro

Hoje minhas três tias vieram fazer uma visita. Agora recebemos muitas visitas. Papai pode se esconder em seu estúdio e Bella pode brincar com minha prima Kiara, mas eu tenho de me sentar e ficar comportado. Isso porque elas vieram de muito longe para para me ver. Só que elas não vieram mesmo para me ver. Se fosse assim, poderíamos ter feito alguma coisa divertida. Poderíamos experimentar o avião-modelo que tia Sarah me deu[8]. Ou talvez jogar no computador com a tia Carolyn. Mas não, eu tive de me sentar e ouvi-las tagarelando e bebendo chá.

Não foi uma visita interessante.

Elas perguntaram à minha mãe:

— Como *vai* você?

E mamãe respondeu:

— Ah, sabe como é, enfrentando da melhor maneira possível.

Depois perguntaram a mim:

— E você, como vai?

E eu respondi:

— Tudo bem.

Depois elas passaram três horas falando sobre o papel que meu primo Pete ia desempenhar em uma peça qualquer e como o eczema da tia Sarah tinha melhorando muito depois que ela começou a comprar legumes orgânicos.

~~~

Depois que elas foram embora, papai saiu do estúdio e encontrou mamãe de olhos fixos na gaveta de saladas da geladeira.

— É um tomate — disse ele para mamãe. Mamãe não disse nada. — E não uma das minhas irmãs.

— Você acha que deveríamos começar a comprar comida orgânica? — perguntou mamãe.

— O quê? — exclamou papai.

— Comida orgânica. Pode ser mais saudável. Para Sam. E para todos nós.

— Não creio que vá fazer a mínima diferença — disse papai, pegando o tomate das mãos de mamãe e colocando na mesa.

— Por que a janela está aberta?
~~~

— Eu abri — disse mamãe.

— Mas está congelando! — exclamou papai.

Mamãe não disse nada. Voltou a olhar para o tomate.

— Rachel? — perguntou papai.

— Sarah sempre deixa as janelas dela abertas! — disse mamãe bem alto. — E nada acontece com os filhos dela!

Papai ficou olhando para ela por um momento e então se aproximou e a abraçou.

— Olhe — disse ele com carinho.

Mamãe não disse nada.

— O que está acontecendo não tem nada a ver com o que você fez ou deixou de fazer.

Mamãe encostou a cabeça no ombro de papai.

— Eu sei — murmurou ela, e papai abraçou-a mais forte.

— Então pare com isso — disse ele. E foi até a janela, fechando-a firmemente.

POR QUE EU QUERO UM DIRIGÍVEL

Eu quero um dirigível. Eles são incríveis. São como os balões de ar quente, só que gigantes, com a forma de um zero na horizontal. Possuem um motor e podem ser manobrados, para você ir aonde quiser.

Você pode construir seu próprio dirigível mirim em casa. Algumas pessoas já fizeram isso. Acho que seria fantástico — seria como ter seu próprio avião, só que ainda melhor. Você poderia voar com ele para qualquer lugar e, quando chegasse ao destino, não precisaria de um heliporto ou de uma pista — era só amarrá-lo em uma montanha ou coisa parecida e descer pela corda. E, quando chegasse a hora de ir embora, era só subir de novo e sair voando com ele. Você poderia acenar para as pessoas no meio de um congestionamento e rir delas. E, se você avistasse alguém de quem não gostasse — como o Craig Todd da escola, por exemplo, ou meu antigo professor, o Sr. Cryfield —, poderia — cuspir neles — *splash!* ou jogar tomates na cabeça deles e eles não saberiam de onde vinham.

Você poderia ir para todo lugar nele. Não apenas para os lugares chatos como os shoppings, mas para a África, os Estados Unidos, ou qualquer outro lugar. Não precisaria se preocupar com passagens ou passaportes ou ficar esperando em aeroportos. Seria só subir e ir. Os dirigíveis podem atravessar os mares fácil, fácil. Você poderia amarrá-lo na Estátua da Liberdade ou na Torre de Pisa. E se alguém tentasse impedir — *"Hasta la vista,* babacas!" —, era só desamarrar a corda e voar para bem longe.

Você poderia ir para qualquer lugar — qualquer lugar. E ninguém poderia impedir.

SER ADOLESCENTE

1° de fevereiro

Fui até a casa de Felix ontem de novo, para passar a tarde. Felix abriu a porta.

— Olá! — disse ele. E inclinou a cabeça para meu pai. — Olá, pai de Sam.

— Olá, amigo de Sam — disse papai, muito sério. Ele gosta de Felix. — Sam, venho pegar você depois do jantar, está bem?

Acenamos para ele até que entrasse no carro.

— Adeus... adeus... indo... indo... se foi! — Felix trancou a porta e se virou para mim. — E agora?

Fomos para o quarto dele, que ficava no térreo, como o meu, e parecia um quarto de adolescente de verdade. As paredes eram pretas e cobertas com postais e pôsteres de bandas de rock, com caras de cabelos longos e negros e de *piercings*. A porta tinha uma fita amarela de perigo com uma placa dizendo:

"PERIGO: BOMBAS NÃO-DETONADAS".

Sempre me sinto estranho quando estou no quarto de Felix. Fico pensando no meu próprio quarto, com seus móveis azuis, a estante de três prateleiras cheias de livros e o parapeito da janela, onde está a garrafa com um navio dentro, os meus melhores modelos de *Warhammer*, as pedras de quartzo e os fósseis achados na baía de Robin Hood. Felix é dois anos mais velho que eu e deveria estar cursando a escola secundária. Eu tenho onze anos e ele tem treze. Não é muita diferença.

— O que foi? — Felix perguntou. Estava me olhando.

— Nada — disse eu. — Estava apenas matutando sobre minha lista. Ser adolescente — hesitei. — Foi uma bobagem ter colocado esse item.

— Muito difícil sem uma máquina do tempo — concordou Felix. — Mas quem desperdiçaria uma máquina do tempo para ser um adolescente? — ele olhou para mim e riu. — Anime-se! A parte mais importante é fazer as coisas que adolescentes fazem, não é? Beber, fumar e ter uma namorada.

Ele remexeu no bolso de sua cadeira de rodas e começou a tirar coisas para fora. Um telefone celular, embalagens de dropes e um mapa de Newcastle.

— O que está fazendo? — perguntei, muito suspeito.

— Fazendo todos os seus desejos se tornarem realidade — disse Felix. Finalmente encontrou um maço amassado de cigarros e tirou um de dentro. — Tome.

Peguei o cigarro e o segurei entre os dedos, do jeito que faz um fumante. Felix se

inclinou para a frente e o acendeu para mim. Vacilei, mas pus o cigarro entre os lábios e traguei. Tinha um gosto quente, azedo, de fumaça. Segurei a fumaça na boca o quanto pude, para que valesse a pena, e depois soltei-a, tossindo e engasgando. Felix sorria.

— Gostou?

— Não é ruim — disse, meio constrangido. — Onde...? — sacudi o cigarro, procurando um lugar para apagá-lo.

— Não quer fumar o resto? — perguntou Felix.

— Não preciso — respondi. Eu ia dizer que fumar provocava câncer, mas logo percebi que era a coisa mais idiota do mundo para dizer. Felix apagou o cigarro no braço da cadeira de rodas. Ele não fumava de verdade. Gostava apenas do jeito de ficar segurando um cigarro.

— Vamos, então — disse ele. — Passe meu casaco. Ali! Você está sentado em cima dele. *Ali*.

Não me movi.

— Vamos — disse ele de novo.

— Para onde?

— Fazer as outras coisas, é claro. — disse ele, impaciente. — Depressa, antes que minha mãe chegue e ache outra coisa para a gente fazer.

~~~

Fomos para a rua. Eu empurrava a cadeira de rodas e Felix indicava o caminho.

— Vire à direita. Atravesse. Vamos, depressa! Mais rápido! Você não pode ir mais depressa que *isso*?

Ele estava se divertindo demais em não dizer para onde íamos. Tudo o que disse foi:

— Não faça perguntas. Espere e verá.

~~~

Não consegui me lembrar de quando foi a última vez que saí sozinho, sem um adulto se preocupando comigo o tempo todo. A mãe de Felix não pareceu se preocupar com o fato de sairmos sozinhos. Felix disse apenas:

— Vamos até o Anjo. Voltamos antes do jantar.

E ela disse:

— Tudo bem. Tome conta do meu rapazinho, está bem, Sam? Respondi:

— Pode deixar.

~~~

As ruas do bairro de Felix eram mais antigas do que as ruas do meu. No lugar em que eu morava, todas as casas eram iguais. As casas lá eram geminadas, mas todas eram diferentes, porque os moradores tinham pintado as portas da frente de
~~~

vermelho-vivo, pendurado vasos com plantas ou trocado as janelas.

— Pare! — gritou Felix.

Fui parando aos poucos na frente de um *pub* feio em uma esquina. Era chamado de Anjo Vingador. A tinta da porta estava descascando. Estava fechado.

— Está fechado — disse eu.

— Sei disso. Meu tio toma conta dele. Bata àquela porta.

Havia a porta branca do *pub* e, ao lado, a porta azul de uma casa. Bati na azul. Uma menina mais nova que eu atendeu. Ela tinha cabelos castanhos ondulados, usava saia xadrez e meias pretas.

— O que vocês querem? — perguntou ela.

— Mas que cordial! — disse Felix. — Sinceramente, viemos de tão longe... — ele sacudiu a cabeça. — Quero mostrar o Anjo para o Sam. Posso? Ou o Tio Mick está aí?

— Ele está lá em cima — disse ela —, e não é para eu deixar as pessoas entrarem no bar.

— Ela não é um charme de pessoa? — disse Felix. — Sam, esta é minha prima Kayleigh. Kayleigh, este é meu amigo Sam, do hospital.

Kayleigh olhou para mim.

— O que você tem? — perguntou ela.

Eu não queria falar sobre isso.

— Tenho glóbulos esferoidais [9] — disse eu.

Kayleigh olhou indecisa para Felix.

— Pode ignorá-lo — disse Felix. — Você vai deixar a gente entrar no *pub* ou não?

— Está bem! — disse Kayleigh. Ela jogou os cabelos para trás como se estivesse realmente com raiva de nós. — Está bem! Mas vou culpar você se papai nos pegar.

Ela desapareceu. Voltou em seguida usando o que parecia o tênis de seu pai e segurando um molho enorme de chaves para abrir o *pub*.

Dentro do Anjo, era como se ela fosse a dona e nós os fregueses. Ela acendeu as luzes e depois se sentou atrás do bar em um desses bancos que a vemos em *pubs*. Fiquei meio tímido atrás de Felix, segurando na alça de sua cadeira de rodas. Não sabia o que fazer.

Felix, é claro, ficou perfeitamente à vontade.

— Você não pode nos servir alguma coisa, Kayleigh? — pediu ele. — Sam quer saber como é quando se sai para beber. Você tem aí algo interessante para a gente beber?

Kayleigh se endireitou no banco, toda profissional.

— Temos um monte de bebidas — disse ela. — Tem um monte de garrafas que papai nunca usa na prateleira de cima. Você quer uma delas?

— Depende do que é — disse eu, cautelosamente.

Kayleigh empurrou o banco para perto da parede de trás e se ajoelhou em cima dele.

— *Crème de menthe*... quer dizer menta... *crème de cacao*... quer dizer café, eu acho, ou chocolate... brandy de cereja...

— Quer dizer cereja — disse Felix, não ajudando muito. — É bom. Experimente este.

Eu jamais entraria em um *pub* de outra pessoa e começaria a me servir de suas bebidas, mas Kayleigh tinha tanta coragem quanto Felix. Ela pôs um pouco de *brandy* de cereja em dois copos pequenos para nós e outro com creme de menta para ela.

— É agora — disse Felix, pegando seu copo.

Peguei o meu e cheirei. Tomei um gole. Não tinha muito gosto de cereja. Era doce e pegajoso, com gosto de álcool, como os vinhos de Natal. Só tinha líquido suficiente para um gole e pronto.

— Então? — quis saber Felix.

— É... — disse eu.

— Duas coisas de adolescentes feitas — concluiu Felix. Olhou para Kayleigh, que estava sugando as últimas gotas de bebida dos dedos. — Falta só uma.

Sabia exatamente o que passou pela cabeça dele.

— Não! — disse eu.

— O quê?

— De jeito nenhum!

— Fique quieto — Felix se inclinou para a frente na sua cadeira. — Kayleigh, vem cá.

Kayleigh estava em cima do balcão, quase esparramada em cima dele. Ela olhou para Felix com os cabelos quase cobrindo todo o rosto.

— Sim, senhor.

— Se eu desafiasse você a fazer alguma coisa, você faria? Kayleigh deu uma risadinha.

— Não!

— Vamos, Kayleigh. Não seja boba.

Kayleigh se levantou, olhando cautelosamente para nós dois através de seus cachos.

— Bem, depende do que for.

— É para você beijar o Sam. De verdade. Na boca.

— Felix!

Kayleigh começou a rir.

— Isso não tem nada a ver comigo — expliquei a ela. — É idéia dele.

— *Cale* a boca. Então, Kayleigh, você faz?

Kayleigh corou.

— Não! Quero dizer, não com você olhando!

Felix precisou de dez minutos para tirá-la de detrás do bar. Ela só dava risadinhas e dizia "Não, mas...", e cobria o rosto com as mãos. Eu fiquei parado, totalmente constrangido.

— Agora — disse Felix, finalmente. — Agora, Kayleigh. Pare de rir. Faça.

Kayleigh virou um pimentão.

— Você não pode olhar — disse ela.

— Não estou olhando!

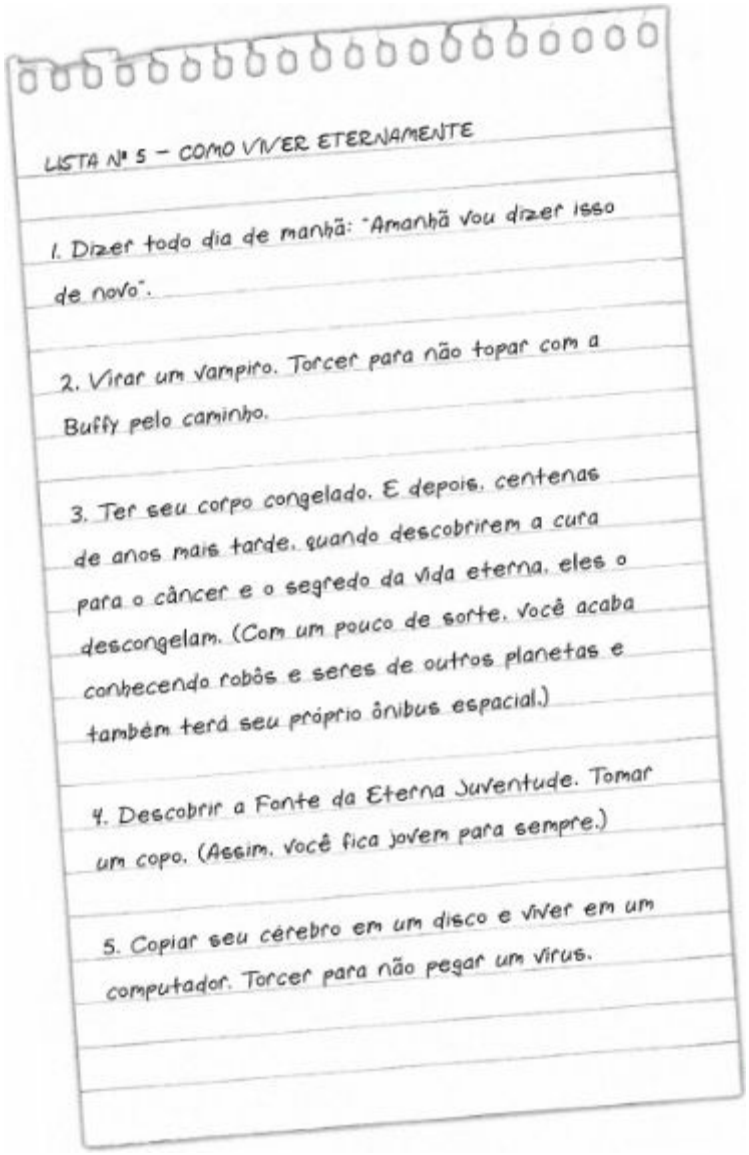
— Estou falando sério. Você tem de se virar.

— Mas estou me virando. Olhe!

— Está bem.

Kayleigh e eu ficamos parados, sem olhar um para o outro. Fiquei pensando se ela estava esperando que eu fizesse alguma coisa e, se sim, o que seria exatamente. Dei um passo. Ela olhou e sorriu. Depois se aproximou e me beijou, sem jeito.

Na boca.


LISTA Nº 5 – COMO VIVER ETERNAMENTE
1. Dizer todo dia de manhã: "Amanhã vou dizer isso de novo".
2. Virar um vampiro. Torcer para não topar com a Buffy pelo caminho.
3. Ter seu corpo congelado. E depois, centenas de anos mais tarde, quando descobrirem a cura para o câncer e o segredo da vida eterna, eles o descongelam. (Com um pouco de sorte, você acaba conhecendo robôs e seres de outros planetas e também terá seu próprio ônibus espacial.)
4. Descobrir a Fonte da Eterna Juventude. Tomar um copo. (Assim, você fica jovem para sempre.)
5. Copiar seu cérebro em um disco e viver em um computador. Torcer para não pegar um vírus.

6. Encontrar uma deusa grega e fazê-la se apaixonar por você. Pedir a ela para falar com Zeus, o Rei dos Deuses, para fazê-lo imortal.

7. Fazer uma Pedra Filosofal. (Você poderá não apenas viver para sempre, como também terá todo o ouro que desejar.)

8. Encontrar uma moça chamada Sempre-Viva e se casar com ela. Assim, mesmo que você não viva para sempre, vai ter a Sempre-Viva.

---

[10] Não se esqueça de dizer a ela para pedir também a juventude eterna. Isso aconteceu com um cara na mitologia grega que se apaixonou pela deusa do nascimento. Ela pediu a Zeus para fazê-lo imortal, mas se esqueceu de que os seres humanos envelhecem. Assim ele foi ficando cada vez mais enrugado pela eternidade. E por isso você tem que ficar atento a tudo. Ela tem de pedir tudo certo com um vetusto todo enrugado.

IR À LUA

1° de fevereiro

Depois de nos despedirmos de Kayleigh, Felix e eu compramos barras de gelatina em uma loja da esquina e sentamos no parque para comê-las.

— Conte — disse Felix. — Foi horrível?

Mas eu não contei.

— Estamos chegando lá — disse Felix. — Dirigíveis, ser famoso e espaço. É isso, não?

— É — respondi. — É isso que vamos fazer agora, construir um foguete?

— Por que não? — disse Felix.

Ele estava sentado em um balanço, com as pernas no ar. Inclinou-se para trás, o tanto quanto pôde. — Podemos fazer tudo! — gritou ele. — Tudo!

Comecei a me balançar, o mais alto que pude. Estava cansado, mas há muito tempo não me sentia tão feliz...

— Vamos para a Lua! — gritei.

É loucura, eu sei. Mas quem sabe? Talvez pudéssemos.

A HISTÓRIA DAS ESTRELAS

Você sabe de onde viemos? Fato: viemos das estrelas.

Quando as estrelas velhas morrem, elas explodem em um estouro gigante, que forma uma nebulosa. Nebulosas são nuvens de gás e poeira. É daí que as estrelas-bebês crescem. Todo o gás e a poeira se comprimem, a gravidade suga-os e eles se transformam em estrelas. As partículas que não se transformam em estrelas ficam flutuando no espaço como planetas, luas ou cometas, e se as condições forem perfeitas, plantas e outros seres começam a crescer e as pessoas nascem. Isso significa que somos todos feitos de partículas de uma estrela velha. Mas é um ciclo. Porque depois de milhões de anos a estrela nova fica velha e cansada também; então ela explode e outras estrelas-bebês nascem. Se a estrela velha não morresse, você nunca teria as estrelas novas.

E aqui vai outro fato: carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio são os elementos necessários para formar a vida. E se você observar os cometas, vai ver que eles têm a mesma proporção desses elementos que temos dentro de nós.

EXPLOSÕES

2 de fevereiro

Hoje perguntei à Sra. Willis sobre foguetes.

— Podemos construir um de verdade? Será que vale para a escola?

— Qualquer coisa vale para a escola se você se empenhar — disse ela. — Foguetes fazem parte da ciência. Você quer um foguete para quê?

— Para ir até o espaço — disse eu.

— Ah! Assim é um pouco mais difícil. Isso provavelmente contaria no quesito... vamos ver... aprendizado imaginativo.

— Quer dizer que não? — perguntei.

— Quer dizer, não vá contar para o Departamento de Saúde e Segurança — disse a Sra. Willis. — E não espere que o Departamento de Educação pague por ele. Eles já quase não pagam pelo gás do isqueiro.

Tivemos uma aula superlegal. Aprendemos a "Fazer Fogos", que na verdade foi apenas jogar pedaços de ferro e outras coisas dentro da chama do fogão e observar eles explodirem. A Sra. Willis gosta de explosões como qualquer um.

A única coisa ruim é que Felix não veio.

~~~

Mamãe ligou para a mãe de Felix depois do almoço. Ela ficou no corredor durante um tempão. Depois ela veio, sentou-se à mesa e ficou me olhando sem dizer nada. Eu estava decalcando uma supernova.

— Sam...

— O que aconteceu com Felix? — perguntei.

Mamãe não respondeu direito.

— Bem... É justamente sobre isso que queria conversar com você.

Olhei para ela. Seu rosto estava sério. Ela torcia a manga da blusa, torcia e retorcia.

— O que foi? — perguntei. — Mamãe, o que foi?

Ela respirou fundo.

— Sam, Felix foi para o hospital hoje de manhã.

Fiquei olhando. Não sabia o que dizer. "Mas ele não pode...", pensei.

— Por quê?

— Uma infecção. Foi o que Gillian disse. Ela está lá agora. Gillian era a mãe de
~~~

Felix.

Continuei olhando. Não esperava que isso acontecesse. Um poço pequeno se abriu no meu estômago. Quero dizer, eu sabia que Felix estava muito doente, como eu, mas não esperava que ele realmente fosse ficar doente.

— Ele vai ficar bem — eu disse.

Mamãe não disse nada.

— Ele vai ficar bem — disse de novo.

SUPERNOVA

Este é o decalque de uma supernova, que é uma estrela explodindo. Uma supernova é o momento em que ela explode e não o momento em que são criadas as novas estrelas e uma nova raça de extraterrestres.

SEQÜESTRANDO O TELEFONE

4 de fevereiro

Duas noites inteiras se passaram. Felix ainda está no hospital. Quando Annie veio para me dar plaquetas, perguntei a ela se sabia de alguma coisa, mas ela disse que não sabia. A Sra. Willis veio de novo e perguntou se eu tinha escrito mais no meu livro. Eu disse que não, mesmo tendo escrito. Jogamos *Othello* na aula. Desejei não ter começado a escrever este livro bobo sobre estar doente. Agora não parece mais tão divertido. Queria que mamãe telefonasse para a mãe de Felix e descobrisse o que estava acontecendo, mas ela não queria. Disse que Gillian tinha muito com que se preocupar agora sem que a gente fosse incomodá-la.

Eu disse:

— E eu? *Eu estou* preocupado. Pelo menos *ela está com ele*. Não podemos ir vê-lo?

Mamãe disse:

— Não. Ele está muito mal, Sam. Ele não ia querer você lá. E você não ia querer pegar nada do hospital, não é mesmo?

Eu queria gritar. Era tão *injusto*. Uma coisa é dizer que ninguém pode ir, mas dizer que eu não posso só porque posso ficar doente é horrível. Isso não faz sentido. Então era para se pensar que eu teria muito *mais* resistência contra infecções, e não menos, por causa do mega-exército com reforço de glóbulos brancos no meu sangue.

Então eu disse:

— Isso é discriminação! De qualquer maneira, as pessoas só são infecciosas logo que ficam doentes, e não depois. (Eu não tinha *realmente* certeza se isso era verdade, mas disse de qualquer maneira.) — E ele quer, sim, que eu vá. Ele quer *sim*. Ele me *disse*.

— Sam... — disse ela e tentou tocar meu braço. Eu me afastei.

— Não! — gritei. — Não é *justo*!

Mamãe suspirou.

— Não. Não é, mas é assim que são as coisas e você vai ter de se acostumar e aceitar a viver com elas.

— Não! — gritei e a empurrei. Depois corri para o corredor e bati a porta. Peguei o telefone e comecei a discar os números. Não sabia qual era o número do celular da mãe de Felix, mas sabia o número da casa dele.

Mamãe veio atrás de mim e viu o que eu estava fazendo. Ela tentou tomar o telefone, mas eu me afastei até onde ia o fio do aparelho. O telefone caiu da mesa e fez um barulho quando atingiu o chão. Do outro lado, ouvi uma voz sonolenta dizendo: “Alô?... alô?”

— Mickey! — disse eu. — Mickey...

Minha mãe arrancou o aparelho das minhas mãos.

— Mickey, desculpe...

— Pergunte a ele! — pedi. — Pergunte.

Mamãe levou o telefone para a sala. Fui atrás dela.

— Sam! — disse ela. — Mickey, sinto muito incomodar, mas o Sam está muito preocupado...

Eu sou craque em escutar a conversa dos outros, mas até mesmo eu não consegui decifrar os ”certos” e “claros” que ela dizia. Tive de me sentar, inquieto, até ela pôr o fone no gancho e olhar para mim.

— E então? — perguntei.

Mamãe abriu a boca como se fosse gritar, mas depois mudou de idéia.

— Ele ainda está no hospital.

— E?

— Ele ainda está muito mal. — ela vacilou, depois disse: — Mickey disse que vai dizer à mãe dele que nós ligamos, mas disse que não tem muito sentido visitá-lo agora. Ele está dormindo quase o tempo todo, Mickey disse. Fiquei calado.

— O pai dele está chegando amanhã, mas eles não sabem a que horas vai chegar. Sam...

Não queria ouvir o que quer que fosse que ela queria me dizer.

— No sábado ele estava legal. — disse eu. Não conseguia me esquecer de quanto aquilo era injusto. — Não tinha nada de errado com ele!

A HISTÓRIA DA CURA

Esta história eu inventei.

Começa assim: estou em casa. Estou com raiva e triste. Mamãe está com raiva também. Estamos brigando. Mamãe está chorando.

Parece que nada de bom jamais vai acontecer de novo.

Então o telefone toca.

Do outro lado da linha fala Annie. Está muito animada. Uma equipe de cientistas descobriu uma nova droga que curou a leucemia em hamsters e ratinhos em laboratório. Todos os hamsters e os ratinhos do laboratório estavam ali, prontos para morrer, quando foram injetados com a nova droga e ficaram curados, e agora estão vivendo vidas felizes como animais de estimação dos filhos dos cientistas.

Os cientistas precisam de seres humanos para testar a nova droga. Eles telefonam para nosso hospital e conversam com Annie.

— Precisamos de muita gente com leucemia — dizem eles. — Precisamos dos seus pacientes mais doentes. Quanto mais doente, melhor. Esta droga é muito boa. É uma droga tão boa, mas tão boa, que eles só precisam dar uma *cheirada* e já saem dançando.

— Ok, está bem — diz Annie. E imediatamente ela liga para todos os pacientes dela e conta sobre os cientistas.

Alguns pacientes não acreditam.

— De jeito nenhum — dizem eles.

— Estão fazendo piada.

— Nenhuma droga pode ser tão boa assim.

Mas eu digo que quero experimentar.

No dia seguinte, os cientistas chegam em casa. Eles me dão um pacotinho com pílulas brancas e vermelhas.

— Aqui está — dizem eles. — É isso. Tome duas por dia com algum líquido — aquele que você preferir.

A droga é muito boa mesmo. Assim que eu tomo uma pílula, começo a me sentir melhor. Depois que tomo duas pílulas, deixo de me sentir cansado. Depois de *três* pílulas, levanto e começo a pular na cama. Corro pela casa. Pego minha bicicleta e, com ela, subo e desço a ladeira. Jogo basquete com Bella na cesta antiga na frente de casa e ganho de trinta e oito a seis.

Depois de tomar todas as pílulas do pacotinho, fico completamente curado. Os cientistas estão supersatisfeitos. Viro notícia no *World News*. Todos os jornais do mundo mostram fotos minhas descendo a ladeira em patins de roda e visitando outras crianças com leucemia para falar sobre as pílulas.

Os cientistas ganham milhões de libras vendendo as pílulas para os hospitais.

Eles me dão um pouco do dinheiro, e eu faço um cruzeiro pelo mundo com minha família, Felix e vovó.

E ninguém nunca mais morre de leucemia. Nunca mais mesmo.

UM TELEFONEMA

5 de fevereiro

A mãe de Felix telefonou na noite seguinte.

Mamãe deu um pulo quando o telefone tocou. Ela já tinha feito isso quando minha avó de Orkney e um homem vendendo cozinhas ligaram. Ela fechou a porta da sala de novo para eu e Bella não ouvirmos o que ela estava dizendo. Detesto segredos, e Bella, também. Olhamos um para o outro. O rosto de Bella estava pálido e seus olhos, arregalados. Teríamos ouvido de qualquer maneira, mas papai estava com a gente e ligou a televisão bem alto nas notícias, e assim não pudemos ouvir. Papai não disse nada sobre o fato de Felix estar no hospital.

Absolutamente nada.

Ouvimos quando mamãe parou de falar. Houve um silêncio que durou uma eternidade. Depois ela voltou e sentou-se na beira do sofá. Fez cara séria de novo. De repente, eu não quis mais saber.

— Era a mãe de Felix? — perguntou Bella.

— Era — mamãe hesitou. — Sam, Gillian diz que... se você quiser... ela acha que talvez você devesse ir e dizer... ir vê-lo.

— Ele está acordado? — perguntei.

— Não. Acordado de verdade, não. — Ela esfregou as mãos nas coxas. — Não sei, Sam. Você não precisa ir, se não quiser.

Eu não queria.

Sim. Queria.

Não. Não queria.

— Eu vou. Vou sim.

PERGUNTAS QUE NINGUÉM RESPONDE - Nº 4
Morrer dói?

O QUE ACONTECEU

6 de fevereiro

Foi estranho voltar à nossa enfermaria. A enfermeira no balcão era nova e não nos reconheceu. Ela disse que Felix estava em um quarto particular. Passei o dedo pela parede do corredor enquanto seguia mamãe, me lembrando de que Felix tinha dito que, quanto mais se piora, tanto melhores os cuidados que nos dispensam. Uma vez, ele e eu esvaziamos uma garrafinha inteira de sangue de vampiro sobre os lençóis para fazer que a estudante de enfermagem nos trouxesse uma Coca-Cola da máquina. Ela ficou *completamente* branca e gritou chamando uma enfermeira profissional. Levamos uma bronca daquelas.

E ela não trouxe a Coca-Cola para nós.

— Chegaram!

Dei um pulo, assustado. Era o Mickey, o irmão de Felix, sorrindo para mim e para mamãe, com dois copos de chá de hospital nas mãos. Ele parecia o mesmo de sempre: grande e desalinhado, como um urso dorminhoco, com o que parecia ser uma mancha de gema de ovo na camiseta. Ele começou a conversar com mamãe. Procurei escutar a conversa, caso eles fossem dizer alguma coisa sobre Felix, mas só falaram sobre o pai dele, os avós e alguém mais de quem nunca ouvi falar antes. Parei de escutar. Fiquei parado perto da porta, querendo entrar, mas sem coragem.

Senti náusea.

Quando finalmente entramos, não achei tão ruim como imaginei que seria. Felix estava deitado na cama, de costas, usando pijamas comuns. Parecia dormir. Sua mãe estava sentada ao lado da cama, segurando a mão dele. Ela virou-se quando entramos. Ela e mamãe se olharam.

Então seu rosto se transformou e ela começou a chorar.

Mamãe, Mickey e eu ficamos parados na porta. Eu não sabia o que fazer. Nunca tinha visto a mãe de Felix chorar. Mamãe já tinha. Ela se aproximou rapidamente e a abraçou.

— Shh... — disse ela. — Tudo bem... Tudo bem.

Com um braço, mamãe a levou até a porta, ainda falando bem baixinho.

— Vamos. Venha comigo agora. Vamos achar um lugar tranqüilo.

Então as duas se foram.

— Tudo bem — disse Mickey. — Tem uma sala especial para isso.

— Eu sei — disse eu. Lembrei-me de repente do que Felix havia dito, que ele não queria que sua mãe estivesse do seu lado quando morresse, caso ela ficasse triste. Olhei rápido para ele. Ele não se moveu.

— Você quer entrar e sentar ali um pouquinho? — perguntou Mickey. Eu disse que sim com a cabeça. Ele me deu um empurrãozinho para onde estava a cadeira.

— Segure a mão dele se quiser. Converse com ele. Deixe-o saber que você está aqui.

— Ele pode escutar?

— Talvez.

Fiquei imaginando se ele estava em coma, ou apenas dormindo. Provavelmente em coma, pensei. Você não escuta as pessoas quando está dormindo. Fiquei pensando o que aconteceria se eu o sacudisse e gritasse "Acorda!"

Talvez abrisse os olhos e gritasse: "Cadê minha Coca-Cola?"

Talvez não.

Sentei-me na cadeira, mas não segurei sua mão. Senti-me muito tolo, sentado ali. Sei que é terrível, mas não tive como evitar. Fiquei pensando se ele pudesse nos ver, ou nos ouvir. Se ele pudesse, aposto que estaria rindo de mim.

— Olá — eu disse.

Não conseguia pensar em mais nada para dizer. Não com o Mickey ali. Mas Mickey pareceu compreender. Ele disse:

— É melhor eu ir pegar um chá para minha mãe. Você quer um também?

— Quero, obrigado.

— Você vai ficar bem, sozinho, não vai? Não vai ficar com medo?

— Não vou — respondi.

E não estava com medo. Era apenas Felix.

Ele parecia estar apenas dormindo.

O que aconteceu então foi algo impressionante.

Algo que não contei nem ao Mickey, nem à mãe de Felix, nem a ninguém.

Um segredo.

Senti-me melhor depois que o Mickey se foi. Sentei-me na cadeira olhando para Felix, arranhando o solado do meu tênis no chão. Estava tudo silencioso. Legal. Apenas nós dois.

— Queria que você se apressasse e acordasse — disse eu. Sabia que ele não acordaria, mas mesmo assim falei.

E então ele abriu os olhos.

Estava olhando direto para mim. Olhei para ele. Não sabia o que fazer. Pensei que talvez devesse chamar o Mickey, mas não consegui me mexer. Era como se ele estivesse pedindo para eu fazer alguma coisa, ou dizer alguma coisa, mas eu não sabia o quê.

— Está tudo bem — eu disse.

Ele continuou olhando. E de repente sorriu. Mais do que um sorriso. Era um *sorrisão*, largo, que tomava o rosto todo. Ele parecia tão feliz que eu comecei a sorrir também, sem querer.

E então seus olhos se fecharam e seu corpo relaxou.

~~~

Fiquei sentado ali naquela cadeira preta de hospital, ao lado da cama, ao seu lado. Sabia que devia ir buscar Mickey, uma enfermeira ou alguém, mas não fui. Fiquei sentado ali, quieto e perto dele, até todo mundo voltar.
~~~

O QUE É MORRER?

Morte: a cessação final das funções vitais em um organismo; o fim da vida.

Dicionário Conciso Oxford (nona edição)

Quando uma pessoa morre, isso quer dizer que seu corpo não funciona mais. Seu coração parou de bater, não há mais necessidade de comida, de sono, não há mais dor. Não precisam mais de seu corpo (o que é bom porque seu corpo parou de funcionar). Como as pessoas mortas não mais precisam de seus corpos, nós não as vemos como costumávamos ver antes de elas morrerem.

As Crianças e a Morte, de Danai Papadatou e Costas Papadatos

SOZINHO NA NOITE

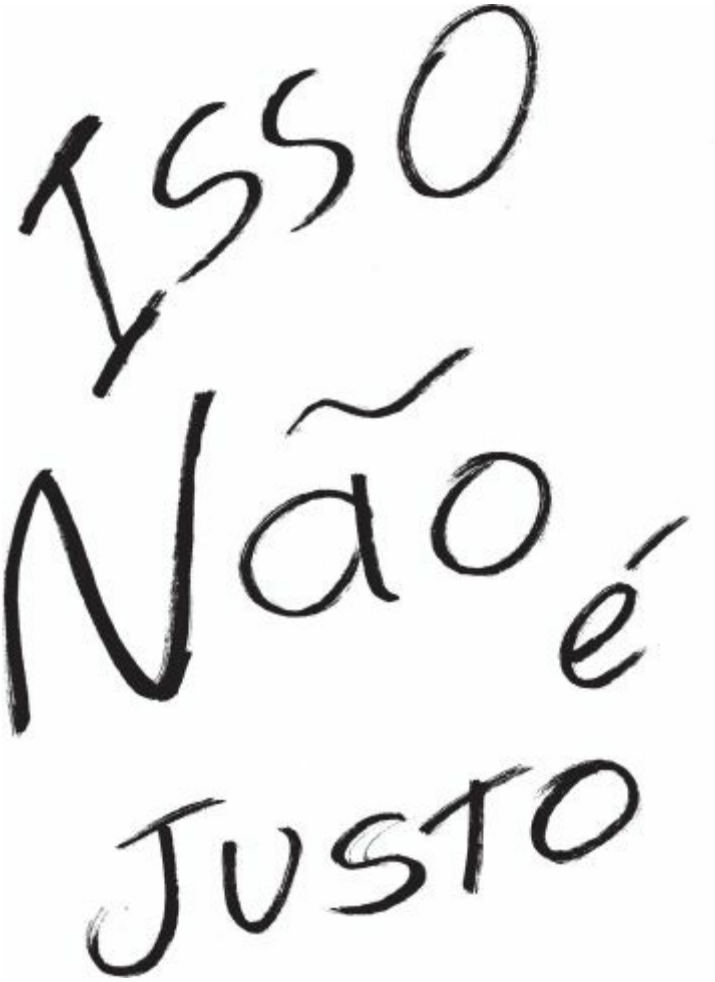
6 de fevereiro

Não consegui dormir muito na noite em que Felix morreu. Senti um cansaço enorme, mas não consegui dormir. Fiquei acordado e ouvindo. Ouvi o aquecimento central fazer ruídos. Ouvi a chuva tamborilando no telhado. Segui as formas conhecidas nas sombras e tentei me lembrar o que cada uma era. *Aquela* ali era meu quadro de notas, pregado com todos os meus cartões. *Aquela* outra era a cesta cheia de roupas, esperando para serem arrumadas. Fiquei acordado e tentei absorver tudo e guardar em algum lugar para que me lembrasse sempre.

Era muito tarde da noite. Ouvi passos na escada e ouvi minha porta se abrir. Era Bella. Estava segurando um elefante de pelúcia e chorava. Eu me sentei na cama e olhei para ela. Ela não disse nada. Acho que ainda estava meio que dormindo. Ela se aproximou da cama e apalpou me procurando, como se para ter certeza de que eu ainda estava ali. Depois subiu na cama ao meu lado, abraçou o seu elefante e cerrou os olhos.

Ela nunca tinha feito uma coisa assim antes.

Fiquei deitado por um tempo pressionado contra a parede, sentido seus dedos frios contra minhas pernas e o calor aconchegante de seu corpo através do seu pijama. Aí alguma coisa relaxou dentro de mim, fechei os olhos e adormeci.


Isso
Não é
justo

MAMÃE

8 de fevereiro

Fiquei na cama no dia seguinte. Escrevi, escrevi, escrevi. Não me levantei. Lá fora estava frio, cinzento, cheio de chuva. Annie veio de manhã, mas a Sra. Willis, não. Mamãe volta e meia botava a cabeça na porta e perguntava: "Está tudo bem?" ou "Você não quer comer alguma coisa?"

Senti-me esquisito, pesado e como se estivesse longe. Meus ossos começaram a doer de novo.

Mamãe às vezes parecia que queria dizer alguma coisa e outras vezes, não. Eu não queria falar com ela. Não sabia o que dizer.

Dava para notar que ela tinha chorado. Seu rosto estava vermelho, molhado e cheio de lágrimas.

Quando anoiteceu, ela se aproximou e sentou-se na minha cama.

— Sam... Sam, será que você não poderia comer alguma coisa, meu bem, por mim?

Neguei com a cabeça. Meu estômago revirava, como se eu estivesse em um navio que não parava de balançar, sacolejando no meio de uma tempestade. Mamãe sacudiu a cabeça, uma vez, duas vezes. Respirou fundo, hesitante.

— Que tal tomar um *milk-shake*?

Ela saiu e fez um *milk-shake* para mim. Segurei o copo, sem jeito. Senti o copo liso e pesado entre meus dedos. A pele na minha mão estava ao mesmo tempo sensível e entorpecida. Eu sentia cada fio da minha camiseta arranhando os braços e o pescoço.

Mamãe ficou olhando para mim.

— Beba — pediu ela.

Bebi metade do *milk-shake*. Em seguida vomitei em cima da coberta e da minha camiseta.

Mamãe ficou parada ali olhando para mim.

Comecei a tremer. Não conseguia parar. Então percebi que estava chorando — não sei se por causa de Felix, porque vomitei, porque estava cansado e doente... Não sei.

Mamãe se aproximou, me abraçou, e eu gritei, porque doeu. Então ela se afastou e começou a chorar também.

— Eu odeio isso.

Minha voz saiu como um grito agudo misturado aos soluços.

— Odeio. Odeio.

Mamãe concordou. Seu rosto estava brilhando de lágrimas.

— Eu também — disse ela. — Ah, meu amor, eu também.

~~~

Não me lembro por quanto tempo nós choramos juntos. Mas me lembro de que, quando paramos, ela me deu um lencinho de papel, e eu enxuguei minhas lágrimas, e ela secou os olhos. Senti o quanto ela queria fazer tudo voltar ao normal, mas não tinha como. Assim ela saiu, buscou uma coberta limpa e me ajudou a pôr uma outra camiseta. Depois trouxe uma vela em um pires, apagou a luz principal e ficou apenas um pequeno círculo de luz da vela na minha mesa de cabeceira. Então ela sentou-se na cadeira, ao lado da cama, ao meu lado, até eu adormecer.
~~~

LISTA Nº 6 – O QUE FAZER QUANDO ALGUÉM MORRE

1. Quando um hindu morre, a família acende uma pequena chama, que fica dentro da casa, ao lado do corpo. Os hindus acreditam que, logo que a alma de alguém deixa o corpo, ela fica confusa e não sabe para onde deve ir. A chama lhe oferece um lugar para viver. Depois de dez dias, a chama é carregada para o mar e colocada na água. Isso mostra ao espírito que já é hora de ele começar a viagem para o além.

2. Os pigmeus não gostam da morte. Quando alguém morre, eles derrubam a cabana por cima da pessoa, todo mundo se muda para outro lugar e ninguém nunca mais fala sobre o morto de novo.

3. Os jamaicanos celebram por nove noites depois que alguém morre. Colocam comida do lado de fora para a pessoa que morreu, dançam, cantam e bebem um rum bem forte.

4. Quando uma pessoa judia morre, se for homem, é lavado pelos homens; se for mulher, pelas mulheres; além disso, são vestidos com uma mortalha branca. O corpo nunca fica sozinho até ser enterrado. Essa é a maneira que eles encontram para respeitar o falecido e também para ter certeza de que o corpo não será roubado. No enterro, as pessoas rasgam as roupas, para mostrar sua dor. Depois, observam o shiva, que quer dizer luto.

5. Os mexicanos fazem uma grande festa. Chama-se "Dia dos Mortos" e acontece nos dias 1º e 2 de novembro. Eles visitam os túmulos e decoram o país todo com caveiras e esqueletos. Cozinham para os parentes mortos e colocam pratos para eles na mesa.

6. Alguns esquimós do Alasca costumavam cobrir os mortos com um iglu. É tão frio no Alasca que o corpo pode ficar congelado para sempre, a não ser que um urso polar o coma.

MAIS BRIGAS

9 de fevereiro

Acordei tarde na manhã seguinte. Deitei de lado e fiquei ouvindo os movimentos da minha família. Bella estava assistindo os desenhos de sábado na televisão. Dava para ouvir as vozes da televisão e Bella rindo. Mamãe estava na cozinha, mexendo com as panelas. Ouvia a Radio *Four* e conversava com papai. Dava para ouvir suas vozes, mas não o que diziam; era apenas o tom normal de suas vozes, por vezes alto, por vezes baixo, como se submergidas ou vindas de uma distância muito grande.

"É assim que vai ser quando eu não estiver mais aqui", pensei comigo. Senti como se já estivesse quase indo, deitado ali com minha porta fechada. Estava tão cansado! Pensei em Felix. Felix, trancado em um caixão e enfiado em um buraco. Fechei os olhos.

Não sei por quanto tempo fiquei assim, até alguém bater à porta.

— Entre — disse eu.

Bella abriu a porta e ficou parada olhando para mim.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou.

Ela se aproximou um pouco mais.

— Você não parece estar bem — disse ela.

Estava parada com um pé no batente da porta e os cabelos escuros caindo no rosto. Tinha uma aparência tão viçosa e saudável que eu queria bater nela.

— Me deixe em paz — disse eu. — Estou bem. Vá embora.

— Vou chamar mamãe — disse ela, e sumiu. Gemi e afundei o rosto no travesseiro. Não queria encarar mamãe de novo.

Ouvi quando alguém entrou no quarto e senti o colchão se mover quando a pessoa se sentou ao meu lado. Continuei com a cabeça escondida no travesseiro.

— Sam? — mamãe falou. — Sam? Você está bem, meu amor?

— Estou! — disse eu, com a voz abafada pelo travesseiro.

Mamãe afagou minha testa e alisou meus cabelos. Puxei minha cabeça para longe.

— Doeu?

— Não!

Ela tocou no meu ombro. Eu gemi.

Mamãe suspirou.

— Talvez devêssemos ligar para Annie...

— Me deixe em paz! — gritei. E depois, porque sabia que ela ia retrucar, disse:

— Quero ir ver Felix.

Mamãe segurou a respiração. Por um momento, não disse nada. Depois falou:

— Não sei se é uma boa idéia.

— Mas eu quero — respondi.

— Eu sei que você quer. Porém... pode ser muito triste ver alguém que está morto. E você também não está nada bem. Não seria melhor você se lembrar dele como ele era?

— Não — respondi. — Não! — virei meu rosto para longe. Todo o tempo eu estava pensando: "Por que não posso vê-lo? Como será que ele está? O que vai ter de errado com ele?"

— Você tem de me deixar vê-lo. Vou ficar pior se você não me deixar.

Mamãe respirou fundo.

— Sam — começou ela, quase implorando. — Não vamos discutir. Por favor, meu bem, agora não.

— Não estou discutindo — disse. — É *você* que está discutindo. Se você me deixasse vê-lo, não teríamos discussão nenhuma.

Mamãe ficou pálida. Seus lábios ficaram finos, formando uma linha rósea.

— Bem — disse ela —, se é assim que você quer pensar, então continue pensando assim. Não vou discutir com você.

Tive ódio dela naquela hora. *Muito* ódio. Ódio da sua cara de tristeza e dor, que eu sabia ser por minha culpa. Ódio por não me deixar vencer. Tive ódio dela porque estava apavorado pelo que podia ter acontecido com Felix, pelo que ninguém jamais me contou.

— Você tem de fazer o que estou pedindo — disse eu, furioso. — Todo mundo tem de fazer. Porque eu vou morrer e então vocês vão se arrepender.

Mamãe ficou sentada sem mover um músculo, mas os lábios ficaram mais finos. Por um momento, ambos não nos movemos. E então ela se levantou e correu para fora do quarto.

~~~

Cerrei os dentes e afundei a cabeça no travesseiro. Bem feito. Pensei. Bem feito. Assim ela aprende. No entanto, não me senti nem um pouquinho mais feliz.

Na verdade, eu me senti desprezível. E com raiva. E sozinho.

Fiquei deitado na cama durante muito tempo, ouvindo. Ouvi as perguntas urgentes de Bella.

— O que foi, mamãe? Mamãe? O que foi?

Ouvi mamãe e papai conversando e mamãe chorando sem parar. Acho que acabei dormindo, porque logo ouvi a voz de vovó, e não me lembro de ter ouvido a
~~~

campainha.

— Deixem de tolice! — foi o que ela falou, bem alto. E depois: — Bem, por que não deveria, se é o que ele quer?

E a voz de papai murmurando alguma coisa.

Em seguida vovó entrou no meu quarto e sentou-se na beirada do colchão.

— Sua mãe conversou com Gillian — disse ela — e disse que você pode ir ver Felix hoje à tarde, se estiver se sentindo bem para isso.

— Estou me sentindo bem — disse eu.

Ela fez um ruído como um muxoxo.

— Tem de fazer melhor que isso, meu rapaz. Você parece um bebê que foi lavado e jogado com a água da banheira. Por que não come alguma coisa e então a gente vê o que acontece?

Eu tinha usado os cotovelos para me apoiar, mas quando ela disse isso, deitei de novo na cama.

— Não tenho fome — disse, e era verdade. Não sentia mais náusea, mas estava meio vazio, como se meu estômago estivesse encolhido dentro de mim. Vovó olhou para mim.

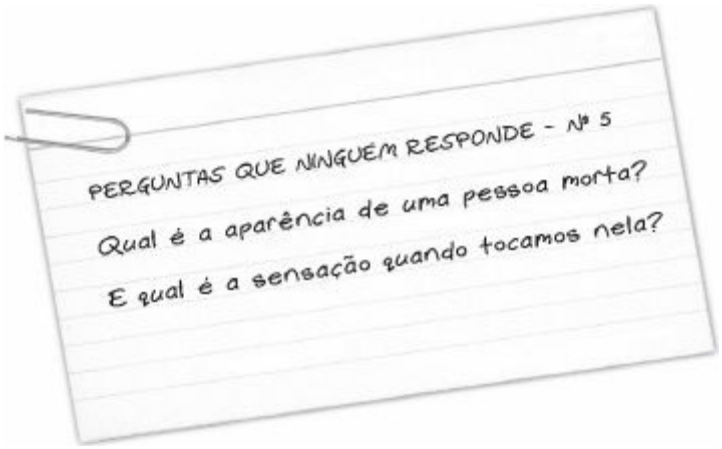
— Não quero ver nada disso. A coitada da sua mãe está morrendo de preocupação com você. E Deus sabe que ela já tem preocupações demais sem você começar com histórias.

Era tão injusto o que ela disse que eu me sentei de súbito.

— Não comecei com histórias! — retruquei.

Vovó concordou com a cabeça.

— É assim que eu quero ver. Agora vou buscar alguma coisa para você comer.


PERGUNTAS QUE NINGUÉM RESPONDE - Nº 5
Qual é a aparência de uma pessoa morta?
E qual é a sensação quando tocamos nela?

FUROS DE BALA

9 de fevereiro

Vovó me levou à casa funerária na sua van de jardinagem. Só tem um lugar a mais além do motorista, que é o assento ao lado dela, na frente. O resto da van está cheio de enxadas, pás, treliças e grandes sacos de areia. No pára-brisa, estão colados os adesivos de furos de bala que dei a ela de presente no Natal. A van fica chacoalhando quando é dirigida em alta velocidade.

Minha avó sempre dirige em alta velocidade.

Mesmo assim, demorou uma eternidade para chegar lá. No caminho, fui ficando cada vez mais nervoso. Meu nervosismo cresceu como um balão no meio de minhas costelas. Fez meus braços ficarem adormecidos e meu coração bater mais rápido, até que achei que fosse explodir.

Quando finalmente chegamos, o lugar, a casa funerária, não era nada como imaginei. Era muito elegante. Parecia a sala de recepção do escritório de papai. Havia um carpete rosa, uma mesa com uma moça usando um *tailleur* azul-escuro e quadros com flores em molduras cor-de-rosa nas paredes. Quando vovó informou o nome de Felix à moça, ela nos levou por um longo corredor com um monte de portas lustrosas de cada lado. Cheguei mais perto de vovó. Ela sorriu para mim.

Fiquei pensando se seria muito tarde para mudar de idéia.

Por fim, a moça parou na frente de uma das portas e virou a chave na fechadura para destrancá-la.

— Aqui estamos — disse ela a vovó. — Avise quando estiverem prontos para sair.

Vovó acenou com a cabeça.

— Está bem — disse ela.

A moça sorriu e começou a fazer o caminho de volta.

— Obrigada! — vovó agradeceu.

Ela virou-se e acenou com a mão.

Vovó e eu nos entreolhamos.

— Você ainda tem tempo de bater em retirada de maneira honrosa — disse ela.

Neguei com a cabeça.

— Tem certeza?

Fiz que sim com a cabeça. Ela tocou de leve no meu ombro.

— Bom rapaz — disse ela e abriu a porta.

~~~

A sala era pequena e simples. Paredes brancas, um quadro com flores cor-de-rosa e uma espécie de cama onde Felix jazia. Vovó se aproximou da cama, em silêncio. Eu fiquei para trás. Ela não disse nada a mim nem a ele. Ficou parada apenas olhando. Eu me aproximei aos poucos, devagar, até ficar bem do lado dela. E então olhei.

Felix estava deitado de costas. Usava sua velha camiseta do Green Day, toda desbotada de tanto ser lavada, e sua boina da resistência francesa. Parecia exatamente Felix, exatamente como se ele estivesse dormindo. E parecia um Felix mais limpo e mais arrumado do que jamais fora em vida. Os olhos estavam cerrados.

Levantei o braço e toquei no seu ombro, na sua camiseta. Então toquei nele de verdade, no seu queixo, na sua pele.

Ele estava muito frio. Não frio como ficam os dedos quando tocam a neve, que ainda possuem o morno sob a pele. Era um frio de pedra, como estátuas de antigos cavaleiros em catedrais. Sem um pingo sequer de morno restante.

Percebi então que esperava, de alguma maneira, que tivesse sido um erro, algum tipo de equívoco. Que eles pudessem ter errado. Mas agora que estava ali parado, sabia que não houve qualquer equívoco ou erro. Ele estava tão quieto e parado! Parecia exatamente Felix, mas não havia absolutamente qualquer *pessoa* dentro dele. Ele podia estar em qualquer lugar, mas com certeza não estava ali.

Pensei que seria amedrontador. Mas não era. Era apenas silencioso e vazio.

~~~

Caí no sono no trajeto de volta, aconchegado no banco da frente do carro de vovó com meus pés sobre um saco de bulbos de tulipas. Estava tão cansado! Dormi o trajeto inteiro até chegar em casa. Quando acordei, já era noite e estava na minha cama. Vovó tinha ido embora e estava chovendo.

A HISTÓRIA DO HOMEM QUE PESOU A ALMA HUMANA

Esta é uma história que li em um livro. É verdadeira. Em 1907, um cirurgião chamado Dr. Duncan MacDougall decidiu descobrir quanto pesava a alma humana. Para isso, chegou a construir uma cama especial em cima de uma balança. Ele colocou um de seus pacientes nessa cama e o pesou enquanto ele morria. Ele disse que o homem foi ficando mais leve, aos poucos, devido ao suor que evaporava. Mas então ele finalmente morreu e — CLUNQUE! — os pesos desceram. O Dr. MacDougall disse que, no momento em que o homem morreu, ele perdeu três quartos de uma onça, ou seja, vinte e um gramas.

Quando li essa história, peguei nossa balança da cozinha para descobrir quanto seriam vinte e um gramas. Fiquei um pouco decepcionado. De acordo com o Dr. MacDougall, a alma humana pesa tanto quanto quatro lápis e meio. Ou três cartões de aniversário[11]. Ou um abridor de envelopes de madeira, uma folha com adesivos e uma caneta usada.

O que significa que não pesa muito.

Bem, o Dr. MacDougall tentou seu experimento em mais três pacientes. Um dos pacientes perdeu menos peso que o primeiro paciente e os outros dois perderam um pouco de peso antes e mais peso depois. Depois o Dr. MacDougall usou quinze cachorros para fazer o mesmo experimento e nenhum deles ficou mais leve. Ele disse que isso provava que ele estava mesmo medindo a alma, porque não achava que cachorros tivessem almas. No entanto, houve uma série de problemas com o seu experimento. Em geral é muito difícil saber com precisão o momento em que alguém morre. E seis pacientes não foram suficientes para o experimento ser adequado. Além disso, suas balanças não eram muito precisas. E poderia ter havido muitas razões desconhecidas para explicar o que aconteceu.

Até agora, porém, ninguém foi capaz de explicar por que eles ficaram mais leves. Não foi por causa da água que evaporou. E não foi por causa do ar que deixou os pulmões, porque o Dr. MacDougall tentou soprar ar para dentro e para fora da boca do homem e isso não mudou seu peso. Algumas vezes, os pacientes urinaram, mas isso não mudou em nada porque a urina ficou em cima da cama e seu peso continuou na balança.

Ninguém jamais repetiu o experimento dele (ou, se repetiram, não consegui achar no Google). Creio que a maioria das pessoas não quer ver cientistas medindo o peso delas enquanto morrem e hoje em dia é preciso pedir permissão a elas para fazer esse tipo de coisa.

Por isso ninguém sabe. Ele provavelmente estava errado.

Mas, e se ele estivesse certo?

E se ele provou que a alma existe?

ANNIE

10 de fevereiro

Quando Annie veio para me dar as plaquetas, ficou conversando com mamãe por bastante tempo. Depois veio conversar comigo.

Eu estava aconchegado no sofá com Columbus, assistindo *Piratas do Caribe* e espremendo minhas plaquetas. Annie se aproximou e sentou-se ao meu lado.

— Olá — disse ela.

— Olá — respondi, sem tirar os olhos da televisão.

— Sua mãe está me dizendo que você não tem se sentido bem.

— Estou bem.

Annie não insistiu.

— Ela contou que você foi ver Felix.

Fiquei calado.

— Quer falar sobre isso?

Fiquei olhando fixo para a televisão. Annie se recostou no sofá. Assistimos o filme durante algum tempo como se fosse a coisa mais importante naquele momento. Mas eu não sou enganado fácil. Havia, sim, uma coisa que eu queria perguntar.

— Annie...

— Hum?

— Quando eles enterram as pessoas... eles cometem algum erro? Assim, de enterrar alguém vivo?

Annie virou-se e olhou para mim.

— Não, Sam. Os médicos são muito cuidadosos. Eles sempre checam o pulso e a pressão sangüínea antes de confirmar que alguém está morto.

Senti vergonha. O gato miou baixinho.

— Eu sei, mas... e se eles cometerem um erro?

Annie começou a afagar o gato. Ele estava quentinho no meu colo.

— É muito difícil cometer um erro desses, especialmente se alguém já estiver morto por umas duas horas. Os corpos se comportam muito diferente depois da morte. Eles ficam brancos e frios. E os músculos enrijecem — como os zumbis nos desenhos animados.

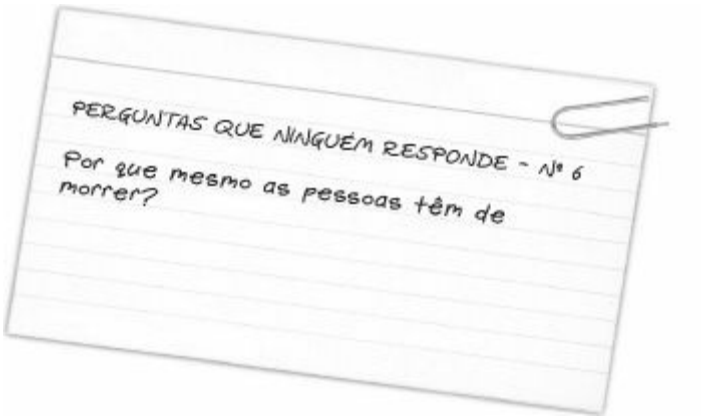
Sabia disso, depois de ver Felix.

— Mas tem gente que acorda depois, às vezes, não tem?

— Não depois de quinze minutos — disse Annie. — De verdade, Sam. O cérebro não tem como sobreviver sem oxigênio por muito tempo.

— Eu já sabia disso — respondi. Bocejei. — Só queria ter certeza.

Na televisão, os esqueletos dos piratas estavam ocupados em acabar com a cidade. Encostei a cabeça no ombro de Annie e ficamos assistindo juntos.


PERGUNTAS QUE NINGUÉM RESPONDE - Nº 6
Por que mesmo as pessoas têm de morrer?

O ENTERRO

12 de fevereiro

O enterro de Felix foi hoje. Mamãe, eu e Bella fomos.

Eu nunca tinha ido a um enterro antes, então não sabia bem o que esperar. Imaginei as pessoas chorando e todo mundo vestido de preto. Felix teria gostado disso. Ele gostava de preto. Teria gostado de ver as pessoas todas vestidas de preto gótico, usando rímel e lápis nos olhos e esmalte negro nas unhas. Gostaria que tivéssemos pensado nisso, só para ver seus parentes mais velhos fazerem isso.

Não usamos preto. Bella usou uma saia ampla verde comprada para o casamento de minha prima e sandálias com flores laranjas. Mamãe não queria que ela usasse isso, mas não teve jeito, pois ela não quis trocar de jeito nenhum.

— Mas, Bella, você vai congelar naquela igreja enorme.

— Não me importo. — Bella sentou-se na cadeira de papai e cruzou os braços para mostrar que não mudaria de idéia. — Quero usar alguma coisa bonita.

Então ela foi daquele jeito.

E com um casaco de lona.

Papai não foi. Em vez disso, foi trabalhar como de costume. Nem mesmo assinou o cartão que compramos.

~~~

Havia um monte de gente na igreja. Eu conhecia apenas algumas pessoas. Havia Mickey e o pai de Felix, que mora em uma fazenda, tem muito cabelo e toca o *didgeridoo*, mas não na igreja. Lá também estava Kayleigh, de pé, ao lado do pai dela. E o Dr. Bill, todo bem vestido. Até mesmo a Sra. Willis estava lá.

Ela estava do outro lado da igreja, mas sorriu para mim quando entramos. Ela também não estava de preto.

A cerimônia antes do enterro foi estranha. Todo mundo cantou hinos. Bella ficou chateada quando começaram. Ela disse em voz alta:

— Mas Felix não acreditava em Deus!

— Bella! — disse mamãe, repreendendo-a.

— Mas ele não acreditava mesmo! — continuou Bella.

— Shhhhh! — mamãe disse. E ficou vermelha. Olhou para a velhinha sentada ao nosso lado, provavelmente imaginando se ela era avó de Felix ou coisa parecida. — Se você não se comportar, tiro você daqui.
~~~

— Mas... retrucou Bella.

A velhinha se inclinou para mamãe e disse:

— É mesmo uma bobagem, querida — disse ela para Bella —,mas você não pode dizer nada. Não vai querer ver o pastor chorar, ou é isso que você quer?

Bella ficou tão surpresa com o fato de uma estranha lhe dirigir a palavra que se calou imediatamente. Mas não cantou nenhum hino. Nem eu também cantei. Não porque achasse que fosse bobagem, mas porque Bella tinha razão. Felix não teria querido hinos. Teria querido... Green Day ou algo parecido. Todos os parentes cantando músicas do Green Day. E depois o pai dele tocando o *didgeridoo*.

Depois dos hinos, o pai de Felix se levantou e falou. Disse *um monte de coisa* sobre como Felix era corajoso e alegre e como ele nunca reclamava de nada. O que não era verdade. Felix foi corajoso, mas reclamava o tempo todo quando estava no hospital. Eu e ele costumávamos fazer planos de como jogaríamos granadas em todas as enfermeiras. E o pai de Felix começou a falar sobre o que Felix fez quando era pequeno, e eu imagino foi o tempo em que seu pai o conheceu melhor, porque ainda vivia junto com a mãe de Felix nessa época. Mas aquilo tudo era bobagem. Felix não era um desses meninos bonzinhos. E também não foi nenhum herói infantil. E às vezes ele ficava irritado como qualquer um.

Bella não gostou do discurso do pai de Felix da mesma forma que não gostou dos hinos. Começou a se agachar. E foi se agachando no banco até que acabou deslizando completamente para o chão, onde não tinha de ficar olhando para o pai de Felix. Mamãe não sabia mais o que fazer. Dava para ver que uma parte dela queria repreender Bella, mas a outra pensava que, enquanto Bella estivesse no chão, pelo menos não diria nada rude sobre a cerimônia.

Bella abraçou as pernas e pôs a cabeça em cima dos joelhos. Ela parecia tão triste e cansada que eu também deslizei do banco e me sentei no chão ao seu lado.

Era legal ficar no chão. Não precisávamos olhar para as flores, nem para o caixão, ou para todas aquelas pessoas horrorosas em seus ternos escuros. Bella virou-se para olhar para mim. Seu rosto estava pálido e havia uma marca vermelha na testa no lugar em que tocara os joelhos. Seus dedos descobertos dos pés estavam gelados.

— Felix teria achado tudo isso uma idiotice — cochichei. Ela deu um sorrisinho.

— Nós é que deveríamos ter feito um discurso — cochichei de novo. — Felix sabia contar piadas e brincar com tudo. Gostava de mandar nas pessoas, fazer todo mundo ouvir o que ele tinha para dizer e sempre ter a última palavra.

Bella sorriu.

— Ele gostava de jujubas — murmurou ela — e de discutir.

— E de *ganhar* as discussões — completei. — E de fazer coisas que não eram para ele fazer. Como fumar cigarros.

— Ele também fazia cócegas muito bem — disse Bella.

Minha mente de repente mostrou a imagem de Felix no hospital, onde nos conhecemos, com Bella subindo em cima dele e ele fazendo cócegas nela até ela gritar. De repente, me senti muito cansado.

— Ele sempre tinha tantas idéias — disse eu — e inventou tantos jogos. Nunca pensou que alguma coisa fosse impossível.

— Ele podia fazer tudo — murmurou Bella, e deu um suspiro. Depois encostou a cabeça no meu ombro e fechou os olhos.

COISAS QUE ACONTECERAM

Não escrevi mais nada no meu livro durante algum tempo, mas também nada aconteceu. Fomos visitar minha tia Nicola em um fim de semana. Os amigos de minha mãe, Sue e David, vieram passar uns dias com a gente e fomos a *Butterfly World*, um lugar com borboletas de todas as espécies.

Minha avó me levou com Bella para ver o filme *Meu Amigo das Cavernas*, sobre um menino da idade da pedra que vivia em um buraco onde todo mundo jogava lixo. E era mais ou menos assim que tudo parecia mesmo.

Tudo continua sendo mais difícil do que deveria ser. Mamãe se preocupa com tudo, com refeições, com usar bonés, pôr cachecóis. Papai gritou com Bella por ela andar com cara de enterro durante a visita a *Butterfly World*, e ela chorou. O tempo está chuvoso e cinzento.

Hoje, porém, aconteceu uma coisa.

CAI A NEVE

2 de março

Quando acordei esta manhã, o mundo inteiro tinha mudado. Até mesmo o Sol estava mais brilhante. Havia um monte de moedinhas de luz dançando na parede do meu quarto. Quando abri as cortinas, não consegui parar de olhar. Nossa rua, as outras casas, o jardim; era como se alguém tivesse colocado tudo para lavar na água sanitária e tudo saíra branquinho e brilhante.

Mamãe, papai e Bella estavam tomando café quando entrei na cozinha.

— Nevou! — exclamei.

— Já vimos — disse Bella. Pôs a colher na boca e chupou, me espiando por cima da colher. — Seu bobo.

Ignorei. Bella andava muito esquisita nos últimos dias. Agia como uma menininha, chorando ou brigando sem ter por quê.

— Podemos andar de trenó? — perguntei.

Mamãe me olhou de cima a baixo. Depois disse:

— Não vejo por que não.

Bella derrubou a colher dentro da tigela, fazendo salpicar.

— Posso ir também?

— Não seja boba — disse papai, sem tirar os olhos de sua torrada. — Você tem aula.

Bella fez cara feia para ele. Deu um chute na perna da mesa. Papai continuou comendo como se ela não estivesse ali.

— Isso é muito injusto! — berrou Bella.

— Claro que sim, Bella — disse mamãe, de repente. — Claro que você pode vir conosco.

— Não. Ela não pode — retrucou papai e olhou para ela.

— Por que não? — disse mamãe, olhando direto nos olhos de papai, com a mão apertada na colher. — Pode ser que não neve mais este ano. Vai ser bom para todos nós passar um dia juntos enquanto... enquanto Sam estiver bem.

Olhei rápido para papai. Ele evitou meu olhar.

— Não podemos simplesmente deixar tudo de lado — disse ele. Dava para perceber que ele não gostava de falar sobre isso. Tirou os óculos e começou a limpá-los com a toalha da mesa. — Temos ainda... eu ainda tenho de ir trabalhar...

— Não, você não tem — disse mamãe. Bella e eu ficamos olhando para ela. Papai sempre vai trabalhar. Ele continuou indo trabalhar mesmo quando eu estava no hospital no ano passado. É o que ele faz. Dizer que ele não precisava ir trabalhar era como dizer que não precisávamos comer ou vestir roupas. — Você tem empregados, não tem? Não precisa ir todo dia. De fato, não há razão para você não vir conosco brincar com o trenó.

— Vocês não vão brincar de trenó! — gritou papai e bateu com a palma da mão na mesa. Bella e eu nos retraímos. — Sam está doente, pelo... pelo amor de Deus! Você não pode levá-lo para fora com um tempo desses.

Os olhos de Bella ficaram apertados e cheio de lágrimas. Mamãe e papai quase nunca brigam. E quando brigam, papai nunca grita. Ele geralmente ele diz "Não vamos falar sobre isso" e sai da sala. E geralmente mamãe deixa para lá. Eu nunca tinha visto mamãe contrariá-lo daquele jeito. Era como se ela fosse outra pessoa.

Achei que ela fosse gritar de volta, mas não gritou. Ficou apenas olhando para papai de um jeito muito esquisito.

— Então me diga exatamente que diferença você acha que vai fazer? Pode me dizer?

Os lábios de papai se moveram, mas não saiu nada. Seus olhos passeavam pela cozinha, dos óculos ainda na mesa, para as fotografias da família na parede, para mim. Pararam em mim. Ele ficou olhando para mim, como se nunca tivesse me visto antes. Enfrentei seu olhar. Não sabia o que dizer.

— Você vai ver — disse mamãe, calmamente.

— Não — disse papai, e olhou para Bella. — Bella, vá pegar seu casaco. Vou levar você para a escola.

— Nãããão! — berrou Bella.

— Pode deixar que eu a levo — disse mamãe, dando as costas e saindo. Bella desceu da cadeira e correu atrás dela. Eu fiquei parado, constrangido, olhando. Papai terminou de comer sua torrada em silêncio, enquanto mamãe e Bella se preparavam. Então a porta da frente bateu e a casa ficou em silêncio.

Só eu e papai. Papai pigarreou. Eu esperei.

— Você... você está bem, não está, Sam? — perguntou ele.

— Sim — respondi. O que mais poderia ter respondido?

— Claro que está — confirmou papai. Ele me deu um tapinha no ombro. — Bom menino. Meu bom menino.

E saiu para pegar o casaco.

Quando ele se foi, fiquei sentado à mesa e pensando no que ia acontecer. Ainda estava no mesmo lugar quando mamãe voltou. Ela olhou ao redor e pôs o dedo nos lábios.

— Ele foi embora? — murmurou ela.

— Foi — respondi.

Ela desapareceu de novo. Eu a segui, curioso. Mamãe abriu a porta da frente. Bella estava parada em frente com seu casaco de lona, com a mochila da escola sobre um ombro.

— Corram e se aprontem enquanto eu pego os trenós — disse ela, porém ficou hesitante. Depois sorriu para mim, um sorriso largo, inesperado, daqueles que eu quase tinha esquecido que ela tinha. Era como se o sol tivesse surgido das nuvens. — E não conte a seu pai.

~~~

Não consegui parar de pensar em papai no caminho todo dentro do táxi até o parque. Senti como se o estivesse traindo, saindo na neve depois de ele proibir. Não sabia, porém, o que mais poderia fazer. Mamãe tinha razão. Aquela talvez fosse a última chance de andarmos de trenó. Não poderia desperdiçar a oportunidade.

No entanto, ainda queria que papai tivesse vindo.

Não havia ninguém no parque. Nem mesmo as crianças pequenas demais para ir à escola. Toda vez que estive lá, o lugar fervia de crianças; agora, o vazio era quase amedrontador. Era uma sensação esquisita, branca, de espera, como se o mundo estivesse prendendo a respiração.

— Quem quer ir primeiro? — perguntou mamãe. — Ou os dois vão ao mesmo tempo?

Não acreditei que ela estava realmente me deixando descer de trenó. Normalmente ela teria ficado preocupada, com medo de que eu me machucasse. Eu não discuti. Bella e eu temos nossos próprios trenós de plástico. Nós nos sentamos nos trenós ao mesmo tempo.

— Um — contou mamãe —, dois, três e já!

Empurrei com meus pés e me arremessei para a frente com toda força, como a gente faz em um balanço. O trenó não se moveu imediatamente, mas, logo, de repente, começou a deslizar. Devagar no começo, depois mais rápido. Senti o vento no meu rosto. Senti o frio através das luvas. Avistei os arbustos no fim da ladeira e, além deles, a longa curva do rio. "Nunca me senti tão vivo", pensei. "Nunca. Quero que este momento dure para sempre." Mas os arbustos se aproximavam cada vez mais, então coloquei meus pés na neve e o trenó parou em tempo e pronto. Bella parou deslizando ao meu lado, com as faces rosadas e os olhos brilhando.

— De novo! — exclamou ela.

Arrastamos os trenós para o alto novamente. Descemos de pés para frente, de rosto para frente, de barriga, de costas, com o céu passando e sacudindo sobre nossas cabeças, descemos juntos em um trenó só. Aos poucos, ficamos quentes nos nossos casacos, tiramos nossos gorros, cachecóis, luvas e deixamos tudo em uma pilha ao lado de mamãe. Mamãe ficou no alto nos vendo. Tirou fotos: eu e Bella em
~~~

nossos trenós, Bella e eu descendo a ladeira, Bella e eu juntos. Ela mesma experimentou e desceu uma vez no trenó de Bella, embora dissesse que uma vez era suficiente.

— Já estou muito velha para isso — disse ela, rindo.

— Nunca! — disse Bella e abraçou mamãe.

Depois de um tempo, comecei a ficar cansado e meus ossos doíam de novo; assim, fiquei no alto com mamãe, vendo Bella descer. Agora tinha mais gente, uma mulher com dois cachorros e um velhinho com um menino em um trenó. Nossa ladeira linda e branca estava agora rasgada com marcas de trenós e pegadas. Eu sabia que não podia ser de outro jeito, mas desejei que ainda fosse tudo liso e bonito. Começou a nevar de novo.

— Bella — mamãe chamou —, vamos para dentro agora!

Fomos para a lanchonete do parque, com teto de vidro, e tomamos chocolate quente com *marshmallows*. Bella fez bolhas no dela e ficou com um bigode cremoso. Eu a imitei, porque ela ficou muito engraçada. Mamãe sorriu para nós dois e pediu à garçonete para tirar uma foto de nós três juntos. Ficamos sentados sem falar muito.

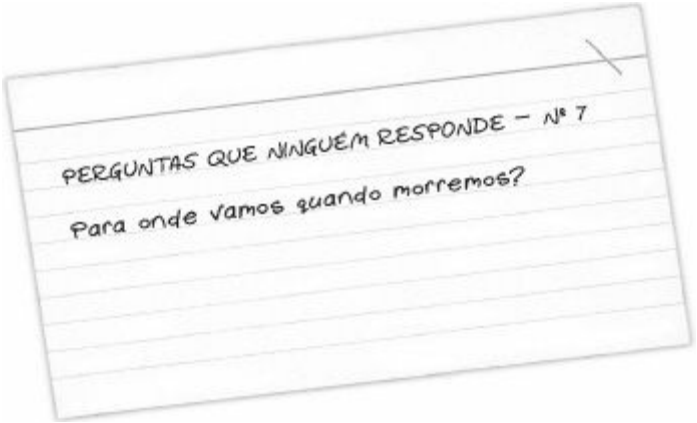
— Felix teria gostado disso — disse Bella, de repente.

Entreolhamo-nos, um pouco constrangidos.

— É — disse mamãe. Ela não parecia se importar que Bella falasse sobre Felix. Sorriu para mim e apertou minha mão. — Ele teria mesmo.

Bella confirmou e continuou a bebericar seu chocolate.

Depois de um tempo, ela se levantou e foi olhar os pôsteres antigos atrás do balcão. Mamãe foi pagar a conta. Eu fiquei olhando o parque através da parede de vidro. A neve estava caindo de verdade agora, milhares e milhares de flocos de neve macios girando e girando no teto acima e na minha frente. Fiquei olhando a neve cair. Cobrindo as cicatrizes que os trenós deixaram e as pegadas deixadas por nós. Alisando o dano que fizemos e deixando tudo mais uma vez limpo e novo.



O QUE ACONTECEU NO MEIO DA NOITE

3 de março

Papai não disse nada sobre nosso passeio de trenó quando voltou para casa. Nem mamãe. Os dois agiram como se nada tivesse acontecido de manhã.

Eu estava aconchegado no sofá com meu livro sobre dirigíveis. A lareira estava acesa. Lá fora, o crepúsculo cobria os montes de neve na grama. Estava tudo quieto, quente e aconchegante.

Papai sentou-se ao meu lado no sofá. Não disse nada. Abriu o jornal e ficou olhando para as páginas. Depois o fechou de novo.

— Vamos jogar alguma coisa? — perguntou.

Olhei para ele. Não jogávamos juntos há muito tempo. Estava escuro e gelado lá fora.

— Agora não, papai — disse eu. — Estou realmente cansado. Desculpe.

Ele gesticulou com a cabeça duas vezes.

— Tudo bem — disse. Seus olhos passearam pela sala, do mesmo jeito que tinham feito pela manhã. Detiveram-se sobre o meu livro de dirigíveis. Ele tossiu.

— Li alguma coisa no jornal sobre um dirigível que eles têm lá no Lake District. Você quer ouvir?

Confirmei que sim. Ele folheou as páginas, procurando a que queria.

— Pronto. Aqui está — disse.

Alisou a página e começou a ler.

~~~

Naquela noite, a noite passada, não pude dormir. Fiquei sonhando e acordando, não sabendo ao certo se estava ainda dormindo ou acordado. E meus ossos doíam. Não me dei conta de que doíam porque, de início, estava muito confuso entre o sonho e o sono. Mas, quando acordei de novo, estava todo enrolado nos lençóis e gemendo sem saber por quê. E lá estava meu pai.

Geralmente é mamãe quem vem. Não sabia por que era papai dessa vez. Ele se aproximou da cama e disse:

— Sam! Sam, está tudo bem?

Eu, porém, só gemia e me revirava, porque ainda não tinha me dado conta do que estava acontecendo.

Ele então pôs a mão no meu braço e eu, sobressaltado, arranquei os óculos de seu
~~~

nariz. Ele pôs as mãos nos meus ombros e disse:

— Sam, Sam. Acorde, acorde. Estou aqui. Acorde.

Acordei então e vi que era ele. E chorei menos.

Ele perguntou:

— O que está sentindo? Onde dói?

E eu respondi:

— Está doendo tudo — e comecei a chorar de novo.

Ele fez cara de pânico. Abriu a portinha do meu armário e começou a procurar pelos meus comprimidos. Havia muita coisa lá dentro: comprimidos, injeções, coisas que eu ainda tomava e coisas de que não precisava mais. Papai foi tirando as coisas de dentro e fazendo uma pilha em cima da cama.

— É uma caixa — disse eu. — Mamãe sabe qual é.

— Eu sei que é uma caixa! — resmungou papai, dizendo um palavrão. Eu me inclinei para fora da cama e vi que meu remédio estava lá, entre umas pastilhas para aliviar a garganta de quando fiquei doente da última vez.

— Papai. *Papai*...

Como sempre ele não estava ouvindo. Estava remexendo em tudo com as mãos. Puxei sua manga.

— *Papai*. Ali...

Foi então que ele viu. Pegou a caixa e ficou tentando abrir a tampa. A caixa se abriu e os comprimidos se espalharam. Papai soltou um palavrão.

— Tudo bem. Está tudo bem, papai.

Ele parou e olhou para mim.

— Olhe só para você — ele disse. — Que tal se você for o papai e eu o filho, hem?

Encostei no travesseiro e sorri para ele. Ele ainda parecia nervoso.

— Vou buscar água para você tomar com os comprimidos. Não vá a lugar nenhum, ouviu?

Confirmei com a cabeça.

Ele se sentou na cama e ficou olhando enquanto eu engolia o comprimido. Quando acabei, ele pegou o copo e o colocou em cima do armário. Pensei que fosse voltar para o quarto dele, mas ficou olhando para mim.

— Por que todo aquele choro? — perguntou.

Sacudi a cabeça.

— Estava sonhando.

— Sonhando? — ele esticou a mão e ajeitou a coberta. — Com o quê?

— Ah... Não me lembro.

Não parecia ter importância naquele momento.

— Não...

Ele ficou ali sentado em silêncio.

— Eu estava sonhando — disse ele. — Foi por isso que acordei.

— Sonhando com o quê? — perguntei, sonolento.

Ele afagou meu queixo. Achei que não ia responder ou que não tinha ouvido. Eu estava muito sonolento para me importar muito. Mas então ele disse:

— Com você — disse ele. Virei o rosto para fitá-lo. Ele ficou quieto e depois continuou:

— Você... indo embora...

Sabia que eu devia estar meio dormindo. Quando olhei para ele, vi lágrimas em seus olhos.

— Papai... não chore. Papai.

Levantei a mão e o toquei, com um pouco de receio.

Ele estava chorando, sim. Havia uma trilha luminosa correndo pelas suas faces. Pisquei para ele, tentando compreender.

— Papai...

— Sam — disse ele, e segurou minha mão. Parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas meus olhos começaram a fechar. Estava flutuando para longe, para as fronteiras do sono.

LISTA Nº 7 – CINCO FATOS SOBRE PAPAI

Esta é a página que eu e meu pai escrevemos hoje.
Estes são os fatos sobre meu pai.

1. Ele tem trinta e nove anos. Gosta de espaguete e feijão com ketchup. Não gosta de anchovas.

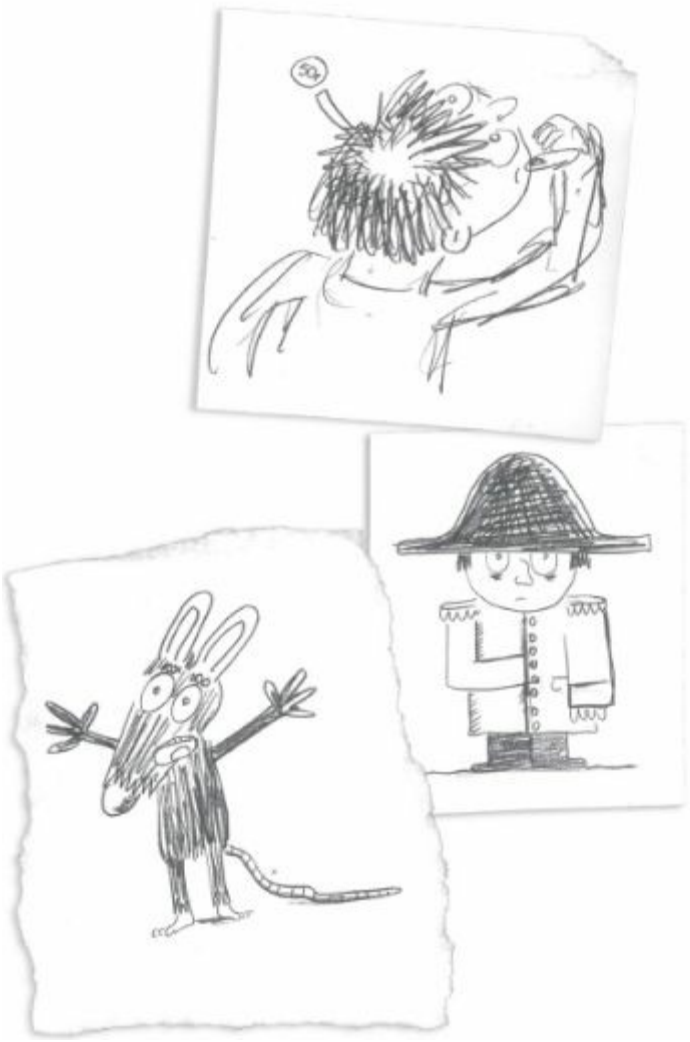
2. Sua palavra favorita é orgulhoso, que quer dizer altivo e esplêndido. Ele, porém, não tem nada de altivo nem de esplêndido.

3. Ele tem um começo de calvície do tamanho de uma moeda de cinquenta pences. Ele diz que é culpa de Bella.

4. Quando ele era um menino, queria ser um alpinista. Queria escalar o Monte Everest, mas depois descobriu que Edmund Hillary tinha chegado lá primeiro. Esta é uma foto de papai quando ele tinha a minha idade.

5. A piada predileta do meu pai é:
Onde Napoleão guarda seu exército?
Debaixo da manga.

Desenhos feitos por papai



SURPRESAS

4 de março

Dormi até tarde no dia seguinte. Quando acordei, papai estava do meu lado.

— Papai!

— Que foi? — disse ele, fazendo uma cara séria. — Não vão me permitir passar um dia com meu filho?

— Claro que sim! — disse eu, e o abracei. Ele ficou surpreso, mas contente, e me abraçou de volta.

— O que você quer fazer? — perguntou ele.

Foi uma manhã superlegal. Eu não quis um café da manhã convencional, então comemos pêssego em calda, sorvete e uvas na cama. Mamãe foi visitar vovó, e Bella estava na escola. Papai tirou folga o dia inteiro para ficar comigo. Jogamos cartas, *Top Trumps* e Risco na cama de papai e mamãe. Eu ganhei.

A Sra. Willis não veio, mas tivemos aula. Papai me contou a história de Loki, o deus nórdico que roubou os cabelos de Sif no meio da noite e depois foi pedir aos anões para tecerem mais cabelos para ela. Eu tinha me esquecido de como papai sabia contar histórias. Ele imita as vozes e tudo o mais.

Depois que papai me contou sua história, li para ele a parte do meu livro que falava sobre subir as escadas rolantes que descem. Ele gostou tanto que eu li também a parte sobre o tabuleiro de *Ouija*. E algumas das listas.

— Onde você encontra todas essas coisas? — quis saber ele.

— Na Internet — respondi. — E nos livros também. A Sra. Willis às vezes traz livros.

Ele ficou admirado. Por isso mostrei a ele a lista das "coisas a fazer".

— Já fiz quase todas — contei. Ele ficou tão surpreso que comecei a rir. Contei tudo e ele não ficou chateado. Apenas ouviu.

— Então só faltam os dirigíveis e as naves espaciais? — perguntou ele.

— E ser um cientista — eu disse.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Mas isto aqui não é exatamente isso? — disse ele e tocou no meu livro.

Eu não tinha pensado no meu livro dessa maneira. Será que todas as minhas discussões com Felix contavam para eu ser um cientista? Eu queria perguntar a papai, mas Annie chegou naquele momento. Olhou para os jogos, o jornal, os livros

e as coisas do café da manhã em cima da cama, com Columbus deitado no meio de tudo, e riu.

— Pelo jeito parece que vocês estão fazendo a festa! — disse ela.

Ela entregou uns comprimidos mais fortes para eu tomar. O que era uma pena, porque eles me deixaram ainda mais sonolento, tanto que não consegui ficar acordado. Papai não se importou. Ele me deixou ficar na cama grande e fiquei observando enquanto ele arrumava as coisas.

Quando ele estava para sair, eu disse:

— Papai.

— O quê?

Olhei para ele, parado na porta, com o livro sobre os mitos nórdicos embaixo do braço e os óculos pensos.

— Nada — respondi.

Ele olhou para mim. Voltou para perto da cama e me abraçou tão apertado que pensei que fosse explodir.

— Durma bem — disse ele.

E dormi. Dormi a tarde inteira. A não ser por um momento quando acordei e pensei ter ouvido papai conversando ao telefone.

— Sim. Sei disso. Mas não há outras opções?

Pensei que ele estava falando com o Dr. Bill de novo. Mas então ele disse:

— Eu não quero interromper as filmagens.

Filmagens?

— Sim, um vôo curto... Não... Não, mesmo? Sabão em pó?... Bom, vale a pena tentar... Sim... Claro, obrigado.

E desligou o telefone. Fiquei deitado, pensando meio sonolento no que queria dizer tudo aquilo. Será que estava sonhando? Estava tão cansado, porém, que não parecia importante. Fechei os olhos e caí no sono novamente.

UM ANÚNCIO DE SABÃO EM PÓ

5 de março

Na manhã seguinte, quando mamãe estava aprontando Bella para ir para a escola, o telefone tocou. Mamãe atendeu.

— Alô?... Sim... Quem?... Ele disse *o quê*?

Rolei na cama e me estiquei para poder espiar pela porta aberta do quarto.

— Daniel! Tem um homem de uma empresa de filmagem na linha. Ele disse que conversou com você ontem!

— Ah, sim...

Papai veio até o telefone, segurando uma fatia de pão torrado. Pegou o aparelho da mão de mamãe, que olhou curiosa para ele.

— Alô?... Sim?... Sim. *Mesmo*? Mas isso é fantástico!... Espere um pouco... Às quatro da tarde, Legburthwaite... Sim... Sim. Obrigado. Muito obrigado mesmo... Até logo.

Desligou o telefone. Mamãe e Bella ficaram olhando e esperando. Eu também.

— O que foi? — perguntou mamãe. — O que está acontecen-do?

— Você vai participar de um filme? — perguntou Bella.

Papai deu risada.

— Claro que não vou participar de um filme — respondeu ele, esfregando as mãos, como um mágico pronto para tirar o coelho da cartola. — Era Stanley Rhode. Ele trabalha para uma empresa que está filmando um anúncio lá em Helvellyn.

— Um anúncio? — perguntou mamãe.

Papai riu de novo.

— De sabão em pó — disse papai. — Você acredita nisso? Acho que eles vão espalhar o sabão em pó lá de cima e dizer alguma coisa engraçada sobre as roupas ficarem brancas como as nuvens.

— Daniel! — mamãe exclamou. — Do que está falando? Espalhar sabão em pó de onde?

— Ah — disse papai, surpreso. — Eu ainda não contei? De um dirigível.

— De um *dirigível?* — quase caí da cama. — Papai!

Mamãe e papai se viraram.

— Ah, você está aí! — disse papai. — Sim, é isso mesmo. Liguei para a Associação Britânica de Dirigíveis ontem, mas eles disseram que era preciso ir à

Alemanha ou à Itália para conseguir um vôo com passageiros. Assim, expliquei a situação e eles passaram o número desse homem. Ele é piloto e disse que nos levaria para um vôo hoje, depois que...

Hoje?

Não acreditei. Será que era algum tipo de brincadeira? Papai sorria largamente, olhando para todo mundo. Bella dava pulos, puxando a manga de papai.

— O que está acontecendo? — ela quis saber. — Papai, nós ainda precisamos ir para a escola? Vamos aparecer na televisão?

Desci da cama e fui para o corredor.

— É muito melhor que isso — eu disse a ela. — Espere só para ver.

LISTA Nº 8 – FATOS FANTÁSTICOS SOBRE DIRIGÍVEIS

1. O primeiro dirigível foi construído em 1784, quando Jean-Pierre Blanchard colocou uma hélice em um balão.

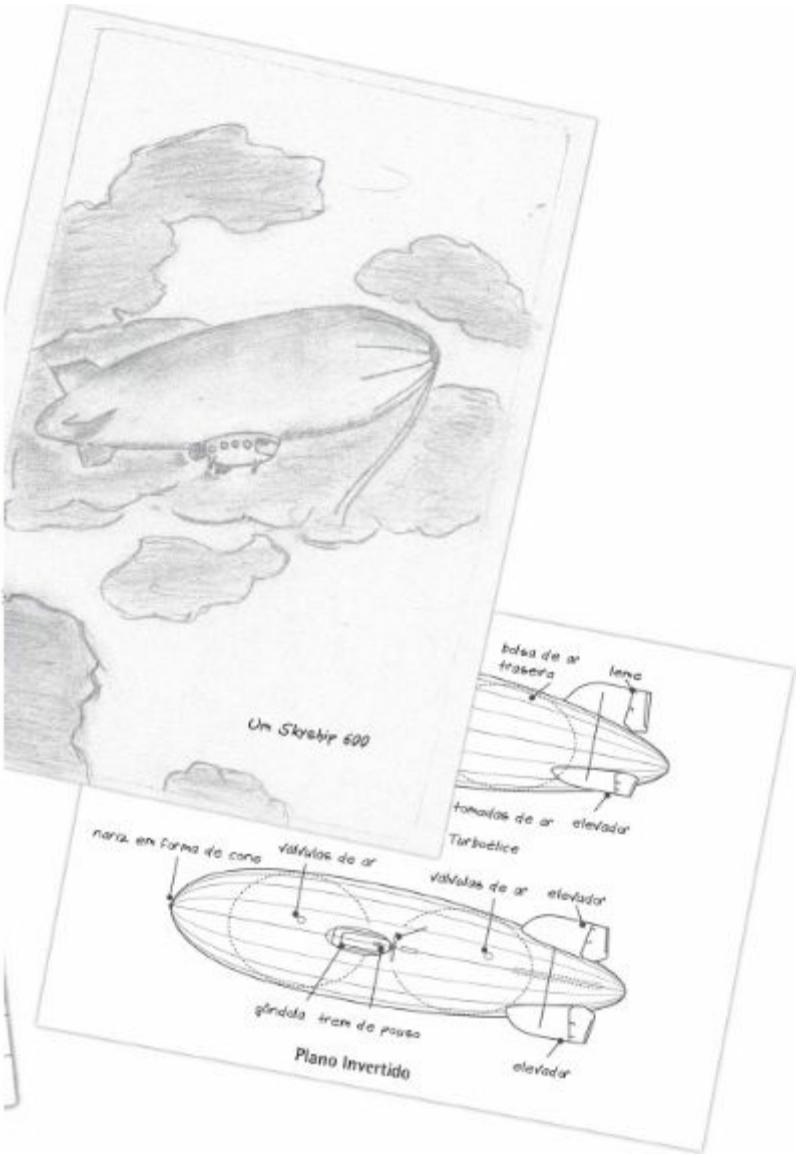
2. O primeiro dirigível com motor foi construído em 1852 por um inventor chamado Henri Gifford. Era impulsionado a vapor.

3. Um dos mais famosos dirigíveis foi o *Hindenburg*. Era como um grande hotel nas nuvens, mas pegou fogo em 1937 e explodiu.

4. Durante a Segunda Guerra Mundial, os dirigíveis escoltaram cerca de 89.000 comboios de navios que transportavam alimentos e suprimentos. Nenhum dos navios jamais foi afundado pelo inimigo. Os dirigíveis flutuavam acima dos submarinos alemães U-boats e os bombardeavam. Eram fantásticos porque voavam tão devagar que não eram identificados pelos radares.

5. Os dirigíveis não são bons no ataque, mas são excelentes na defesa.

6. Um Skyship 600 (o dirigível em que você) tem 59 metros de largura e 20,3 metros de altura. Tem um diâmetro de 15,3 metros e seu volume de envelope é de 7.004 metros cúbicos.


Um Skyship 600
bolsa de ar traseira
leme
tomadas de ar
elevador
Turbohélice
nariz em forma de cone
válvulas de ar
válvulas de ar
elevador
gôndola
trem de pouso
elevador
Plano invertido

PERFEITO

6 de março

Algumas coisas são perfeitas do começo ao fim.

Uma delas é subir em um dirigível.

Tivemos de andar de carro quase o dia inteiro. Estava muito frio. O céu tinha uma cor cremosa, sem nuvens, com apenas o círculo do sol em um tom prateado e débil. A neve quase derretera por completo, sobrando apenas pequenos *icebergs* amarelos na margem da rodovia. Bella e eu estávamos afundados em cobertas e cobertores no banco de trás do carro.

O dirigível ficava em um grande campo aberto perto de Helvellyn cheio de gente, caminhões e equipamentos. Estava atracado sobre um carro com retranca, que é uma espécie de van com uma retranca em cima que pode ser colocada na frente do dirigível. Havia pelo menos umas vinte pessoas tomando conta dele. Tivemos de esperar uma eternidade enquanto eles faziam isso e aquilo, como checar os instrumentos e reabastecer o tanque. E então Stanley e o co-piloto, Raoul, nos mostraram o interior.

A maior parte do dirigível é o envelope, que é como um longo balão de ar quente, em forma de caroço de feijão. Todas as outras partes que não são o envelope ficam em uma cabine na parte de baixo chamada gôndola. Os motores ficam atrás, há uma cabine com assentos para os passageiros e um compartimento de vôo onde ficam os pilotos. O compartimento de vôo tem dois assentos, um monte de botões e medidores e uma direção, que é usada para manobrar. Stanley e Raoul deixaram que eu e Bella nos sentássemos nos assentos dos pilotos e passaram um tempo enorme explicando como tudo funcionava. Depois nos mandaram sentar no lugar reservado aos passageiros. Éramos os únicos.

A terceira melhor coisa sobre um dirigível é a decolagem. Primeiro vem a emoção quando os motores começam a zunir. O barulho aumenta cada vez mais até que, de repente, o dirigível sobe quase em linha reta e você é forçado para baixo no assento. É incrível.

Quando o dirigível se estabilizou, os pilotos deixaram que soltássemos os cintos de segurança e andássemos pela cabine. Stanley e Raoul permitiram que entrássemos também no compartimento em que estavam. Stanley me deixou segurar a direção e virá-la para esquerda e para direita. Posso dizer, então, que “pilotei” um

dirigível. E essa foi a segunda melhor coisa.

Stanley nos contou tudo sobre como você se torna um piloto de dirigível. Contou que começou pilotando aviões, mas experimentou voar em um dirigível e gostou mais. Você pode ver o chão pelas janelas de um dirigível e pode ver os pássaros voando perto, em vez de passar por eles, como fazem os aviões.

— Às vezes — contou —, um bando de patos nos ultrapassa, espia de volta e dá risadas!

Mas a melhor coisa de todas sobre um dirigível é o que você vê pelas janelas. Você pode abrir e se inclinar para fora, sentir o vento batendo em seu rosto e nos seus cabelos. Você pode ver tudo claramente, como em uma fotografia, todos os pequenos montes, as montanhas, os lagos, tudo aquilo passando devagar sob você.

Era uma sensação estranha a de olhar para fora, porque você estava meio que separado de tudo — não dava para falar com ninguém lá embaixo, nadar nos lagos ou subir as colinas —, mas ao mesmo tempo ainda fazia parte de tudo. Era como se você olhasse para um quadro, mas sem estar fora da moldura. Você estava lá dentro. Estava apenas percebendo tudo de um ângulo diferente, só que bem mais distante.

LISTA Nº 9 – MELHORES COISAS

1. Jogar longas batalhas de *Warhammer* com Felix. Daquelas em que acabávamos em uma grande guerra com as peças e esqueciamos quem estava ganhando.

2. Manobrar um dirigível.

3. Aquela briga de água que tivemos durante um acampamento de verão da escola em que tudo ficou ensopado – inclusive a comida da semana inteira.

4. Explodir coisas com a Sra. Willis.

5. Aquela vez no hospital em que roubamos um carrinho e passamos a tarde toda descendo os corredores enquanto todo mundo na enfermaria nos procurava.

6. Andar de trenó.

7. Quando cheguei ao topo da escada rolante que descia.

8. Ter andado doze vezes sem parar na montanha-russa chamada Ultimate no parque de Lightwater Valley junto com meus primos.

9. Descer a ladeira de bicicleta, o mais rápido possível, sem brecar, até chegar ao fim.

10. Sentir que posso fazer tudo. Até mesmo ir à Lua.

UMA DECISÃO

7 de março

Na manhã depois que voltamos para casa, Annie veio nos ver. Ela apareceu duas vezes; na primeira vez, para tirar sangue para um exame e limpar meu tubo; na segunda vez, para me dar plaquetas.

Na segunda vez, ela sentou-se no chão e conversou comigo. Contei tudo sobre o dirigível e o chalé em que dormimos, e mostrei as fotos na câmera de papai.

— Parece maravilhoso — disse ela.

— Foi — concordei. — Foi fantástico. A melhor coisa do mundo.

— Que bom, Sam. Mas olhe, me conte: como você está se sentindo? De verdade?

Eu não queria falar sobre isso.

— Estou bem.

— Sam — disse mamãe, e olhou para Annie. — Eu queria mesmo falar com você, Annie. Ele tem se sentido muito cansado, adormece durante o dia... Pensei que fosse a morfina, mas...

— Eu não adormeci no dirigível — disse, irritado. Não sei por que mamãe tinha de contar para Annie tudo aquilo. Mas acho que Annie já sabia. Mamãe continuou falando mesmo assim.

— Ele está sentindo mais dores nos ossos, embora agora tenhamos controlado isso. Eu fico pensando... — fez uma pausa. — O medicamento que eles deram a ele no hospital parece que não está mais surtindo efeito. Será que deveríamos conversar com o Bill para tentar alguma outra coisa?

Annie demorou muito tempo para responder.

— Se a quimioterapia não está funcionando, não há muita coisa que possamos oferecer a essa altura.

Meu estômago se contorceu. *Sabia* que Annie diria aquilo. E não fui só eu que fiquei tenso. Mamãe também. Ela disse:

— Mas eu pensei... Bill disse que teríamos um ano.

— Até um ano — disse Annie. E olhou para mim. — Sinto muito.

Pareceu muito sincera.

— Mas... — disse mamãe, assustada. — Então devemos *parar*?

Eu não queria ouvir. Encostei em mamãe e pus minha cabeça em seu peito. Ela me abraçou.

— Ninguém vai forçar nenhum de vocês a fazer alguma coisa que não queiram fazer — Annie estava dizendo. — Mas...

"Vocês, vocês, vocês", pensei. Sou *eu* que tenho de tomar a decisão! Senti meu rosto ficar vermelho de raiva. Lembrei-me de tudo, dos comprimidos, das injeções, das salas de espera nos hospitais, tudo isso e nada me fez melhorar. Eram apenas coisas absurdas para eu passar o tempo me preocupando.

— Quero parar — disse. — Annie disse que não funciona mais. Então acho que devemos parar de nos preocuparmos.

Annie me interrompeu. Mamãe e ela olharam para mim.

— Tem certeza? — Annie perguntou.

— Tenho.

E eu tinha.

— É minha vida. Não quero passar o resto dela tomando drogas horríveis que não adiantam nada.

Meus músculos ficaram tensos, esperando que mamãe começasse a discutir. Mas ela não começou. Apenas sacudiu a cabeça algumas vezes e deu uma risadinha insegura.

— Está bem — disse ela. — Certo. Se é assim... — ela respirou fundo. — Quanto... quero dizer... quanto tempo teremos se ele não tomar mais nada?

Annie segurou a mão de mamãe.

— Pode ser até dois meses — disse ela — ou pode ser apenas umas duas semanas.

Mamãe olhou para ela.

— Dois meses — repetiu, e as lágrimas começaram a deslizar por suas faces. — Meu Deus! — ela gritou. — Era para termos um ano!

Escondi meu rosto em seu ombro.

— Não chore — pedi. — Por favor, não chore. Direi a Ele que assim não dá — disse para fazê-la sorrir. — Quando me encontrar com Ele.

Mamãe apertou meu ombro.

— Faça isso por mim — disse ela, e deu um sorriso trêmulo. — Pode dizer a Ele que queremos nosso dinheiro de volta.

~~~

Mais tarde, quando as duas saíram, fiquei sentado com o gato no meu colo, olhando pela janela. Columbus esfregava a cabeça no meu pulso, querendo ser afagado. Senti-me pesado e vazio por dentro. "Dois meses", pensei. E depois: "Duas semanas!"

Desejei tanto que Felix estivesse ali! Fiquei imaginando o que ele diria. Cheguei a vê-lo, inclinando-se na sua cadeira, com o chapéu fedora cobrindo a testa. "Duas semanas!", eu disse a ele.
~~~

“Bem, então”, disse o Felix imaginário, alegremente, “faça delas o melhor que puder. Porque eu faria. Imagine só: eles jamais dirão não para você de novo!”

Pisquei. Será que Felix diria mesmo aquilo? Talvez. Fiquei pensando.

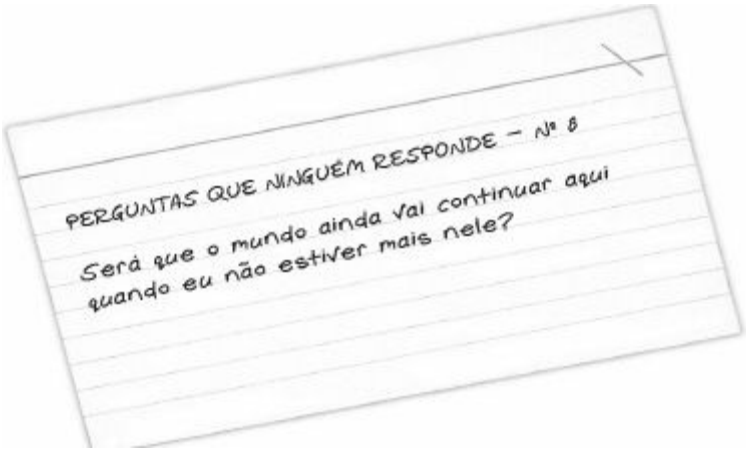
“Mas não tem mais nada que eu quero”, eu disse a ele. E era verdade. Pelo menos nada que mamãe e papai pudessem me dar.

Felix sacudiu a cabeça. “Pensei que você quisesse ver a Terra do espaço. Isso você ainda não fez, não é?”

Levantei-me um pouco. “Mas esse desejo não era de verdade. Não era um desejo que eu pudesse realmente realizar.”

Felix, porém, jamais deixaria que eu escapasse impune dessa. Tínhamos batido um recorde mundial. Tínhamos visto um fantasma. Ou uma espécie de fantasma. Até mesmo o Felix imaginário não deixaria que eu escapasse impune dessa.

“Seu medroso”, disse ele. E sorriu para mim. “Vamos! Desafio você a realizar esse sonho.”


PERGUNTAS QUE NINGUÉM RESPONDE – Nº 8
Será que o mundo ainda vai continuar aqui
quando eu não estiver mais nele?

A LUA E A MACIEIRA

8 de março

Quando eu era pequeno, vi em um programa de tevê um astronauta falando sobre como ele viu a Terra lá de cima. Era como um globo gigante no meio do espaço, só que vivo, e ele podia ver os mares e as montanhas, as cidades e as nuvens *Lá embaixo está toda* ". Lembro-me de que pensei: "Vou fazer isso quando crescer". Não imaginei quanto seria difícil.

E agora era a única coisa da minha lista que faltava realizar.

Fiquei pensando em uma maneira de poder fazer isso. Talvez pudesse ligar para uma instituição de caridade e pedir que eles me levassem aos Estados Unidos, me colocassem no foguete e o mandassem para o espaço. Mas provavelmente não daria certo. Ou talvez houvesse um jeito meio desonesto como: "Se eu já vi a Terra de cima de um dirigível, será que não conta?" E já vi fotos da Terra tiradas do espaço. Era um jeito de realizar o desejo. Só que não era o que eu queria. Era como dizer que você queria conhecer a rainha da Inglaterra pessoalmente e, em vez disso, recebesse uma foto dela.

Fiquei deitado no sofá durante muito tempo, sem fazer nada, só pensando nisso. Então adormeci.

~~~

Quando acordei, estava na minha cama. Era noite. Meu quarto estava escuro. Muito escuro. As sombras eram diferentes, como da vez que nevou e a luminosidade ficou mais brilhante — era assim, mas dessa vez tudo ficou mais escuro. Fiquei deitado de lado, tentando compreender aquela coisa estranha que acontecera. E então compreendi. A iluminação dos postes na rua tinha desaparecido.

Sentei na cama e liguei o abajur. Nada. "Faltou energia!", pensei. "Já é noite, faltou energia e todo mundo está dormindo, exceto eu." Enquanto formulava esse pensamento, senti uma estranheza, uma excitação agitada. E então não consegui ficar mais na cama.

Levantei-me e fui até a cozinha. Sabia onde estava a lanterna — em uma gaveta onde tinha de tudo: martelos, arame, cola —,mas tive de remexer muito para achá-la. Fiquei com medo de que mamãe e papai me ouvissem e descessem. Quando fui ao corredor para pegar meu casaco, não me atrevi a ligar a lanterna, com medo de que eles vissem o facho. No fim, acabei colocando o casaco de meu pai, o gorro da
~~~

minha avó e o tênis de mamãe; depois saí para o jardim.

Não estava tão frio como imaginei. Estava estranhamente claro. Nosso jardim não era mais o nosso jardim; era uma massa de sombras luminosas e prateadas, com formas sólidas escuras que viravam árvores e arbustos quando eu as iluminava com a lanterna. E o silêncio era estarrecedor. Fiquei parado muito tempo no degrau da porta, tentando distinguir tudo. *Ali ficava* o pátio, onde eu costumava espalhar as minhas peças de Lego. *Lá estava* o laguinho que eu e meu primo Pete construímos. Passamos o dia inteiro cavando. Depois meu pai e meu tio Leigh fizeram o resto. Eu e Pete então roubamos ovas de sapo do canteiro de vovó para pôr no laguinho. Até hoje ainda tem sapos nele. Os bisavôs de nossos girinos.

O laguinho parecia maior na escuridão. Não era tão amplo assim. Eu e Bella podemos pulá-lo sem esforço nenhum. Ou *podíamos*. Não tentei pulá-lo desde que fiquei doente de novo.

"Duvido que você possa", pensei. "Duvido." Eu sabia que tinha de pular.

Olhei para o laguinho, calculando o tanto que eu precisava pular, tentando não pensar no que poderia acontecer se eu errasse. Corri até a beirada e pulei.

Pisei com tudo no chão e caí para a frente me apoiando nas mãos e nos joelhos, quase sem fôlego, a lanterna deslizando para a grama. Fiquei imóvel, esperando ouvir papai e mamãe chamando. Mas não chamaram. Sentei e me examinei. Nenhum sangramento. Manchas roxas, provavelmente, mas já estava cheio de feridas mesmo, então não tinha importância. "Pulei!", pensei comigo. A excitação correu em mim como uma carga elétrica e pensei: "Que mais posso fazer agora?"

Nosso jardim não era tão grande assim. Havia o laguinho e o gramado, com canteiros de formas irregulares, tudo muito bem arrumado. No fim do jardim, havia uma macieira e uma cerca viva com outra de madeira atrás. Dava para você andar entre a cerca viva e a de madeira, como uma passagem secreta.

"É isso que farei", pensei. "Vou atravessar a passagem secreta no meio da noite." Quando cheguei perto e vi a macieira, tive uma idéia melhor. Coloquei a lanterna no bolso do casaco e comecei a subir.

Foi mais difícil do que imaginei. Primeiro porque estava calçado com os tênis de mamãe e eles ficavam saindo dos pés o tempo todo. Precisei torcer os dedos contra eles para segurá-los. Além disso eu estava só de pijamas e minhas pernas estavam se arranhando. Antes eu vivia subindo na macieira, no outono, sem problemas. Esta vez, porém, foi a mais difícil de todas. Era complicado achar um apoio para os pés. Até passar de um galho para o outro era uma tortura. Deixou de ser divertido. "'Vou cair", pensei. "Vou cair. Vou cair." Sabia que devia voltar. Mas não voltei. Continuei lutando e subindo, com braços e pernas doendo, até chegar ao topo.

Foi nesse momento que vi.

Onde moro, não dá para ver estrelas muito bem. Algumas sim, mas não de

verdade. Papai diz que é por causa das luzes da rua.

Naquela noite, não havia luzes. E tudo o que eu via, milhas e milhas e milhas à frente, até o universo fazer a curva nos cantos do céu, eram as estrelas. Havia a constelação de Órion, a Ursa Maior e várias outras cujos nomes eu desconhecia. E lá no meio, enorme, redonda, um globo prateado: a Lua.

Fiquei olhando, fascinado. Nunca tinha visto a Lua tão grande assim, ou tão luminosa. Parecia que alguém tinha cortado um círculo de papel prateado com uma grande tesoura e colado no céu. Não sei por que foi tão maravilhoso — talvez porque ainda estivesse cansado e trêmulo, ou talvez porque estivesse absolutamente sozinho no meio absoluto de uma noite profunda, ou ainda talvez pelo que Annie me falara. Não sei. Só sei que fiquei sentado lá em cima, olhando fascinado pelo que me pareceu horas e horas.

~~~

Não quero escrever nada sobre a descida ou a tentativa de achar um pijama limpo, sem manchas verdes dos galhos, quando tudo o que eu queria era dormir por horas e horas. A Lua e o céu foram as partes importantes. E, embora saiba que o que fiz não foi a mesma coisa que ver a Terra do espaço — não era mesmo o que queria, quando escrevi sobre o desejo —, estava tudo bem. Era a *sensação* que eu queria, mais do que qualquer outra coisa. E isso eu senti.

Não é engraçado? Quando escrevi a lista, nunca, mas nunca mesmo, pensei em realizar qualquer uma delas. Não eram coisas para se realizarem de verdade. Eram apenas... coisas. Idéias.

E agora realizei todas elas.

~~~

POR QUE TEMOS DE MORRER?

Posso entender quando alguém velho morre. Você não ia querer viver para sempre. Li um livro uma vez sobre algumas pessoas que viveram para sempre e não gostaram muito. Ficaram entediadas, velhas, solitárias e deprimidas. E também tem as coisas mais práticas, por exemplo: se ninguém morresse e as pessoas continuassem a nascer, o mundo ia ficar cada vez mais cheio, até que um teria de ficar no topo da cabeça do outro, e aí teríamos de viver embaixo da água ou em Marte e, mesmo assim, ainda não haveria lugar suficiente.

Sei disso tudo.

No entanto, isso não explica por que crianças precisam morrer.

Vovó diz que é errado olhar as coisas a partir desse ponto de vista. Ela diz que morrer é como lagartas virando borboletas. Ela diz que é claro que é assustador, como também deve ser para as lagartas quando entram no casulo. Mas o que aconteceria se, por exemplo, as lagartas saíssem por aí dizendo “Ah, não, chegou a hora de entrar no casulo, não é justo”? Não haveria borboletas — é isso que aconteceria.

O que ela quer dizer é que é o próximo estágio no ciclo da vida. Como se transformar em Homem-Aranha tenha sido o próximo estágio no ciclo da vida de Peter Parker. Então eu não deveria ter medo, deveria ficar empolgado. Não é que esteja com medo. Será apenas uma volta ao que era antes de alguém nascer e ninguém tem medo antes de nascer.

Na minha velha escola, costumávamos preparar ciclos de vida. Sei tudo sobre o ciclo da água, o ciclo do carbono e o ciclo do nascimento das estrelas. Tem a ver com coisas velhas que morrem e coisas novas que nascem. Velhas estrelas formando novas. Folhas mortas se transformando em plantinhas. Pode ser algo que morre ou pode ser algo que nasce. Depende do ângulo que se escolhe.

DIFERENTE

26 de março

As coisas são diferentes agora.

Não mais vou à clínica. Annie vem com mais freqüência. Se ela não vem, telefona para mamãe e conversa com ela.

As pessoas vêm nos visitar. Minha avó e meu avô vieram de Orkney e ficaram na casa da minha avó daqui. Tia Jane veio e me deu um elefante enorme de madeira, e tia Nicola veio de Edimburgo, me deu um livro sobre castelos e partiu na mesma noite. Tio Richard veio enquanto eu estudava com a a Sra. Willis. Estávamos decidindo em que ordem pôr as listas e as histórias e as coisas no meu livro. Mamãe pediu que eu fosse falar com ele, mas não fui. Mamãe ficou com raiva e disse que ele veio de Lincoln para me ver. Também fiquei com raiva. Eu não queria ficar paparicando tios e tias o dia inteiro.

— Quero fazer minhas coisas! — exclamei. — Não me dão tempo para fazer minhas coisas!

Abaixei a cabeça sobre o meu caderno e não olhei para ela.

A Sra. Willis disse então que talvez não devesse vir com tanta freqüência.

— Não! — disse eu. — Quero que continue vindo.

Tio Richard ficou chateado e disse que não queria causar problemas. Ele me deu um pulôver estampado com os dizeres “SURFING USA”. Ele e mamãe ficaram conversando no sofá, enquanto eu e a Sra. Willis tentávamos trabalhar.

Depois disso, mamãe avisou para as pessoas que elas só poderiam ficar vinte minutos e não deveriam me visitar quando eu estivesse em aula. As aulas não acontecem com regularidade como antes. A Sra. Willis telefona antes de vir, caso eu esteja dormindo ou qualquer coisa assim. Durmo muito agora. Tem suas vantagens. Uma amiga de mamãe, a Maureen, veio nos visitar três vezes na semana passada e eu fechei os olhos bem apertados e fingi que dormia.

Bella anda esquisita também. As pessoas querem levá-la ao cinema ou a aulas de dança e coisas parecidas, mas ela nunca vai. Também não quer ir à escola. Mamãe briga com ela todo dia de manhã. Na maioria das vezes, ela faz Bella ir para a escola, mas às vezes ela consegue ficar em casa. Quando mamãe a deixa ficar, Bella vira a escoteira mirim. Entra no meu quarto com as mãos para trás e pergunta:

— Mamãe quer saber se você quer alguma coisa...

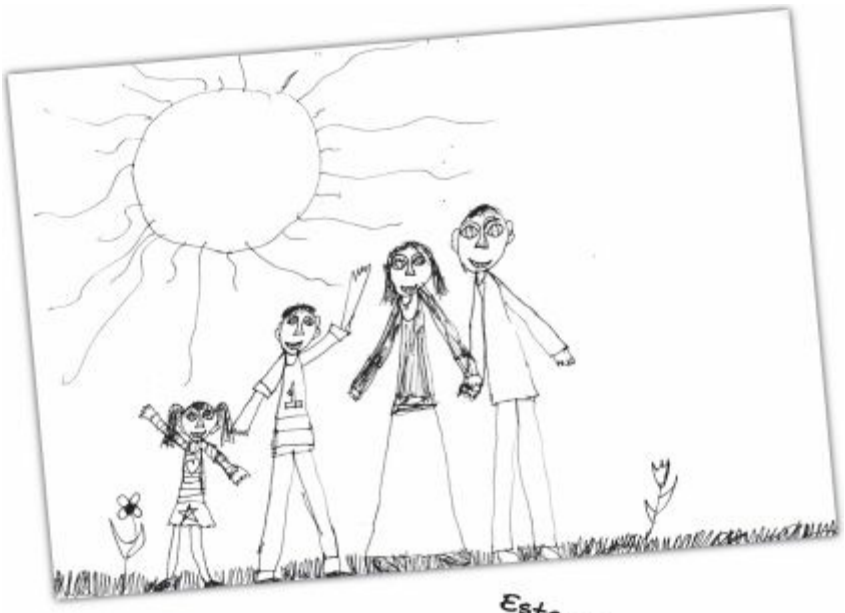
Essa é a maneira de mamãe dizer: “Você quer comer alguma coisa?” Ela teve uma conversa longa com Annie porque não estou me alimentando direito. Agora ela não me faz comer pratos feitos, apenas me dá pedacinhos de frutas ou sorvete. Então ontem eu respondi: “Sim. Quero uma cerveja e uma lancha”. Bella começou a rir e voltou correndo para mamãe. Demorou muito tempo para voltar, mas, quando voltou, estava usando um avental grande, como o de um cozinheiro, carregando uma bandeja com uma garrafa de cerveja que ela foi buscar no vizinho e dando risadas.

Ontem, mamãe deixou Bella ficar em casa, porque tive um sangramento de nariz tão grande que acordei todo mundo no meio da noite. A Sra. Willis disse que ela podia ter aula junto comigo.

— Você também não vai querer escrever um livro, ou vai? — perguntou ela. Bella negou com a cabeça.

— Vou fazer desenhos para o livro do Sam — disse ela.

Eu não queria os desenhos infantis de Bella no meu livro, mas não disse isso a ela. Talvez um só. Ela fez um desenho com a família inteira. Mamãe e papai de mãos dadas e eu e Bella acenando. Havia uma grama pontiaguda escura, flores e um sol grande e lindo com raios grandes movimentando-se por todo o céu.



Este é o desenho de Bella.

PÁSSAROS DE BARRO

29 de março

Eu não só durmo muito. Quando acordo, não fico acordado de verdade. Estou cansado e todo meu corpo dói. Não consigo escrever e não consigo pensar.

Quando a Sra. Wills veio hoje, eu disse que não queria fazer nada. Ela não me forçou. Em vez disso, trouxe um balde de argila do carro e fizemos coisas. Colocamos jornais sobre a mesinha da sala e espalhamos a argila em cima. Alguns pingos caíram no carpete, mas mamãe não brigou. Ela disse que lavando com sabão e água ficava limpo... e ficou.

O barro era perfeito, escuro, úmido, macio e deslizante. Segurei-o nas mãos, apertei e ele escorregou de uma mão para a outra. Moldei bolas e pequenos aviões, fósseis de mentirinha para enterrar no jardim e confundir os geólogos. Escrevi meu nome com uma faca. Sam Oliver McQueen. S.O.M. Sam.

A Sra. Willis fez um barquinho para mim, com mastro e uma vela de barro, mas sem uma quilha porque é um barco a vela e não se pode ver a quilha embaixo da água. Ele tinha uma bandeira no topo do mastro, com o barro dobrado para parecer que a bandeira voava.

— Para onde está indo? — perguntou ela.

E eu disse:

— Para a África.

Fiz um pássaro redondo de barro para Bella — um melro negro porque Bella tem cabelos negros. Fiz uma coruja para papai, com óculos redondos de coruja, como os dele, e penas que desenhei com a faca. Fiz um pardal para mamãe, por causa da história na Bíblia dos dois pardais que foram vendidos por uma moeda de pequeno valor. Ninguém achava que eles valiam alguma coisa, mas Deus os conhecia pelo nome.

A Sra. Willis disse que levaria os pássaros e meu barco para queimar na fornalha de um amigo dela e assim eles ficariam duros para sempre. Ela disse que, quando viesse da próxima vez, poderíamos pintá-los e dá-los de presente.

Eu poderia presenteá-los assim que a tinta secasse, ela disse. Ou poderia guardá-los para oferecê-los mais tarde, se assim preferisse.

POST CARD
Caro Sam,
Obrigado por nos deixar lhe mostrar nosso dirigível. Espero que você tenha se divertido naquele dia tanto quanto nos divertimos. Aqui vai um DVD do nosso anúncio, que será transmitido no outono.
Tudo de bom,
Stanley e Raoul
Caro Sam,
Estou enviando dois vídeos do Homem-Aranha, um livro com adesivos de futebol e um telescópio. Mando também alguns dos CDs com as músicas mais horríveis do meu irmão. Divirta-se.
Seu,
Mickey
PS: Mamãe manda lembranças.

Caro Sam.
Estamos pensando em você.
Com muito carinho.
Vovó e Vovô
pensando em você.
Caro Sam.
Todos sentimos saudade de você na clínica – aposto que a recíproca não é verdadeira! Aqui vai um fato para o seu livro: mais pessoas doam sangue SEM RECEBER dinheiro do que quando recebem. Agora me explica essa se puder.
Dr. Bill.

PRESENTES

3 de abril

Hoje a Sra. Willis trouxe os pássaros de volta.

O fogo da fornalha secou e endureceu a argila e depois a deixou rosa-claro. Pesquisamos sobre pardais, corujas e melros em uma enciclopédia de pássaros que mamãe tem para fazermos as cores exatamente iguais. A coruja de papai chama-se Bufo-Real e a escolhi porque são corujas enormes com cara de bravas. Elas têm penachos, que são orelhas pontudas e rentes, mas as orelhas da minha eu apenas pintei no topo da cabeça. O pássaro de mamãe é uma ferreirinha-comum, com barriga cinza e olhos pequenos. A ferreirinha-comum e o bufo real são bem diferentes, mas possuem as mesmas cores: castanho-escuro com manchas pretas.

“Diga-me com quem andas e eu te direi quem és” disse a Sra. Willis, colocando os dois pássaros lado a lado para secar.

O pássaro de Bella foi fácil. Penas negras brilhantes e um bico amarelo, embora a fêmea do melro não seja negra. O melro negro do livro tinha a cabeça esticada para o ar e uma centelha no olho. Parecia-se com um pouco com a Bella quando se prepara para uma briga.

“Bella vai ficar bem”, pensei, e pintei um sorriso no pássaro dela. Pássaros não sorriem, mas corujas também não usam óculos e a de papai usava, então não tinha problema.

~~~

Depois que a Sra. Willis foi embora, dormi de novo. Quando acordei, fiquei
~~~

deitado no sofá e pensei na Sra. Willis, na minha avó e em Annie. Elas também precisavam de presentes, mas a argila tinha acabado e eu não sabia fazer mais nada, além de bolos. E não se pode guardar bolos. Queria dar um presente que as fizessem não se esquecerem de mim. Quero dizer, sei que vovó tem um monte de fotos minhas, mas a Annie e a Sra. Willis não têm.

Levantei e fui procurar mamãe. Ela estava sentada à mesa, olhando para o jardim.

— Oi, meu bem — disse ela, quando me aproximei e me sentei ao seu lado. Ela me abraçou. — Como está se sentindo?

— Bem. — respondi. Encostei a cabeça no seu ombro. — Você tem alguma foto minha?

— Devo ter uma ou duas em algum lugar — disse mamãe. — Por quê?

— Quero fazer alguma coisa para Annie, para vovó e para a Sra. Willis. Pensei que poderíamos fazer molduras, com fotos, só que usamos a argila toda.

— Pode deixar que vou pensar em alguma coisa — disse mamãe.

Passamos uma tarde muito legal. Mamãe encontrou algumas molduras velhas e colamos uns mosaicos que sobraram do banheiro. Quando a cola secou, preenchemos os espaços com cimento mole para esconder a moldura antiga. Quando alguém aparecia para visitar, tinha de nos ajudar. Caí no sono enquanto eles completavam o trabalho. Quando acordei, mamãe, o pastor e as duas senhoras da igreja dela tinham as mãos sujas de cimento mole e continuavam a trabalhar nas molduras.

Esta é a Terra vista do espaço. Estou aqui.
Saturday
4
Esta é a vista que se tem do nosso dirigível.
THE AVENGING ANGEL
Esta é a bolacha para cerveja do pub Anjo Vingador.

PRIMAVERA

11 de abril

Quando acordei hoje, a luz do sol entrava pela janela. Fiquei deitado de lado, olhando a luz do Sol dançando nas paredes. O ar também estava limpo e cheio de luz.

Levantei-me e fui para a sala. Caminhei bem devagar e com muito cuidado. Senti-me estranho e tonto. O mundo parecia diferente — do jeito que ele parece às vezes, quando você percebe que é aquela pessoa observando o mundo e de repente compreende como o mundo é estranho. Ali estavam o sofá, o velho elefante de pelúcia de Bella, o suporte para soro — era como se estivesse olhando tudo em uma tela de televisão pela primeira vez e percebesse como era estranho fazer parte desse mundo, olhando para aquelas coisas brilhantes que estavam *aqui* e eu também estava *aqui*, mas ao mesmo tempo eu não estava, eu estava separado de tudo, observando de um outro lugar.

Talvez você não compreenda o que quero dizer, mas foi assim que me senti.

Bella estava no sofá, assistindo desenhos animados, ainda de pijamas. Mamãe, papai e vovó dividiam um jornal de sábado sobre a mesa de jantar. Todos olharam para mim quando entrei.

— Olhe — disse mamãe, levantando a mão. — A primavera chegou.

Olhei pela janela. O sol brilhava, o céu azul de uma ponta a outra, dava para ver pela primeira vez os pequenos brotos de folhas se abrindo nas árvores.

Sentei-me ao lado de papai. Ainda me sentia estranho. Como se não estivesse ligado ao resto do mundo.

— Annie vai chegar daqui a pouco — disse mamãe.

— Podemos convidar a Sra. Willis também? — perguntei. Olhei significativamente para ela. Ela compreendeu de imediato.

— Claro. Podemos sair e sentar no jardim.

~~~

Estava meio frio no jardim, mas ninguém se importou. Mamãe ficou preparando as coisas na cozinha por muito tempo, fazendo chá, trazendo biscoitos, até que eu finalmente reclamei.

— Mamãe *Mamãe*.

Então ela pôs o pote de chá na mesa e disse:
~~~

— Sam tem algo para vocês.

Eles gostaram dos presentes. Papai gostou demais de sua coruja, disse que ia comprar um pouco de gel para os cabelos e fazer penachos para assustar todas as pessoas que trabalhavam para ele. A Sra. Willis disse que nunca recebeu um presente tão lindo e que era muito melhor do que uma pedra de rim que um de seus alunos tinha dado a ela certa vez. Todos os adultos ficaram sentados conversando por muito tempo. Bella ficou entediada e foi jogar swing-tennis no jardim, mas eu não estava com vontade. Fiquei sentado, observando todo mundo, tentando retê-los firmes na minha lembrança, até que logo adormeci.

LISTA Nº 11 – PARA ONDE VOCÊ VAI QUANDO MORRER?

1. Você pode virar um fantasma e assombrar as pessoas. Pode fazer uma visita à sua família e mostrar a eles que está bem. Pode voar, ficar acordado a noite inteira, entrar no cinema ou nos parques de diversão sem pagar.

2. Você pode reencarnar e nascer de novo como outra pessoa – ou outra coisa. Eu quero ser um lobo. Ou um extraterrestre.

3. Você pode ir para o Céu.

4. Você pode ir para o Inferno.

5. Você pode ir para o Purgatório, que é o lugar para onde você é mandado se não for bom o suficiente para o Céu, mas não mau o suficiente para o Inferno. Você flutua pelo Purgatório por anos e anos até ser bom o suficiente para entrar no Céu.

6. Você pode se tornar parte de tudo e virar uma nuvem ou uma árvore.

7. Pode ser simplesmente como cair no sono.

8. Pode ser uma mistura de tudo que listei. Ou algumas pessoas podem fazer uma coisa e outras pessoas podem fazer outra.

9. Pode ser também alguma coisa completamente diferente. Ninguém sabe.

SONHANDO

12 de abril

Desta vez, quando dormi, sonhei.

Sonhei que estava dormindo na cama grande de papai e mamãe de novo. Mamãe e papai estavam lá também. E Bella. Era de manhã cedo. Vi a luz que vinha das janelas e o céu, cremoso, frágil e tranqüilo. Não havia nuvens. Vi tudo precisa e claramente. Vi as cortinas esvoaçando com a brisa. Vi a macieira no jardim coberta com brotos.

No meu sonho, estávamos todos dormindo. Bella dormia de costas ao meu lado. Seu rosto estava rosado, e notei os músculos se movendo sob a pele, por isso sabia que ela sonhava. Papai tinha um braço sobre ela. As costas de sua mão tocavam de leve na minha. Mamãe dormia de lado, aconchegada a mim. Senti seus cabelos roçando minha nuca, leves e macios.

Eu também dormia, sentindo-me confortável no ninho da minha família, mas era como se estivesse do lado de fora de mim mesmo. Assistia a mim mesmo dormindo, de cima. Não havia luzes brilhantes. Não havia anjos. Somente papai, mamãe e Bella, todos dormindo na cama grande comigo, e ao mesmo tempo eu estava acima deles, observando, enquanto eles ficavam cada vez menores e distantes.

~~~

Acordei. Estava mesmo deitado na cama grande, como no meu sonho. O quarto era banhado por uma luz leve e suave e uma calma de início de manhã. Mamãe dormia de lado. Papai estava acordado ao meu lado. Quando me viu olhando, sorriu para mim.

— Oi — disse ele, e estendeu a mão. Segurei-a firmemente na minha.

— Por que estou na sua cama? — perguntei.

— Porque você está com febre — disse ele.

Fiquei deitado, quieto. Senti-me muito estranho. Era como se meu corpo não me pertencesse mais; como se eu estivesse flutuando sobre ele. Senti-me pesado, velho
~~~

e muito cansado.

— Amo você — disse papai, de repente.

Ele parecia tão distante e sem importância...

— Eu sei — respondi.

Ficamos ali, só nós dois, silenciosos e parados, eu segurando seus dedos entre os meus. Então fechei os olhos e peguei no sono.

MORRENDO

1. Sam morreu no dia 14 de abril às 5h30 da manhã.

2. A causa da morte foi:

   Leucemia Linfoblástica Aguda.

3. A morte de Sam foi:

   a. Tranqüila
   b. Horrível, dolorida e agonizante
   c. Entre um e outro
   d. Não sabemos — estávamos na lanchonete
   e. Outro — favor detalhar

4. Ele estava:

   a. Em casa
   b. No hospital
   c. Na casa de seu melhor amigo, Felix
   d. No ônibus nº 37
   e. Outro — favor detalhar

5. Quem estava com ele:

   a. Toda a sua família. Mamãe, papai e Bella
   b. Ninguém
   c. Corpo médico não-específico
   d. A rainha da Inglaterra
   e. Outro — favor detalhar

6. O tempo estava:

a. Quente
b. Frio
c. Entre frio e quente
d. Chovia
e. Outro — favor detalhar

7. Outras informações:

Sam morreu tranqüilo durante o sono.
Não sentiu nenhuma dor.

LISTA Nº II – COISAS QUE QUERO QUE ACONTEÇAM DEPOIS QUE EU MORRER

1. Acho que um enterro tem de ser divertido. As pessoas não devem usar preto. Contem só as histórias engraçadas. e não as tristes. sobre mim.

2. Quem quiser ler meu livro pode. Não é segredo.

3. Podem dar a maioria das minhas coisas. Podem ficar com algumas delas. mas não é preciso ficar com tudo.

4. Bella pode ficar com meu quarto. porque é maior que o dela.

5. Ela pode ficar com minha bicicleta e o meu Playstation também.

6. Podem ficar tristes. mas não é permitido ficarem tristes demais. Se ficarem tristes toda vez que pensarem em mim. então como vão poder se lembrar de mim?

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um enorme “obrigada” a Julia Green e a todo mundo do maravilhoso mestrado em escrita para jovens da Bath Spa: Sandra-Lynne Jones, Kellie Jones, Julia Draper, Sian Price, Tara Button, Sarah Oliver, Lucy Staff, Sarah Lee e Liz Kernoghan. Sem vocês este livro não teria acontecido. Obrigada pelo incentivo, por dizer: “Não, Sally”, semana após semana e por todas as sugestões valiosas.

Obrigada às enfermeiras do CLIC, do Royal United Hospital de Bath, e ao Centro de Doentes Terminais Infantis em Bristol por terem respondido a todas as minhas dúvidas. Em particular, agradeço a Cylla Cole, do Bristol Royal Hospital for Children, por seu entusiasmo e por ter lido o manuscrito antes de ser publicado. Obrigada a Anna James por ter me informado sobre as plaquetas (“amarelas e moles”) e sobre a enfermaria de oncologia infantil (“surpreendentemente alegre”), e por ter me mostrado sua linha de Hickman.

Obrigada à minha querida mãe por ter acreditado em mim e me apoiado, e à minha família por todos os momentos da vida real que tomei emprestado para usar no livro. Obrigada ao pessoal da República de Stanley Road por terem dito “Claro que você deve se tornar uma escritora!” e por terem rido de mim de maneira incentivadora. Obrigada a Tom Harris por ter sorrido para mim tão carinhosamente por cima de um *laptop*. Obrigada a Raoul Sullivan por ter me contado tudo sobre a grandeza de um dirigível. Obrigada a Rosemary Canter por ter dito "sim".

Por fim, obrigada a Oliviero Napoli por fazer a escrita cursiva de Sam. Obrigada a Filipo Napoli por desenhar as figuras de Sam, a Freya Wilson por desenhar as de Bella, e a Nikalas Catlow, por desenhar as de papai. Também agradeço a Caro Humphries e a Tom Harris, por oferecer a escrita cursiva.

Sally Nicholls
Londres, 2007

Websites

www.clicsargent.org.uk
CLIC Sargent - Instituição de Caridade para Crianças com Câncer
www.leukaemia.org
Leucemia Infantil
www.macmillan.org.uk
Macmillan Apoio ao Câncer
http://www.graacc.org.br
Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer
www.helpthehospices.org.uk
National Hospice Charity
http://www.hope.org.br
Associação PRÓ-HOPE - Apoio à Criança com Câncer

LIVROS DE REFERÊNCIA

The Private Worlds of Dying Children (Os Mundos Secretos de Crianças Terminais), de Myra Bluebond-Langner

On Death and Dying (Sobre a Morte e o Morrer), de Elisabeth Kübler-Ross

Living with Death and Dying (Roda da Vida: Memória do Viver e do Morrer), de Elisabeth Kübler-Ross

Final Gifts: Understanding and Helping the Dying (Derradeiros Presentes: Compreendendo e Ajudando Doentes Terminais), de Maggie Callanan e Patricia Kelley

FICÇÃO PARA JOVENS

Two Weeks With the Queen (Duas Semanas com a Rainha), de Morris Gleitzman

A Menina e o Porquinho, de E.B. White

Becky Bananas: This is Your life (Becky Bananas: Esta é Sua Vida), de Jean Ure

Através do Espelho, de Jostein Gaarder

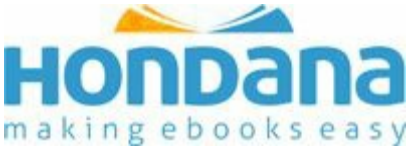
Eu Vi Mamãe Nascer, de Luiz Fernando Emediato

FICÇÃO PARA ADULTOS

Oscar and the Lady in Pink (Oscar e a Senhora Cor-de-Rosa), de Eric-Emmanuel Schmitt

Spoonface Steinberg (Steinberg, Cara de Colher), uma peça de Lee Hall

Powered by



(1) No original, os nomes são “Sam and Ella”, que formam um trocadilho com “Salmonella” (salmonela), uma bactéria (N. da T.).

(2) Como um pula-pula (N. da T.).

(3) Ashrita Furman, no dia 23 de julho de 1999. Ashrita Furman já bateu mais de sessenta recordes mundiais, incluindo o recorde para uma pessoa que bateu mais recordes mundiais (N. da A.).

(4) Improsperidade (N. da T.).

(5) Isso se chama suporte para soro. Eu tenho o meu próprio com adesivos de vampiros. Eles não o amarram a ele. Mas é assim que você se sente.

(6) No meu caso, leucemia linfoblástica aguda, meu corpo fabrica muitas células linfoblásticas, que são células brancas bebês. No entanto, o resultado é o mesmo.

(7) Vou a um dentista especial porque a quimioterapia acaba com os dentes.

(8) A Tia Sarah também deu a Bella um monte de pecinhas da coleção da família Sylvanian, o que é bom, porque senão ela reclama por não ganhar nada. Quando você está doente, ganha um monte de coisas de todo mundo, mas isso não funciona se você é apenas a irmã de alguém que está doente.

(9) É verdade. 'Leucemia' foi inventado por um cara chamado John Hughes Bennett em 1845. A primeira criança com leucemia foi diagnosticada em 1850. Dr. Bennett observou o sangue dela no microscópio e disse que estava cheio de ‘glóbulos esferoidais sem cor e granulados’. E isso eram os glóbulos brancos, mas na época ele não tinha como saber. A razão pela qual se gastava tanto tempo para diagnosticar uma criança com leucemia era porque as pessoas não levavam as crianças a hospitais por pensarem que elas transmitiam infecções. Coisa mais absurda, não é?

(11) Isso mesmo. Cartões de aniversário são mais pesados do que lapis. Tente pesá-los você mesmo e verá.

Table of Contents

Página de Título
Direitos Autorais
Sumário
Lista nº 1 — Cinco fatos a meu respeito
Um livro sobre nós
Por que gosto de fatos
Bella
Perguntas que ninguém responde — nº 1
Como você sabe que morreu?
Lista nº 2 — Cinco fatos sobre minha aparência
Mamãe e papai
Lista nº 3 — Coisas que quero fazer
A discoteca dentro do guarda-roupa
Perguntas que ninguém responde — nº 2
Uma batalha sangrenta
O espião francês ou a história de como conheci Felix
Por que Deus faz as crianças adoecerem?
Lista nº 4 — Coisas favoritas
Muito perturbador para assistir em casa
Minha vida em hospitais
Capitão Cassidy
Dr. Bill
Escadas rolantes
Perguntas que ninguém responde — nº 3
Cena de morte
A história dos passos de vovô
Eu e Marian
Fatos verdadeiros sobre caixões
Visitas
Por que eu quero um dirigível
Ser adolescente
Lista nº 5 — Como viver eternamente
Ir à Lua
A história das estrelas
Explosões
Supernova

Seqüestrando o telefone
A história da cura
Um telefonema
Perguntas que ninguém responde — nº 4
O que aconteceu
O que é morrer?
Sozinho na noite
Mamãe
Lista nº 6 — O que fazer quando alguém morre
Mais Brigas
Perguntas que ninguém responde — nº 5
Furos de bala
A história do homem que pesou a alma humana
Annie
Perguntas que ninguém responde — nº 6
O enterro
Coisas que aconteceram
Cai a neve
Perguntas que ninguém responde — nº 7
O que aconteceu no meio da noite
Lista nº 7 — Cinco fatos sobre papai
Surpresas
Um anúncio de sabão em pó
Lista nº 8 — Fatos fantásticos sobre dirigíveis
Perfeito
Lista nº 9 — Melhores coisas
Uma decisão
Perguntas que ninguém responde — nº 8
A Lua e a Macieira
Por que temos de morrer?
Diferente
Pássaros de barro
Presentes
Primavera
Lista nº 10 — Para onde você vai quando morre?
Sonhando
Morrendo
Lista nº 11 — Coisas que quero que aconteçam depois que eu morrer
Agradecimento